LUZIA RITA CHINCOVIAKI

PRÁTICAS DE LÍNGUA PORTUGUESA NO ENSINO FUNDAMENTAL: A LEITURA, A PRODUÇÃO DE TEXTOS E A ANÁLISE LINGÜÍSTICA NUMA CONCEPÇÃO SÓCIO-INTERACIONISTA

PONTA GROSSA
2005

Livros Grátis

http://www.livrosgratis.com.br

Milhares de livros grátis para download.

LUZIA RITA CHINCOVIAKI

PRÁTICAS DE LÍNGUA PORTUGUESA NO ENSINO FUNDAMENTAL: A LEITURA, A PRODUÇÃO DE TEXTOS E A ANÁLISE LINGÜÍSTICA NUMA CONCEPÇÃO SÓCIO-INTERACIONISTA

Dissertação apresentada como requisito parcial à obtenção do grau de Mestre em Educação, no Programa de Pós-Graduação em Educação, Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes da Universidade Estadual de Ponta Grossa.

Orientadora: Profª. Drª. Mirian Martins Sozim

PONTA GROSSA
2005

Ficha catalográfica elaborada BICEN/UEPG

Chincoviaki, Luzia Rita
C539p Práticas de língua portuguesa no ensino fundamental: a leitura, a produção de textos, e a análise lingüística numa concepção sócio-interacionista / Luzia Rita Chincoviaki. Ponta Grossa, 2005.
138 f. ; il.

Dissertação (mestrado) – UEPG – Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes – Programa de Pós-Graduação em Educação.
Orientadora: Profa. Dra. Mirian Martins Sozim

1-Práticas pedagógicas. 2-Leitura. 3-Produção textual. 4-Análise lingüística. 5-Sócio-interacionismo. I.T.

CDD: 371.1

TERMO DE APROVAÇÃO

LUZIA RITA CHINCOVIAKI

PRÁTICAS DE LÍNGUA PORTUGUESA NO ENSINO FUNDAMENTAL: A LEITURA, A PRODUÇÃO DE TEXTOS E A ANÁLISE LINGÜISTICA NUMA CONCEPÇÃO SÓCIO-INTERACIONISTA"

Dissertação aprovada como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre no Curso de Pós-Graduação em Educação - Mestrado, Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes da Universidade Estadual de Ponta Grossa, pela seguinte banca examinadora:

Orientador: Profª Dª Mirian Martins Sozim
UEPG/PR

Profa. Dra. Aparecida Feola Sella
UNIOESTE

Profa. Dra. Elódia Constantino Roman
UEPG/PR

Prof. Dr. José Tadeu Dolinski
UEPG/PR

Ponta Grossa, 30 de setembro de 2005

DEDICATÓRIA

Ao meu esposo ARI, pela compreensão e apoio, fazendo-me acreditar nas realizações profissionais.

Aos meus pais, LUDOVICO E MÔNICA, pela educação, amor e exemplo.

AGRADECIMENTOS

À Profª. Drª Mirian Martins Sozim, pela orientação competente e amizade durante todo o processo de realização desse trabalho.

Aos professores do Mestrado, que contribuíram valiosamente para a minha formação durante esse período.

Aos Professores Doutores, Aparecida Feola Sella, Elódia Constantino Roman e José Tadeu Dolinski pelas contribuições para a concretização dessa dissertação, durante o exame de qualificação.

Aos Professores das Escolas Estaduais que se dispuseram a participar das entrevistas, colaborando no processo da escrita da dissertação.

À Direção e equipe técnico-pedagógica da Escola Estadual Espírito Santo - Ensino Fundamental, pela compreensão e coleguismo.

À amiga Jeanine Sabedotti Breda Capri, pela disponibilidade em sugerir textos que auxiliaram na escrita.

À minha família, em especial, à irmã, Marli Terezinha Van Kan, pelo incentivo e pelos momentos dispensados, ouvindo as angústias e incertezas dessa caminhada.

À colega Maria de Lourdes Ribeiro Scudlarek que auxiliou na transcrição das fitas.

À Nelzi Maria Tramontin e aos colegas do Mestrado, pela amizade e pela troca de idéias.

A todos aqueles, que direta ou indiretamente, contribuíram para a realização desse trabalho.

Todo indivíduo ativo tem uma prática, mas não tem uma clara consciência teórica desta prática que, no entanto, é um conhecimento do mundo, na medida em que transforma o mundo.

A. Gramsci

RESUMO

O trabalho objetiva refletir sobre algumas concepções epistemológicas de estudiosos sobre a linguagem: objeto de estudo da Lingüística. Consta nesta dissertação um breve retrospecto das concepções de linguagem nas décadas de 70 e 80 e a influência das teorias mais recentes como a Lingüística Textual, a Sociolingüística e a Análise do Discurso, na atuação dos professores de Língua Portuguesa. As depreensões do texto configuram uma abordagem sócio-interacionista em que todo conhecimento é construído socialmente, no âmbito das relações, teoria postulada por Vigotsky. As idéias também são fundamentadas em Bakhtin, para quem a verdadeira substância da linguagem é constituída pelo fenômeno social de interação verbal, realizada pela enunciação ou enunciações. Também apresenta a análise dos questionários e das entrevistas com relação às práticas de linguagem desenvolvidas por professores de Língua Portuguesa, nos eixos da leitura, escrita e análise lingüística, no Ensino Fundamental (5ª à 8ª série), em Escolas Estaduais de Ponta Grossa.

Palavras-chave: práticas pedagógicas, leitura, produção textual, análise lingüística, Sócio-interacionismo.

ABSTRACT

This work aims to discuss about some epistemological conceptions from researchers on language: the object of study of Linguistics. On this dissertation, a brief retrospect of language conceptions in the 70's and 80's, as well as the influence of more recent theories such as Textual Linguistics, Sociolinguistics and Speech Analysis on the performance of Portuguese Language teachers are found. The comprehensions of the text are a social-interaction approach in which all knowledge is socially built in the relationship field, a theory that is proposed by Vigotsky. The ideas are also based on Bakhtin, for whom the true substance of language is constituted by the social phenomenon of verbal interaction, conducted by enunciation or enunciations. It also presents the analysis of surveys and interviews in relation to the practices of language developed by Portuguese Language teachers, in the axis of reading, writing and linguistic analysis in the Elementary School (5th to 8th grade) in Public Schools of Ponta Grossa.

Key words: pedagogical practices, reading, text production, linguistic analysis, social interaction.

LISTA DE SIGLAS

DCE – Diretrizes Curriculares Estaduais

LDB – Leis de Diretrizes e Bases

L P – Língua Portuguesa

NRE – Núcleo Regional de Educação

PCNs – Parâmetros Curriculares Nacionais

PR – Paraná

SEED - Secretaria de Educação do Estado

USP – Universidade de São Paulo

SUMÁRIO

RESUMO vi

ABSTRACT vii

LISTA DE SIGLAS viii

INTRODUÇÃO 1

CAPÍTULO I 8

CONCEPÇÕES DE LINGUAGEM E TEORIAS RELATIVAS 8

CAPÍTULO II 13

2.1 PRESSUPOSTOS TEÓRICOS: VIGOTSKY E BAKHTIN 13

2.1.1 A LINGUAGEM NA PERSPECTIVA DE VIGOTSKY 14

2.1.2 A LINGUAGEM NA PERSPECTIVA DE BAKHTIN 16

2.1.3 A LINGUAGEM NA ESCOLA: LEITURA, PRODUÇÃO DE TEXTOS E ANÁLISE LINGÜÍSTICA 18

2.1.3.1 Leitura 19

2.1.3.2 Produção de textos/ análise lingüística 22

CAPÍTULO III 26

ANÁLISE DOS QUESTIONÁRIOS E DAS ENTREVISTAS – ESTABELECENDO UM PROCESSO DIALÓGICO NA ESCOLA 26

3.1 LEITURA 29

3.1.1 A LEITURA NA ESCOLA: TAREFA DO PROFESSOR-MEDIADOR 30

3.1.2 A ESCOLA – ESPAÇO DE INTERAÇÃO DOS ALUNOS-LEITORES COM OS TEXTOS 35

3.2 PRODUÇÃO DE TEXTOS 38

3.2.1 TEXTO - ESPAÇO DE INTERLOCUÇÃO 38

3.2.2 A MODALIDADE ESCRITA E FALADA – SUPERANDO CONCEITOS DICOTÔMICOS 42
3.2.3 EXPLORANDO A ORALIDADE NAS AULAS DE LÍNGUA PORTUGUESA 46
3.2.4 TRABALHANDO COM A DIVERSIDADE TEXTUAL – GÊNEROS 48
3.3 ANÁLISE LINGÜÍSTICA 59
3.3.1 NORMA CULTA/VARIEDADES LINGÜÍSTICAS 60
3.3.2 GRAMÁTICA 66
3.3.2.1 A gramática como prática metalingüística 66
3.3.2.2 A gramática como requisito básico para concursos 69
3.3.2.3 A gramática contextualizada 71
3.3.2.4 A gramática – interação lingüística 74
CONSIDERAÇÕES FINAIS 77
REFERÊNCIAS 81
A P Ê N D I C E S 86

INTRODUÇÃO

No campo das Ciências Humanas, muitas foram as contribuições das áreas do conhecimento que se estruturaram em fins do século XX: como a Psicanálise, a Psicologia Analítica, os Estudos de Antropologia, a Sociologia, a Lingüística e outras.

Da Lingüística, da Sociolingüística, que têm como objeto de estudo a linguagem partem as idéias norteadoras da dissertação "Práticas de Língua Portuguesa no Ensino Fundamental: a leitura, a produção de textos e a análise lingüística numa concepção sócio-interacionista", priorizando os três eixos que direcionam a prática pedagógica dos professores, considerando as variedades lingüísticas.

O estudo do tema surgiu da necessidade de reflexão sobre as práticas pedagógicas efetuadas por professores da área de Língua Portuguesa e pela sempre urgente atualização sobre as metodologias de ensino. Estes também são para o estudioso (NÓVOA, 2001, p.13) "alguns dos principais desafios da profissão educador".

Na concepção de Bombassaro (1992, p.21):

> ...o saber está vinculado ao mundo prático, o qual não é somente condição de possibilidade para qualquer enunciado, mas também o lugar efetivo onde a enunciação pode ser produzida. Portanto, a investigação do saber como conceito epistêmico remete ao prático, pois o saber revela-se em instância que vincula o homem ao mundo.

A respeito disso, a LDB, em seu artigo 12, inciso I, deixa claro a necessidade de que a ação educativa constitua-se num ato intencional e diversificado, atenda às políticas de apoio, à implementação de inovações e considere as diferenças culturais, regionais e locais que asseguram a formação do indivíduo. Por isso,

confere autonomia à Escola, para elaborar sua proposta pedagógica e escolher as disciplinas que deseja instituir na sua Matriz Curricular.

Compreendendo-se então, que os motivos e a finalidade da pesquisa direcionam-se para a realidade dos educadores e educandos, para o contexto em que se dá o conhecimento foram levantados os seguintes objetivos:

- Investigar junto aos professores de Língua Portuguesa, as concepções de linguagem que vêm sendo adotadas nas Escolas Estaduais de Ponta Grossa, no Ensino Fundamental, nos eixos da leitura, produção de textos e análise lingüística.
- Possibilitar meios para que ao término da dissertação, os professores conheçam as diferentes visões que vêm sendo aplicadas no Ensino Fundamental, no que se refere à Língua Portuguesa e possam repensar a organização do processo ensino-aprendizagem.

Para atender aos objetivos propostos foram entrevistados dezoito professores de Escolas Estaduais de Ponta Grossa, do Ensino Fundamental (5ª à 8ª série), com o intuito de registrar como vem se desenvolvendo a prática desses profissionais, nos eixos supracitados.

As escolas e os professores foram escolhidos de forma aleatória, de modo a constituir uma amostragem representativa do todo. Setenta e sete por cento dos professores entrevistados pertencem ao Quadro Próprio do Magistério (QPM), isto é, professores concursados e os demais são celetistas (CLT). A formação dos entrevistados é Pós-graduação Lato Sensu e a média do tempo de serviço é de doze anos. O ano de conclusão da Especialização dos entrevistados se deu entre 1990 e 2001, com maior incidência nos anos de 1997 e 1998.

Em decorrência das inúmeras mudanças pelas quais passa a sociedade, impõe-se aos professores um grande desafio que implica na revisão dos propósitos em suas práticas pedagógicas. Tais mudanças são produtos de uma realidade concreta e não abstrata. Portanto, a construção do conhecimento na Escola

acontecerá de forma diferente, baseada na pesquisa e conforme Gasparin (2002, p.2), "os conteúdos integrados e aplicados teórica e praticamente no dia-a-dia do educando".

Essa abordagem, em que o conhecimento é entendido como algo a ser construído e o aprendiz é visto como um ser ativo nesse processo, denominou-se de construtivismo e teve origem nos estudos de Jean Piaget (1896-1980).

Posteriormente, Vigotsky (1896-1934) iniciou estudos, cuja teoria, veio a ser nomeada de sócio-interacionismo. De acordo com essa teoria, todo conhecimento é construído no âmbito das relações humanas, socialmente. O professor e o ensino são, portanto, mediadores entre a aprendizagem e o desenvolvimento intelectual do aluno. Sendo assim, para Vigotsky (2001, p.484) "a aprendizagem é um momento interiormente indispensável e universal ao processo de desenvolvimento de peculiaridades não naturais, mas históricas do homem na criança".

Os estudos de Piaget e Vigotsky começaram a ser divulgados no Brasil, em 80, com os trabalhos desenvolvidos por Emília Ferreiro.

São essas idéias que estão de acordo com as teorias sócio-interacionistas, em que o aluno é um ser ativo, que atua inteligentemente, buscando compreender o mundo que o rodeia, contempladas na dissertação. Nessa visão, a aprendizagem é entendida como processo dinâmico, contínuo, complexo. Disso resulta um produto que pode ser observado, analisado e avaliado.

Essa visão de ensino diferenciada afeta a prática educacional, pois o professor ajuda o aprendiz em suas conquistas, auxiliando-o, mediando o processo, interagindo, refletindo sobre sua prática, ressignificando o processo ensino-aprendizagem.

Ainda há muita resistência entre os educadores em relação a mudanças em suas práticas docentes. Por isso, há necessidade de formação continuada, reflexão sobre pressupostos teóricos para ampliar visões, formar conceitos, abrir-se para o novo, para o que realmente interessa ao aluno.

Até a década de 70, as práticas pedagógicas eram fundamentalmente behavoristas. O professor era visto como um transmissor de conhecimentos e a variação lingüística que prevalecia no espaço da escola era a norma culta. O ensino de Língua Portuguesa centrava-se em atividades mecânicas, visão falha, pois muitos alunos de 1ª série e no final de 5ª série reprovavam. A dificuldade consistia em ensinar a ler e escrever e na garantia do uso destas habilidades. Visto o fracasso escolar, surgiu a necessidade de encontrar meios que garantissem a aprendizagem, de maneira eficiente, da leitura e da escrita.

Na década de 80, objetivando a melhoria na qualidade da Educação no Brasil, muitos teóricos iniciaram uma discussão sobre o que priorizar no Ensino de Língua Portuguesa. Circulando, entre os educadores, teorias, propondo mudanças na visão de como o indivíduo aprende, houve a mudança do ensino centrado na Gramática para o ensino voltado para as práticas de linguagem. Dessa forma, com as contribuições da Psicologia e das Ciências da linguagem, passaram a ser repensadas as concepções de linguagem, de variação lingüística e de texto.

Na concepção sócio-interacionista, a linguagem é o meio pelo qual o ser humano consegue expressar-se, defender suas idéias, interagir com o interlocutor em um contexto sócio-histórico e ideológico. Segundo Bakhtin (1997b, p.95) "... na prática viva da língua, a consciência lingüística do locutor e do receptor nada tem a ver com um sistema abstrato de formas normativas, mas apenas com a linguagem no sentido de conjunto dos contextos possíveis de uso de cada forma particular." A verdadeira substância da linguagem é constituída pelo fenômeno social de interação verbal, realizada pela enunciação ou pelas enunciações.

Essa concepção é representada pelas correntes de estudo da língua que podem ser reunidas sob o rótulo de lingüística da enunciação, tais como a Lingüística Textual, a Teoria do Discurso, a Análise do Discurso, a Semântica Argumentativa.

E, estudando essas teorias, chega-se à conclusão de que cabe à Escola proporcionar o maior número de situações em que o aprendiz utilize a linguagem

significativamente, garantindo-lhe os conhecimentos necessários para que possa participar plenamente da sociedade, exercendo sua cidadania.

Tudo isto posto, vê-se que, pela linguagem, o educador poderá desenvolver seu trabalho, atendendo ao que preconiza a Lei, visando em sua prática ao atendimento das características regionais e locais da sociedade, na qual está inserido o educando, fugindo um pouco dos programas tão rígidos, como diz o psicanalista e educador Rubem Alves.

Ele ainda afirma que "nosso sistema de educação dá a faca e o queijo, mas não desperta a fome nas crianças. Ensinar é uma tarefa mágica, capaz de mudar a cabeça das pessoas, bem diferente de apenas dar aula." (ALVES, 2002, p.45-46).

Em relação às práticas pedagógicas dos professores de Língua Portuguesa, pelos seus relatos, a pesquisa mostra que enfoque os mesmos priorizam no ensino da língua: um instrumento de transmissão, veículo de comunicação ou processo de interação.

Avanços significativos são percebidos quando profissionais da educação começam a considerar a língua como processo de interação (inter-ação) entre sujeitos, processo em que os interlocutores vão construindo sentidos e significados com suas trocas lingüísticas, orais ou escritas, que se constituem segundo relações que cada um mantém com a língua, segundo ainda as relações que os interlocutores mantêm entre si, a situação específica em que interagem, o contexto social em que ocorre a interlocução.

A respeito das trocas lingüísticas Bourdieu (1998, p.53) afirma que:

> ...a troca lingüística é também uma troca econômica que se estabelece em meio a uma determinada relação de força simbólica entre um produtor, provido de um capital lingüístico, e um consumidor (ou um mercado), capaz de propiciar um certo lucro material ou simbólico.

As trocas lingüísticas se concretizam em práticas discursivas constituídas de acordo com as condições de produção do discurso. Segundo Geraldi (2000, p.42) "a língua só tem existência no jogo que se joga na sociedade, na interlocução, e é no

interior de seu funcionamento que se pode procurar estabelecer as regras de tal jogo".

As práticas discursivas dizem respeito às atividades comunicativas capazes de gerar sentido entre os interlocutores. Na situação comunicativa há elementos que auxiliam na construção de sentido, como: os papéis sociais que os interlocutores desempenham, a intencionalidade, o conhecimento de mundo do interlocutor e as circunstâncias sociais e históricas em que ocorre a comunicação. A esse conjunto de fatores chama-se contexto discursivo.

Para Benveniste (1995, p.287) "é numa realidade dialética que englobe os dois termos e os defina pela relação mútua que se descobre o fundamento lingüístico da subjetividade", ou seja, os sujeitos interlocutores que produzem textos orais ou escritos estão envolvidos no contexto e é em cada situação que se constroem diferentes significados.

A esse respeito Ferreira (1996, p.16) afirma que "como o contexto discursivo é extremamente variável, a cada interlocução, novos sentidos são produzidos, novas visões de mundo são instauradas".

A escola, nesse processo de interlocução, utiliza-se da linguagem conferindo-lhe um lugar privilegiado porque o conhecimento é constituído pela linguagem e ela interpõe-se em todas as disciplinas. Portanto, reflexões sobre a relação entre linguagem e conhecimento envolvem tanto a concepção de linguagem quanto à de educação. E, por essa razão, o professor precisa questionar por que ensina o que ensina, o enfoque dado aos conteúdos, a metodologia, a bibliografia utilizada, o sistema de avaliação, a relevância da leitura no processo ensino-aprendizagem, a oralidade, entre outros.

A partir das idéias acima relatadas, no capítulo I, o texto apresenta as concepções de linguagem utilizadas ao longo do tempo nas práticas pedagógicas dos professores de Língua Portuguesa. Também faz reflexões sobre teorias relativas à linguagem, enquanto forma de interação, que se reúnem em torno da Lingüística,

como: a Lingüística Textual, a Teoria do Discurso, a Análise do Discurso, a Semântica, a Pragmática, a Sociolingüística.

No capítulo II, aborda os pressupostos teóricos que fundamentam a linguagem na perspectiva de Vigotsky e Bakhtin e breves reflexões sobre a linguagem na escola quanto à leitura, produção de textos e análise lingüística.

No capítulo III consta a análise dos questionários e das entrevistas feitas com os professores de Língua Portuguesa, do Ensino Fundamental (5ª à 8ª série), de algumas escolas da Rede Estadual de Ensino, de Ponta Grossa, com relação à leitura, produção de textos e análise lingüística.

E, finalmente, depois da análise dos dados, tecem-se as considerações finais, do processo dialógico estabelecido na escola, quanto às práticas de ensino-aprendizagem da língua.

CAPÍTULO I

CONCEPÇÕES DE LINGUAGEM E TEORIAS RELATIVAS

Linguagem e sociedade são conceitos indissociáveis. Desde o momento que nascemos, uma variedade de signos lingüísticos nos cerca, e suas inúmeras instâncias de comunicação tornam-se reais quando formulamos mensagens que se constituem em atos de comunicação. A efetivação desse intercâmbio comunicativo só é possível pela linguagem.

A linguagem exerce um fascínio sobre o homem, pois por meio dela, o contato com o mundo que o cerca é constantemente revitalizado, através da literatura, da poesia, da filosofia, da religião, dos mitos, dos rituais.

Na Grécia antiga, pensadores discutiam se as palavras imitavam as coisas ou se os nomes eram dados por convenção. Também os hindus se dedicaram ao estudo da linguagem, com o sânscrito, língua sagrada da Índia antiga, no século XIX. Seus objetivos eram estabelecer pela palavra o contato com Deus(ORLANDI, 1999).

Na Idade Média, segundo Orlandi (1999, p.9):

> A reflexão sobre a linguagem teve nos Modistae uma de suas manifestações relevantes. Eles procuravam construir uma teoria geral da linguagem, partindo da autonomia da Gramática em relação à Lógica. Consideram então três tipos de modalidades (modus) manifestados pela linguagem natural: o modus essendi (de ser) o intelligendi (de pensamento) e o significandi (de significar).

Hoje, a linguagem continua sendo objeto de reflexão de muitos estudiosos, pois ela é utilizada em todas as áreas do conhecimento. E, voltando a explanação à escola, percebe-se quão importante é a maneira como o professor de língua concebe a linguagem, influenciando, dessa forma, seu trabalho.

Ao longo do tempo, inúmeras concepções de linguagem já foram exploradas nas práticas pedagógicas, dentre as quais se destacam: a linguagem como expressão

do pensamento, a linguagem como instrumento de comunicação e a linguagem como forma de interação.

O conceito de linguagem enquanto expressão do pensamento explora a idéia de que as pessoas não se expressam bem porque não pensam. A expressão se constrói no interior da mente e sua exteriorização é apenas uma tradução.

O modo como o texto é usado em situações de interação comunicativa não considera para quem se fala, em que situação se fala (onde, como, quando), para que se fala. Segundo Travaglia (2002, p.21) para a concepção de linguagem enquanto pensamento. "A enunciação é um ato monológico, individual, que não é afetado pelo outro nem pelas circunstâncias que constituem a situação social em que a enunciação acontece."

Para que o homem consiga exteriorizar seu pensamento de forma articulada precisa ser capaz de organizar-se de maneira lógica e, para tal, presumem-se normas gramaticais para falar e escrever "bem". São seguidas as regras da gramática tradicional ou normativa.

A linguagem enquanto instrumento de comunicação é decodificação. O falante transmite uma mensagem, informação a um ouvinte, em código (codificação através de um canal, ondas sonoras). O outro recebe os sinais codificados e os transforma em mensagens (decodificação). Esse código deve, portanto, ser dominado pelos pares para que possam se entender.

Essa concepção formalista limita-se ao funcionamento interno da língua, não considera os interlocutores e a situação de uso como determinantes das unidades e regras que constituem a língua, afastam o indivíduo do social e histórico na língua, limitando-se ao funcionamento interno da mesma. Saussure, com o estruturalismo, e Chomsky, com o transformacionalismo, representam essa concepção.

Na linguagem vista como forma de interação, o indivíduo realiza ações, atua sobre o (ouvinte/leitor) interlocutor, vê a linguagem como lugar de interação humana. Os interlocutores interagem, pois são sujeitos sociais que falam e escrevem a partir do seu contexto social.

Segundo Travaglia (2002, p.23):

> A linguagem é, pois, um lugar de interação humana, de interação comunicativa pela produção de efeitos de sentido entre interlocutores, em uma dada situação de comunicação e em um contexto sócio-histórico e ideológico. Os interlocutores interagem de acordo com o lugar social em que estão inseridos.

Em Bakhtin (1997b, p.123) observa-se essa afirmação:

> A verdadeira substância da língua não é constituída por um sistema abstrato de formas lingüísticas nem pela enunciação monológica isolada; nem pelo ato psicofisiológico de sua produção, mas pelo fenômeno de interação verbal, realizada através da enunciação. A interação verbal constitui assim a realidade fundamental da língua.

O que caracteriza a concepção de linguagem como forma ou processo de interação é o diálogo, a enunciação. As teorias representativas dessa concepção de linguagem se reúnem em torno da Lingüística como a Lingüística Textual, a Teoria do Discurso, a Análise do Discurso, a Semântica, a Pragmática, a Sociolingüística.

A Lingüística é a ciência que tem como objeto de estudo os signos da linguagem verbal, oral ou escrita. Estes são sinais que o ser humano produz quando fala ou escreve. Ao produzir signos, os homens elaboram sua cultura e sua identidade, counicam-se com os outros, representam seu pensamento.

Afirma Orlandi (1999, p.11) "Os signos são fundamentais, pois dão ao homem sua dimensão simbólica: esta que o liga aos outros homens e à natureza, isto é, a sua realidade social e natural".

A Sociolingüística ocupa-se dessa realidade social, privilegia o contexto de situação, de sociedade, de história, prioriza a heterogeneidade e a diversidade, tem como objetivo sistematizar os usos concretos da linguagem por falantes reais, por isso centra sua análise nos dados. Para a Sociolingüística a linguagem está sempre mudando e essas mudanças podem ser observadas na atualidade.

Entendida como ciência ligada ao social, a Sociolingüísitca liga-se a Sociologia. Nas décadas de 50 e 60, nos Estados Unidos, o estudo dessa disciplina

teve grande desenvolvimento, e o interesse despertado pelas pesquisas segundo Preti (2003, p.12-13):

> Deve-se possivelmente à grande divulgação dos estudos de comunicação, à necessidade de maior aproximação com outros povos, ou de conhecimento melhor da própria comunidade (num diálogo em que os estudos multidialetais teriam especial significação), e à divulgação, cada vez maior dos estudos de sociologia e lingüística.

Considerando a língua como diretamente observável, o falante real é levado em conta pelos sociolingüistas que analisam as formas lingüísticas usadas por eles em suas comunidades.

A Pragmática é uma ciência que leva em conta a relação linguagem/sociedade e o estudo das relações entre os signos e seus usuários.

Há diversas maneiras de se considerar o usuário. Pela vertente lógica, a relação usuário/linguagem só aparece para determinar verdade ou falsidade do que é falado; pela vertente behaviorista leva-se em conta o hábito do usuário em utilizar o signo; e há a vertente que pensa o usuário em sua relação de interlocução com outro usuário, numa situação comunicativa. Dessa última linha de pensamento se desenvolveram estudos pragmáticos: a análise conversacional, a dos atos de linguagem e a teoria da enunciação.

A pragmática conversacional leva em conta que o significado existe em função da intenção do locutor e do reconhecimento dessa intenção pelo ouvinte.

A teoria dos atos de linguagem, dos pensadores da filosofia analítica, Escola de Oxford, considera que a linguagem não é usada para informar, mas para realizar vários tipos de ação. Os atos dependem da situação de fala, com suas regras.

A teoria da enunciação estabelece como centro da reflexão o sujeito da linguagem, o locutor numa relação com o destinatário. A forma pela qual o sujeito se marca naquilo que diz, o processo da enunciação é considerada importante.

A esse respeito Orlandi (1999, p.58) afirma:

> ...o locutor, no exercício da fala se apropria das formas de que a linguagem dispõe e às quais ele se refere a sua pessoa, definindo-se a si mesmo (como eu) e a seu interlocutor (como tu). É nessa relação de interlocução que está o fundamento lingüístico da subjetividade.

E, finalmente, temos que considerar a Análise do Discurso que tem como objetivo básico a relação da linguagem com a exterioridade, ou seja, as condições de produção do discurso: o falante, o ouvinte, o contexto histórico-social (ideológico). Ao trabalhar com a noção de história traz para a reflexão as questões de poder e relações sociais. A Análise do Discurso procura mostrar o funcionamento dos textos, observando sua articulação com as formações ideológicas.

CAPÍTULO II

2.1 PRESSUPOSTOS TEÓRICOS: VIGOTSKY E BAKHTIN

Refletir sobre o ensino de Língua Portuguesa requer um enfoque, metodologia e estratégias que se voltem a um trabalho integrado de leitura, produção de textos e reflexão sobre a língua, sob uma perspectiva sócio-interacionista.

O papel da linguagem e do outro, ou seja, o interlocutor, no processo de desenvolvimento dos sujeitos ganha cada vez mais notoriedade nessa área com as teorias de Vigotsky e outros autores russos que estudaram os princípios do Materialismo dialético e aplicaram-nos a questões psicológicas.

A importância da interferência de um indivíduo sobre outros, como forma de promoção de desenvolvimento, articula-se com um postulado básico de Vigotsky: a aprendizagem é fundamental desde o nascimento da criança, pois ela desperta processos internos de desenvolvimento que só podem ocorrer quando o indivíduo interage com outras pessoas.

Assim, as concepções vigotskianas fundamentam-se em sua idéia de que as funções psicológicas superiores são construídas ao longo da história social do homem, na sua relação com o mundo mediada pelos símbolos e instrumentos desenvolvidos culturalmente.

Segundo Ozella, (2003, p.121): "Estudar alguma coisa historicamente significa estudá-la no processo de mudança: este é o requisito básico do método dialético".

Considerar a história pressupõe levar em conta o que as pessoas produzem, como produzem e seu relacionamento, com o objetivo de transformação da natureza, a partir dos meios já elaborados. A esse respeito, Sanchez e Kahhale (2003, p.13) assim se posicionam: "A Psicologia sócio-histórica tem como

referencial o materialismo histórico e dialético, que concebe que história é, o quê e o modo como os homens produzem os meios de existência e como se organizam para tal".

A relação entre Pensamento e Linguagem, ou seja, o lugar da linguagem na comunicação, na formação da consciência e no desenvolvimento dos processos psicológicos e a mediação do professor nesse processo foi amplamente investigado por Vigotsky.

Para Vigotsky, segundo Guerra (2000, p.79) "As crianças já nascem inseridas num contexto sociocultural e, na interação com os outros, apropriam-se do que foi produzido e acumulado historicamente pelas gerações anteriores". Dessa forma, as pessoas desenvolvem-se socialmente, rumo à autonomia, substituindo elementos do processo natural por outros do processo cultural.

Bakhtin enfoca a linguagem do ponto de vista filosófico e Vigotsky do psicológico. Embora os dois estudiosos abordem a questão sob enfoques diferentes, os pressupostos de ambos serão estudados nessa dissertação.

2.1.1 A LINGUAGEM NA PERSPECTIVA DE VIGOTSKY

Na teoria de Vigotsky, encontra-se uma visão de desenvolvimento baseada na concepção de um organismo ativo, em que o pensamento é construído num ambiente histórico e por sua vez, social. Portanto, o processo de formação do pensamento é despertado e acentuado pela vida social e pela comunicação que ocorre entre adultos e crianças, o que permite a assimilação da experiência de gerações passadas. Pode-se concluir que a importância da ação mediadora do professor nesse processo é grande, pois, segundo Guerra (2000, p.90) "somente a qualidade dessas mediações pode assegurar a apropriação da instrumentalização básica para o entendimento do aluno na sua realidade e do conhecimento que deve ensinar".

Para Vigotsky, a linguagem integra o processo de desenvolvimento intelectual da criança desde o seu nascimento. Quando o adulto nomeia os objetos indicando as relações que eles mantêm entre si, a criança passa a construir formas mais complexas de conceber a realidade. Nesse aprendizado, a interação está presente, pois sozinha a criança não consegue aprender.

Na escola, a interação entre o professor e o aluno se dá da mesma forma. A referência do aluno com o professor cria uma zona de desenvolvimento potencial. Esse termo foi usado para se referir à distância entre o nível de desenvolvimento atual - determinado pela capacidade de solução de problemas, sem ajuda - e o nível potencial de desenvolvimento, sob a orientação ou em colaboração com pessoas mais experientes.

O professor e o ensino são, na concepção de Vigotsky, mediadores no processo de aprendizagem e desenvolvimento intelectual. O ensino e a educação escolar produzem desenvolvimento intelectual importantes para vida, como se vê na afirmação de Vigotsky (2001, p.484):

> a aprendizagem é um momento interiormente indispensável e universal no processo de desenvolvimento de peculiaridades não naturais, mas históricas do homem na criança. Toda aprendizagem é uma fonte de desenvolvimento que suscita para a vida uma série de processos que, sem ela, absolutamente não poderiam existir.

Ao explicitar um tema aos alunos, o professor leva-os a elaborar conceitos em conjunto com ele, porém antes de a criança se apropriar desse conceito, eles são apropriados pelo adulto, mediador do processo ensino-aprendizagem. Na interação professor, aluno e conhecimento, a forma como o professor se apropriou do conhecimento interfere no processo de aquisição/apropriação do aluno.

Como se vê é um processo de interação social, em que a criança constrói o conhecimento relativo à linguagem, principalmente pela interação com o outro. Concluem Davis & Oliveira (1994, p.54), "que a qualidade das trocas que se dão no plano verbal entre professores e alunos irá influenciar decisivamente na forma como

as crianças tornam mais complexo o seu pensamento e processam novas informações".

A esse respeito também se posiciona Luria (1987, p.30): "O início da verdadeira linguagem da criança é a aparição da primeira palavra, que é o elemento desta linguagem, está sempre ligado à ação da criança e à sua comunicação com os adultos".

Observou-se que, para Vigotsky, na evolução intelectual do indivíduo, há uma interação constante entre processos internos e influências do mundo social e que o desenvolvimento resulta dos aprendizados que tiver ao longo da vida dentro de seu grupo cultural. A idéia de um maior desenvolvimento quanto maior for o aprendizado suscitou erros de interpretação. Muitos passaram a difundir um ensino enciclopédico, imaginando que quanto mais conteúdo passasse para os alunos mais eles se desenvolveriam. Essa interpretação é equivocada porque para ser assimilada, a informação tem de fazer sentido. Isso vai incidir no que o psicólogo chamou de zona de desenvolvimento proximal, a distância entre aquilo que a criança sabe fazer sozinha (desenvolvimento real) e o que realiza com a ajuda de alguém mais experiente(desenvolvimento potencial), o que é proximal vira real.

Vigotsky se contrapôs ao pensamento inatista, segundo o qual as pessoas já nascem com suas características, como inteligência e estados emocionais determinados. Combateu também o empirismo, corrente que defende que as pessoas são formadas de acordo com as experiências às quais são submetidas e construiu uma outra via, que prega o exposto acima, a sócio-interacionista.

2.1.2 A LINGUAGEM NA PERSPECTIVA DE BAKHTIN

Bakhtin, pensador russo, no início do século XX, dedicou-se aos estudos da linguagem – foi o primeiro a empregar o termo gêneros com um sentido mais

amplo, referindo-se aos textos que empregamos nas situações cotidianas de comunicação.

Ao elaborar sua concepção dialógica da linguagem, parte de uma crítica radical de duas linhas teóricas do pensamento lingüístico de sua época: o subjetivismo idealista e o objetivismo abstrato.

Para o subjetivismo prevalece o conteúdo interior, uma vez que todo ato de expressão vem do interior para o exterior. A língua é vista como instrumento pronto para ser usado, o fenômeno lingüístico é criação individual e tudo aquilo que se forma no interior do indivíduo exterioriza-se para outro com ajuda de algum código. A língua constitui-se um fluxo ininterrupto de atos de fala.

Wilhelm Humboldt foi um dos maiores representantes dessa tendência, foi quem estabeleceu seus fundamentos. Pode-se dizer que toda lingüística após ele, e até nossos dias, encontra-se sob sua influência determinante.

O objetivismo abstrato apresenta uma visão diferenciada, pois a língua é produto que o indivíduo registra passivamente transmitido de geração a geração. O núcleo da realidade lingüística está no sistema da língua, composto por regras imutáveis e rígidas. Em cada enunciação encontram-se elementos idênticos aos de outras enunciações no seio de um determinado grupo de locutores, que são normativos para todas as enunciações (traços fonéticos, gramaticais e lexicais).

Refutando as concepções subjetivistas e as abstratas, Bakhtin defende a idéia de que elas não explicam os fatos lingüísticos enquanto fatos vivos e em evolução. Ele afirma (1997b, p.112) que "a enunciação é produto da interação de dois indivíduos socialmente organizados".

A palavra nesse contexto direciona-se a um interlocutor, variando de acordo com o grupo social a que pertence, sua posição na hierarquia social, pelos laços sociais mais estreitos (pai, mãe, marido, etc).

Bakhtin (1997b, p.113) reafirma esse posicionamento em "na realidade, toda palavra comporta duas faces. Ela é determinada tanto pelo fato de que procede de alguém, como pelo fato de que se dirige para alguém".

Assim, constitui a palavra, pelo exposto acima, produto de interação do locutor e do ouvinte. A linguagem, segundo o autor, portanto, requer uma compreensão dialética, não uma enunciação monológica individual e isolada, mas a interação de enunciações pelo diálogo.

Bakhtin (1997b, p.125) afirma que:

> Enquanto um todo, a enunciação só se realiza no curso da comunicação verbal, pois o todo é determinado pelos seus limites, que se configuram pelos pontos de contato de uma determinação enunciação com o meio extraverbal e verbal (isto é, as outras enunciações).

O filósofo russo formula algumas proposições a esse respeito: o processo da fala segundo Bakhtin, compreendido como atividade de linguagem tanto exterior quanto interior é ininterrupto e se realiza através da interação verbal social dos locutores; a língua como sistema estável de formas idênticas é uma abstração e não dá conta de maneira adequada da realidade concreta da mesma; as leis da evolução lingüística são essencialmente leis sociológicas e a enunciação só se torna efetiva entre falantes.

Portanto, para o autor a linguagem é vista numa dimensão dialética, acontece porque não é apenas um eu e um meio externo, mas um nós, que constitui a base da filosofia marxista da linguagem.

2.1.3 A LINGUAGEM NA ESCOLA: LEITURA, PRODUÇÃO DE TEXTOS E ANÁLISE LINGÜÍSTICA

No âmbito das discussões sobre a língua tem prevalecido aquela que é tecida nas relações sociais, na interlocução. Essa concepção interacionista, em que a língua

e os sujeitos se constituem, é articulada no espaço escolar e se evidencia nos discursos produzidos pelos sujeitos.

Nessa perspectiva, o que se objetiva no trabalho com a língua é o domínio da linguagem em sua dimensão discursiva, nas modalidades oral ou escrita, nas mais diversas situações.

Para tanto, o simples domínio do código lingüístico e convenções ortográficas não é o bastante. É indispensável contemplar a linguagem efetivamente usada em situações reais e não em simulações de exercícios escolares. A totalidade da significação da linguagem só ocorre se considerarmos a situação histórica e política, social e interlocutiva e não apenas a materialidade lingüística. A escola considerou e ainda considera a língua de forma homogênea. Na verdade, a língua é um conjunto bastante heterogêneo de variedades lingüísticas.

Entendendo a linguagem como interação, Geraldi propõe algumas reflexões fundamentais para o ensino de Língua Portuguesa: prática de produção de textos, prática de leitura e prática de análise lingüística.

Assim expõe Geraldi (2000, p.88) seu pensamento:

> Estas práticas, integradas no processo de ensino-aprendizagem, têm dois objetivos interligados: a) tentar ultrapassar, apesar dos limites da escola, a artificialidade que se institui na sala de aula quanto ao uso da linguagem; b) possibilitar, pelo uso não artificial da linguagem, o domínio efetivo da língua padrão em suas modalidades oral e escrita."

2.1.3.1 Leitura

Com a leitura, a escola propicia a formação global do indivíduo, a sua capacitação para a convivência social, política, econômica e cultural.

Para Martins (1982, p.31) "ler significa inteirar-se do mundo, sendo também uma forma de conquistar autonomia, de deixar de ler pelos olhos de outrem". O

aluno que tem o hábito de ler textos diversos tem mais facilidade de expor seu pensamento e opiniões.

Inúmeros questionamentos têm sido feitos hoje, na escola, sobre a importância do ato de ler. Como a leitura, uma maneira de interação entre os indivíduos e as gerações é explorada no ambiente escolar? Que condições pedagógicas tem o professor-mediador para realizar um trabalho produtivo com a leitura?

A escola insiste muitas vezes na leitura artificial e como pretexto para o desenvolvimento de atividades outras que não a compreensão da vida, esquecendo que linguagem e realidade se unem dinamicamente. Freire (1991, p.11-12) nos exemplifica que "a leitura no mundo precede a leitura da palavra, daí que a posterior leitura desta não possa prescindir da continuidade da leitura daquele." Dessa forma, texto e contexto são indissociáveis.

Encaminhamentos metodológicos e pressupostos teóricos precisam ser repensados na escola, a fim de que avance significativamente. O professor precisa criar condições para o educando realizar sua aprendizagem de leitura. E, isso não significa apenas propiciar acesso aos livros, mas, "dialogar com o leitor sobre sua leitura" (Martins, 1982, p.34), isto é, estabelecendo sentidos aos textos lidos.

Importante é, no processo de leiturização não conferir ao texto literário um tratamento formal, escolarizado, como comumente se vê em alguns trabalhos com fichas de leitura ou outras propostas que desconsideram a especificidade do gênero, muitas vezes desviando-se da verdadeira linguagem estética da obra.

Importa ressaltar que autor-obra-leitor interagem no momento da leitura. Essa interação se dá pela subjetividade observada, pois quando o aluno lê, amplia seu mundo, faz reflexões sobre a obra, o universo e sobre si mesmo.

Refletir sobre as práticas de leitura efetuadas na escola hoje se faz necessário, na medida em que seja uma tomada de consciência para a necessidade de mudança de paradigmas, de elaboração de novas estratégias que conduzam a um número cada vez maior de leitores em nosso país.

É mais do que tempo de ultrapassar conceitos de leitura como mera decodificação, galgando horizontes mais conseqüentes como experiências discursivas, pois o aluno traz para a leitura diversas formas de linguagem. A socialização da leitura é significativa, funciona como motivação para a fala e, também, para aquele que ouve, a procurar novas leituras alargando seu universo cultural.

São estratégias eficazes, um levantamento das obras lidas pelos alunos e a determinação das expectativas da turma, de acordo com os interesses, crenças e valores para a posterior sugestão de novas leituras e comparação com textos já lidos, a proposição de debates utilizando variadas formas de linguagem como filmes, cartuns, jornais, chegando à leitura de obras mais complexas.

O professor, nesse processo, segundo Dewey (1959, p.43-44):

> é um guia, um diretor; pilota a embarcação, mas a energia propulsora deve partir dos que aprendem. Quanto mais conhecer o professor as experiências passadas dos estudantes, suas esperanças, desejos, principais interesses, melhor compreenderá as forças em ação que lhe cabe dirigir e utilizar, para formar hábitos de reflexão.

A reflexão, o posicionamento crítico frente às leituras, o diálogo com os textos, a receptividade a novos textos num processo de desconstrução do que já vem pronto e acabado, constitui-se num processo que se verifica com a maturidade e, essa só se adquire com as vivências de leitura.

É nesse contexto que a prática social da leitura adquire importância pedagógica, uma vez que estará voltada ao fazer pedagógico e às transformações que a sociedade precisa. Silva (1993, p.47) afirma que "a leitura é, fundamentalmente, uma prática social. Enquanto tal, não pode prescindir de situações vividas socialmente, no contexto da família, da escola, do trabalho, etc...".

Deixar de lado modelos, artificialismos, treinamentos da língua "culta", análises gramaticais, provas, enfim técnicas pretensamente motivadoras para encontrar novos caminhos, fazer novas descobertas, até mesmo nos pontos de

divergência, na produção de sentidos raros, na pluralidade de sentidos são propostas de mudança na maneira de conceber a leitura na escola.

2.1.3.2 Produção de textos/ análise lingüística

Quanto à prática de produção de textos assim se manifesta Geraldi (1991, p.165):

> centrar o ensino na produção de textos é tomar a palavra do aluno como indicador dos caminhos que necessariamente deverão ser trilhados no aprofundamento quer da compreensão dos próprios fatos sobre os quais se fala quer dos modos (estratégias) pelos quais se fala.

A idéia mestra na produção de textos é a interação dos alunos com seus leitores, que é construída no próprio processo interlocutivo. Produzir textos não para a escola, mas na escola, que o texto represente a voz dos alunos, suas expectativas, sua realidade, onde ele se assume como sujeito, que não seja apenas uma tarefa a cumprir.

Os discursos devem ser atividades planejadas em conjunto, processo que considera o texto não como um produto acabado, entretanto, leva em conta as etapas de planejamento, verbalização e construção do mesmo.

A produção textual na escola tem assumido, aos poucos, um caráter diferente. Felizmente, uma mudança na prática pedagógica vem ocorrendo nos últimos anos. Numa abordagem sócio-histórica do conhecimento que busca compreender a partir do contexto dos envolvidos no processo e suas interações é que o professor está inserido e trabalhando com o aluno.

Por isso, é mais do que tempo de fazer uma educação a exemplo de Freire (1988, p.75) "... em que educadores e educandos se fazem sujeitos do seu processo, superando o intelectualismo alienante, superando o autoritarismo do educador 'bancário', supera também a falsa consciência do mundo".

Entende-se que, também supera a falsa consciência da Escola, pois quando o professor de Língua Portuguesa orienta o aluno a ajustar a sua fala à variedade lingüística adequada ao seu grupo, não o corrigindo, quando esta não for condizente com a variedade dita "prestígio", culta, minimiza o preconceito lingüístico, o social e até o cultural. É uma oportunidade ímpar para trabalhar a questão da diversidade cultural, valores e atitudes, desmistificando conceitos de "certo" ou "errado", "melhor" ou "pior".

É o pensamento de Bagno (2001, p.188):

> proponho a valorização dos usos lingüísticos não-padrão, sobretudo porque a língua que uma pessoa fala, a língua que ela usa para falar consigo mesma, para pensar, para expressar seus sentimentos, suas crenças e emoções, faz parte da identidade dessa pessoa, é como se a língua fosse a pessoa mesma.

Quanto à expressão "análise lingüística", diz respeito às atividades que têm na língua o objeto de estudo. Quer dizer que com a linguagem não só falamos sobre as coisas, mas também nossa relação com o mundo está em jogo. Essas atividades são conhecidas como metalingüísticas e epilingüísticas.

As metalingüísticas, que são as mais usadas pelo professor de língua, consistem na reflexão sistemática, no saber o nome das categorias, formas de classificação, seu funcionamento, servem para falar da língua, é a "gramática pela gramática". Em outras palavras, afirma-se que a atividade metalingüística se relaciona com a gramática.

O interessante seria priorizar as ações epilingüísticas que favorecem a reflexão sobre a linguagem, não falar das coisas, mas um conhecimento em atos. Nas atividades epilingüísticas observam-se as correções, pausas, repetições, antecipações, questionamentos (pergunta e resposta).

Assim se posiciona Travaglia (2002, p.34) "As atividades epilingüísticas são aquelas que suspendem o desenvolvimento do tópico discursivo (ou do tema ou do assunto), para, no curso da interação comunicativa, tratar dos próprios recursos lingüísticos que estão sendo utilizados, ou de aspectos de interação".

Não se pretende aqui, explorar os diversos conceitos de gramática, mas direcionar aquele que parece ser o mais adequado para o ensino, a gramática que considera a língua como um conjunto de variedades utilizadas por uma sociedade de acordo com o exigido pela situação e pela interação comunicativa em que o usuário da língua está engajado, como um conjunto de regras que o falante de fato aprendeu e utiliza. Nessa concepção de gramática não há erro lingüístico e a forma como o falante usa a língua é considerada uma variedade que deve ser aceita.

Segundo Possenti (1996, p.53-54) "o domínio efetivo e ativo de uma língua dispensa o domínio de uma metalinguagem técnica. Em outras palavras, se ficar claro que conhecer uma língua é uma coisa e conhecer sua gramática é outra. Que saber uma língua é uma coisa e saber analisá-la é outra...".

E a discussão a respeito de ensinar ou não a gramática continua, mas o mais importante não é isso, o que importa é que a escola ensine a norma padrão, mas não como ideologia conservadora das classes dominantes, como discurso do poder e, sim como uma forma de acesso das classes menos favorecidas ao mundo do saber, diminuindo a lacuna que existe entre o padrão lingüístico e o uso real da língua por parte dos falantes cultos.

Para Geraldi, (1991, p.121):

> Não é a gramática abstrata, mas a vida em comum que nos deu uma língua comum. Ensinar a língua é ampliar a experiência do aluno com a nossa. Por isso, importa ensinar a língua e não a gramática, pois esta deve constituir um dos meios para alcançar o objetivo que se tem em mira.

A idéia de que a língua é um sistema de normas que se impõe aos indivíduos, que devem assimilá-las, fundamenta-se no pensamento filosófico lingüístico que Bakhtin denominou objetivismo abstrato, do qual já se falou anteriormente.

Bakhtin (1997b, p.78) afirma "A língua opõe-se aos indivíduos enquanto norma indestrutível, peremptória, que o indivíduo só pode aceitar como tal." Essa concepção foi refutada pelo autor em detrimento de que a língua é produto de interação entre indivíduos, enquanto seres histórico-sociais. Postula uma concepção

da língua como processo dinâmico, em constante processo de mutação determinada por seus falantes.

CAPÍTULO III

ANÁLISE DOS QUESTIONÁRIOS E DAS ENTREVISTAS – ESTABELECENDO UM PROCESSO DIALÓGICO NA ESCOLA

Para observação da atuação do professor foi elaborado, num primeiro momento, questionário escrito sobre a leitura na escola e distribuído aos professores envolvidos na pesquisa. O retorno desses questionários foi de cem por cento. Também foi feito roteiro sociolingüístico que serviu de apoio para as entrevistas gravadas, com relação à oralidade, produção de textos, análise lingüística, para ver o enfoque que se dá a essas questões no ensino de Língua, hoje.

As entrevistas são semi-estruturadas, pois conforme relata Moreira (2002, p.55):

> O entrevistador pergunta algumas questões em uma ordem pré-determinada, mas dentro de cada questão é relativamente grande a liberdade do entrevistado. Além disso, outras questões podem ser levantadas, dependendo das respostas dos entrevistados, ou seja, podem existir questões suplementares sempre que algo de interessante e não previsto na lista original de questões aparecer.

Posteriormente, sentindo que ainda era necessário mais material empírico para análise, quanto à produção textual, novo questionário foi pensado para suprir essa carência. Dessa vez, porém, o retorno foi de apenas dez dos dezoito questionários.

Voltando às entrevistas, percebe-se que as mesmas permitem uma maior proximidade do entrevistador com o sujeito entrevistado e o objeto de pesquisa. Isso é importante no processo, uma vez que a fundamentação teórica do trabalho tem uma concepção dialética.

A coleta de dados foi pessoalmente realizada, por acreditar na importância da interação, da relação dialógica. O processo interlocutivo se deu dentro de um clima

amigável. O discurso dos professores revela suas angústias, incertezas e experiências significativas de realização de projetos que consideram relevantes em suas práticas pedagógicas.

Após a realização das entrevistas gravadas nas escolas, procedeu-se à transcrição das fitas, não utilizando pontuação e registrando as marcas da oralidade dos professores entrevistados. Porém, nenhuma análise dessas marcas foi feita, por não ser o objetivo do estudo, antes sim, o conteúdo das falas. Na transcrição das falas, os professores foram identificados pela seqüência numérica de 1 a 18.

As falas dos professores estão em itálico, interpostas por perguntas do entrevistador em letra não itálica. Somente nas perguntas do entrevistador aparecem sinais de pontuação. Os parênteses indicam frases ou palavras não entendidas na transcrição.

Na análise das falas, as respostas dos professores não aparecem em seqüência cronológica, pois o que se prioriza não são os professores e sim as respostas.

Depois da execução dessa atividade de transcrição, as questões foram selecionadas nos eixos mencionados e as respostas agrupadas para facilitar a análise dos dados, já que o estudo desse corpus prioriza o qualitativo em detrimento do quantitativo.

O roteiro sócio-lingüístico apresenta trinta e duas questões que foram elaboradas para as entrevistas. Para a análise dos dados das respostas procedeu-se ao recorte do material empírico e à organização das falas dos professores. As respostas foram agrupadas por temáticas, considerando dentro dos eixos da leitura, escrita e análise lingüística os tópicos mais significativos para o estudo:

1. As maiores dificuldades no ensino da Língua;
2. O objetivo das aulas de Língua Portuguesa com relação à norma culta;
3. A importância da gramática;
4. Concepção clássica de aprendizagem (ensino metalingüístico ou ensino epilingüístico?);
5. O texto na sala de aula-texto pretexto?;

6. A oralidade;
7. O trabalho com diferentes linguagens (teatro, jornal, música, etc);
8. O ensino por projetos;
9. Relato de experiências.

Além da realização das entrevistas e dos questionários que serviram de instrumentos para analisar o objeto em estudo, houve a participação da pesquisadora nos Encontros Descentralizados no Município, envolvendo os professores de Língua Portuguesa do Ensino Fundamental, de Ponta Grossa, no processo de elaboração das Diretrizes Curriculares do Estado do Paraná.

Os Encontros aconteceram no dia 08 de agosto de 2004 e no dia 18 de outubro de 2004. Os encaminhamentos e orientações para o encontro foram subsidiados pela SEED. Das reflexões e discussões do grande grupo dos municípios, elaborou-se registro-síntese e posteriormente documento-síntese pelo coordenador do NRE, enviado ao Departamento de Ensino Fundamental para elaboração do Documento Preliminar das DCE.

Essa pesquisa, entretanto, não teve apenas a intenção de levantar dados do real da prática pedagógica dos professores, mas também, de buscar através das reflexões teóricas, alternativas de metodologias que possam transformar/auxiliar na melhoria da qualidade de ensino da Língua. Portuguesa. Para isso, levou-se em consideração a possibilidade de construção do conhecimento com algo dinâmico, a partir do contexto dos envolvidos, numa ação mediada pelo professor.

Segundo Vigotsky apud Luria (1988, p.27), "os adultos são agentes externos servindo de mediadores do contato da criança com o mundo", portanto, a atividade mediada é construída através de um processo interpsíquico no qual outras pessoas intervêm, contribuindo para os processos de significação. Com o tempo, a atividade mediada se transforma em processo intrapsíquico e a criança vai autonomizando suas funções.

Essas idéias de que o conhecimento não é algo acabado, estático, mas dinâmico e construído num processo de mediação levam à conclusão de que o conhecimento se renova a partir da prática e vice-versa, num processo dialético.

Assim, esse trabalho busca refletir sobre a prática dos professores de Língua Portuguesa e a fundamentação teórica existente, visando a um melhor entendimento, procurando respostas para indagações, questionamentos, dúvidas quanto a melhor maneira de conduzir o processo ensino-aprendizagem da língua.

As respostas analisadas nos textos a seguir contemplam os três eixos: a leitura, a produção de textos e a análise lingüística. São essas práticas que norteiam o trabalho do professor de Língua Portuguesa, no Ensino Fundamental e, por isso, consideradas relevantes, no processo ensino-aprendizagem da língua.

3.1 LEITURA

Chega mais perto e contempla as palavras.
Cada uma
Tem mil faces secretas sob a face neutra
E te pergunta, sem interesse pela resposta,
Pobre ou terrível, que lhe deres:
Trouxeste a chave?

(Carlos Drummond de Andrade)

De acordo com as idéias sócio-interacionistas que norteiam esse trabalho, a mediação dos professores se configura como essencial, no processo de interação entre os textos e o leitor. A leitura não é, portanto, ato solitário, mas ato mediado, fundamentado na relação de diálogo.

Martins (1982, p.34) afirma que "a função do educador não seria precisamente a de ensinar a ler, mas a de criar condições para o educando realizar a

sua própria aprendizagem, conforme seus interesses, necessidades, fantasias, segundo as dúvidas e exigências que a realidade lhe apresenta." Assim, vê-se a importância do diálogo entre o professor e o aluno sobre a leitura e os sentidos atribuídos a ela pelo aluno-leitor.

O aluno não pode ser um leitor passivo. Cabe a ele refletir sobre o que lê, construindo sentidos para as leituras.

3.1.1 A LEITURA NA ESCOLA: TAREFA DO PROFESSOR-MEDIADOR

As vivências de promoção da leitura são de responsabilidade de todo o corpo docente, pois ações isoladas, dificilmente, conduzirão a um trabalho completo e eficaz. Requer um trabalho interdisciplinar que prime pela construção coletiva do conhecimento, integrado e seqüencial favorecendo a unidade curricular e a dinamização do conhecimento frente a diversos grupos de alunos. É o que se percebe na entrevista, com a fala da **professora 18**:

a leitura é muito importante eu considero um dos pilares da aprendizagem de qualquer outra disciplina

e da **professora 11**

a leitura deve ser responsabilidade de todos os envolvidos no processo e não apenas dos professores de Língua Portuguesa

Um texto, quando bem compreendido, proporciona o salto do leitor para o seu contexto (isto é, para a intencionalidade social que determinou o objetivo, o conteúdo e o modo de construção do texto), e este, por sua vez, proporciona uma compreensão mais profunda do contexto em que o sujeito-leitor se situa, ou busca se situar.

A esse respeito, constata-se na fala da **professora 1**:

leitura é o que vai colocar o aluno dentro das situações vai trazer pra ele a informação da qual ele precisa pra ele argumentar e ter uma visão de mundo diferente

Lajolo (1982, p.53) ratifica esta questão quando afirma que "Leitor maduro é aquele para quem cada nova leitura desloca e altera o significado de tudo o que ele já leu, tornando mais profunda sua compreensão dos livros, das gentes e da vida."

A interação entre os textos e os leitores, ao longo do tempo, na escola foi ficando cada vez mais estereotipada, a fruição significativa, a reflexão, a produção de novos significados cada vez mais esquecida em detrimento de atividades menos relevantes, como, por exemplo, a forma como os professores fazem os encaminhamentos da leitura, na escola, utilizando muitas vezes como única fonte o livro didático, solicitando aos alunos que abram em determinada página, leiam o texto, respondam por escrito as perguntas, façam os exercícios gramaticais e depois a produção de texto para correção.

Afirma Lajolo (2000, p.15) "Ou o texto dá um sentido ao mundo, ou ele não tem sentido nenhum".

O professor que quer dar sentido às suas aulas e tem consciência da sua função, enquanto educador, que conscientiza para a não resistência à massificação, para o valor da leitura, tem de ser, antes de tudo, leitor. Nesse processo em que o aluno tomará consciência da necessidade de transformação de si mesmo e do mundo ao seu redor, a sensibilização para a leitura é tarefa do professor-mediador.

E ser leitor é "conquistar o ato de ler para si mesmo" (SILVA, 1993, p.22) aumentando os conhecimentos que melhorarão a mediação no trabalho pedagógico.

O gosto pela leitura é um requisito básico para quem quer ser formador de leitores, pois quando o aluno-leitor vê o entusiasmo do professor, tende a procurar os livros para ler. É o que se observa pela fala do **professor 16**:

os professores em sua esmagadora maioria são falsos leitores não há como ensinar o que não se conhece o exemplo do professor-leitor ainda é a melhor ferramenta pedagógica

e da **professora 7**:

grande parte das dificuldades que encontramos com relação à leitura é que o professor não gosta de ler e não incentiva o aluno a ler podemos verificar que o aluno gosta de manusear os livros têm curiosidade e muitas vezes é tolhido pelo professor

Corrobora com as afirmações dos professores, Silva (1993, p.22) quando diz: "Sem professores que leiam, que gostem de livros, que sintam prazer na leitura, muito dificilmente modificaremos a paisagem atual da leitura escolar."

As condições do trabalho com leitura ainda são precárias, porque por mais que se enviem livros às bibliotecas, ou mesmo, para os alunos, não é suficiente para dizer que houve avanços. É preciso mudar a forma como os textos são encarados pelos professores e abrir espaço para trabalhar a partir da realidade da escola e das necessidades dos educandos.

O tratamento formal que se dá aos textos impossibilita a verdadeira função social da leitura que segundo Silva (1993, p.24) "caracteriza-se como um dos processos que possibilita a participação do homem na vida em sociedade, em termos de compreensão do presente, do passado e em termos de possibilidade de transformação sociocultural futura."

Um ponto a considerar quando se fala de leitura e uma das reclamações crescentes dos professores é quanto à concorrência cada vez maior da escola com os meios de comunicação e outras atividades, como se vê na fala da **professora 3**, por exemplo:

há coisas mais atraentes fora da escola em casa no shopping jogando videogame o futebol até a televisão

e da professora 13

nós temos os concorrentes nossos a mídia tudo é muito mais poderoso então não é fácil o professor concorrer com esse tipo de concorrente e também tem outro agravante que o nosso aluno hoje em dia tem muita dificuldade de se concentrar

O que se verifica do exposto na fala dos professores é que a escola e a leitura, por sua vez, não são atraentes para o aluno, pois as imagens e som em movimento chamam muito mais a atenção, porém o professor pode inverter esse processo e aliar-se aos meios de comunicação e àquilo que o aluno considere interessante.

É opinião de Silva (1993, p.58):

> O problema é que as novas linguagens, os novos veículos de comunicação e as novas tecnologias não foram ainda colocadas a serviço da escola, como instrumentos que podem ajudar na busca, produção e transformação do conhecimento. No que tange à leitura, as condições materiais da grande maioria das escolas permitem, quando muito e ainda com dificuldade, o acesso a textos escritos, mas não incorporam o uso de instrumentos mais avançados, encontrados no dia-a-dia da maioria das pessoas.

Ao trazer para a sala de aula essa diversidade de linguagens, aproveitando-se delas para tornar as aulas mais dinâmicas e inovadoras, fazendo trabalhos comparativos, no caso da leitura utilizando-se de estratégias variadas como filmes, documentários, jogos, etc. o professor possibilitará um ensino mais centrado na realidade dos alunos.

Outra questão observada pelos professores é a falta do hábito da leitura e dificuldade de compreensão do que é lido por parte dos alunos. Saveli (2003, p.26) afirma que as dificuldades estão nas práticas de leitura efetuadas na escola entre as quais, aponta fatores que determinam tal situação: "- a falta de ousadia da escola e sua evidente desconfiança às propostas pedagógicas que refutam o adestramento e se apóiam na análise, na experiência e na reflexão das crianças como eixo da prática."

E ainda, diz Saveli (2003, p.26), que "falta na escola um projeto político-pedagógico que tenha a leitura como um dos eixos norteadores de uma prática

pedagógica interdisciplinar". Dessa forma, ou seja, com o comprometimento dos educadores em fazer da leitura uma prática constante, problemas como os citados pelos professores abaixo, ao serem questionados sobre as maiores dificuldades no ensino da língua, seriam minimizados.

Professora 5

é então eu considero assim eles têm problema de leitura é percebo também mais a falta de interesse que olho assim o objetivo geral né alguns se interessam muito mais alguns deixam a desejar eles lêem muito rápido e lêem errado eles não têm paciência de ler a palavra até o fim

Professora 6

bom eu acredito que como a gente sempre comenta quando os alunos chegam na escola eles já deveriam estar alfabetizados eles já deveriam compreender a língua portuguesa conseguir ler um texto e dizê pra gente o que significa o que entendeu do texto só que ele não consegue eu acho que a maior dificuldade é essa que a gente não consegue dar um encaminhamento maior pras aulas de língua portuguesa mesmo literatura infanto-juvenil pela dificuldade que o próprio aluno traz dentro da língua portuguesa

Professora 12

acho que a maior dificuldade do ensino da língua é incentivá a leitura né trazê o hábito de lê pro aluno porque a maioria dos alunos não querem ler né então incentivá porque não foram desde pequeno estimulando a ler e depois é a escrita né fazer textos né produzir textos

Professora 14

a maior dificuldade é que o aluno ele lê e não entende o que ele lê pela falta de leitura fora do contexto da escola por ele não exercitá a leitura no dia a dia, então quando ele vai ler alguma coisa diferente ao conteúdo ele tem dificuldade de interpretação ele lê, mas não consegue entendê tudo o que ele lê

Professora 15

é um pouco da do problema da falta de leitura que eles têm o gosto pela leitura é difícil de você conseguir despertar neles

Percebe-se pelos relatos das professoras que a maior dificuldade dos alunos, quanto à leitura, consiste na compreensão do que se lê. O processo de leiturização consiste em atribuir significado a partir dos conhecimentos que o leitor já possui, interagindo com o texto.

Os professores falam da falta de hábito de ler e da necessidade de incentivo para a leitura. Essa tarefa é do professor-mediador que auxiliará o educando na compreensão dos textos, escolhendo as estratégias que melhor se adaptem à condução da leitura, confrontando os saberes que o aluno já possui com outras leituras para levantar novas hipóteses e evoluir.

3.1.2 A ESCOLA – ESPAÇO DE INTERAÇÃO DOS ALUNOS-LEITORES COM OS TEXTOS

> *Quando se estabelece a relação entre o novo texto e as concepções já existentes, a leitura crítica tende a evoluir para a criativa, e a síntese conduzirá a resultados completamente novos.*
>
> *(Richard Bamberger)*

A escola ainda é o espaço que o aluno-leitor dispõe para interagir com os textos. Cabe a ela oferecer diversidade de textos e práticas de leitura eficazes para formar o leitor competente. E segundo os PCNs (1998, p.70):

> Um leitor competente sabe selecionar, dentre os textos que circulam socialmente, aqueles que podem atender as suas necessidades, conseguindo estabelecer as estratégias adequadas para abordar tais textos. O leitor competente é capaz de ler as entrelinhas, identificando, a partir do que está escrito, elementos implícitos, estabelecendo relações entre texto e seus conhecimentos prévios ou entre o texto e outros textos já lidos.

Textos diversificados circulam socialmente e a exploração desses textos na prática pedagógica proporciona o desenvolvimento da expressividade, do uso funcional da linguagem, da leitura e da reflexão sobre o mundo.

A **professora 9** assim se posiciona sobre a expressividade e a leitura:

o nosso aluno lê pouco ou quase nada é preciso despertar nele o prazer pela leitura fazê-lo viajar nos livros sentir-se personagem das histórias encontrar valores para sua vida se a escola valorizar a leitura procurando formar realmente um aluno-leitor muitos dos problemas educacionais estarão resolvidos o aluno que lê interpreta faz comparações amplia sua visão de mundo forma perspectivas para sua vida reconhece a necessidade de ler estuda tornar-se alguém instruído

O ato de ler, na concepção da professora 9 é um processo de construção de significado a partir do texto. Isso acontece pela interação entre os elementos textuais e o conhecimento do leitor.

Goodmann, (1990, p.11-21) ao se referir à construção de sentido, defende a idéia de que esse processo envolve estratégias, ou seja, ações pelas quais o leitor orienta sua leitura. Entre elas, destaca: a *seleção* (o leitor seleciona o conteúdo que lhe interessa); *predição* (levanta hipóteses a partir do que foi lido); *inferência* (abstrai conclusões e mensagens do texto, do que está nas entrelinhas); *autocontrole*

(reavalia suas estratégias, a fim de dar prosseguimento a elas ou modificá-las); *autocorreção* (ratifica hipóteses levantadas por inferência ou produção).

O objetivo de desenvolver estas estratégias, na escola, é a obtenção do sentido dos textos lidos. Isto só pode acontecer se os leitores estiverem trabalhando com leituras significativas e interessantes para eles.

No espaço escolar, os alunos podem ler pelos mais diversos motivos, seja pela busca de informação, porque precisam aprender algo, porque querem conhecer o pensamento alheio ou por diversão, prazer. Qualquer que seja a intenção, a leitura precisa ser a mais eficiente possível, e esse é um dos objetivos do ensino de Língua Portuguesa: capacitar a ler criticamente, garantindo ao indivíduo condições de interferir no meio em que está inserido.

A esse respeito Suassuna (1995, p.52) afirma:

> Se o aluno lê sem prazer, sem o exercício da crítica, sem imaginação; se ele lê e não faz disso uma descoberta ou um ato de conhecimento; se ele só reproduz, nos exercícios, a palavra lida do outro, não há nisso nada que lhe possibilite uma intervenção sobre aquilo que historicamente está posto.

Essas questões reflexivas sobre a leitura, coadunam com Freire (1999, p.64) que "estar no mundo necessariamente significa estar com o mundo e com os outros." Esse processo subjetivo de estar no mundo e com os outros, na escola, pode ser desenvolvido através da leitura, levando em consideração as experiências de vida, a história e a linguagem dos alunos.

Mais do que isso, as práticas de leitura são um compromisso político-pedagógico, pois o conhecimento se produz na interação entre o leitor e o autor e entre o professor e o aluno na discussão do texto, partindo para ações transformadoras de reconstrução da sociedade.

Segundo Orlandi (1988, p.44):

> O professor pode modificar as condições de produção da leitura do aluno: de um lado, propiciando-lhe que construa sua história de leituras; de outro, estabelecendo, quando necessário, as relações intertextuais, resgatando a história dos sentidos do texto.

Cabem, então, ao professor mudanças na sua maneira de conceber a leitura na escola, observando as melhores formas de trabalhar a pluralidade de significações que ela oferece.

A leitura é a melhor forma de colocar o nosso aluno em contato com o mundo. Pela leitura de textos diversificados, a escola favorece a aquisição de conhecimentos, informações e diversão aos discentes. Qualquer que seja o motivo da leitura, o aluno ao atribuir-lhe significados e tendo condições de criticamente usufruir dessa prática poderá interferir no meio em que vive.

3.2 PRODUÇÃO DE TEXTOS

3.2.1 TEXTO - ESPAÇO DE INTERLOCUÇÃO

Segundo Bezerra (2005, p.35-36):

> Inúmeras são as concepções de texto – resultantes de pesquisas realizadas desde o final da década de 60, no quadro da Lingüística – que podem, no entanto, ser agrupadas em dois blocos: as de cunho estritamente lingüístico (baseadas nos estudos estruturalistas da língua, considerando-se o enunciado – formas lingüísticas produzidas), segundo as quais o texto é um conjunto de unidades lingüísticas (palavras, frases, períodos e parágrafos) que encerram um sentido; e as de cunho sócio-pragmático (baseadas nos estudos de lingüística textual, pragmática, semântica, sociolingüística, análise de discurso e outros, considerando-se a enunciação e o enunciado), segundo as quais o texto é uma unidade de sentido estabelecido entre leitor/autor, na modalidade escrita da língua, e entre locutor/interlocutor, na sua modalidade oral, envolvendo conhecimentos partilhados, situação, contexto, propósito, intenções e outros aspectos comunicacionais.

A produção de textos, na perspectiva do sócio-interacionismo, configura-se como uma atividade de sujeitos sociais. Esse sujeito social planeja em interação com outros sujeitos, o texto, levando em conta a situação, as convicções, conhecimentos em comum (ou supostamente), as expectativas.

A elaboração do texto, portanto, pressupõe inúmeras atividades cognitivo-discursivas, numa situação dada. O processo de planejamento, verbalização e construção, na abordagem vigotskiana são importantes, pois o texto, dessa forma, não é visto como um produto acabado, mas os resultados parciais da construção do mesmo são necessários e levados em conta na atividade comunicativa.

Koch (2002, p.26) afirma que:

> a) a produção textual é uma atividade verbal, a serviço de fins sociais e, portanto, inserida em contextos mais complexos de atividades;
>
> b) trata-se de uma atividade consciente, criativa, que compreende o desenvolvimento de estratégias concretas de ação e a escolha de meios adequados à realização dos objetivos; isto é, trata-se de uma atividade intencional que o falante, de conformidade com as condições sob as quais o texto é produzido, empreende, tentando dar a entender seus propósitos ao destinatário através da manifestação verbal;
>
> c) é uma atividade interacional, visto que os interactantes, de maneiras diversas, se acham envolvidos na atividade de produção textual.

Desse modo, concebe-se que os textos são resultados de atividade verbal de sujeitos socialmente constituídos. É o que explicita também Marcuschi (2003, p.34) sobre a questão dos textos: "A perspectiva interacionista preocupa-se com os processos de produção de sentido tomando-os sempre como situados em contextos sócio-historicamente marcados por atividades de negociação ou por processos inferenciais."

Essa atividade verbal que envolve a produção de textos considera a qualidade das condições de produção e o papel dos interlocutores do aluno – adultos e pares que agem como mediadores em diferentes contextos, principalmente na sala de aula.

A linguagem escrita é meio de interação que se vivencia na relação enunciador-destinatário. Segundo Smolka e Góes (1995, p.54) "Na escrita, a produção se dá em condições diferentes da fala, implicando a geração de um fluxo de discurso que se apóia na representação mental da interação com o destinatário".

A professora 7 comenta sobre a fala através dessa interação vivenciada em sala de aula e o que ela pensa sobre as situações tidas como erro:

a partir dos atos da fala é como eu brincava com os alunos da 5ª série o menino chegou e disse assim "professora meu pai pescou uma "taraíra" daí eu falei "uma taraíra" "é professora taraíra é um peixe" daí ele foi explicando o que que era o peixe aí eu disse"

" mas você sabe que existe um outro nome pra esse peixe" "sei professora eu sei que é errado falá taraíra, mas a gente sempre fala porque o nome é traíra" então é justamente um dado epilingüístico que vem geralmente da própria fala e que você pode aproveitá em sala de aula pra até comentá o correto ou que nós achamos que é incorreto eu também não acredito em erro sabe eu acho que os erros que eles cometem são tentativas de acerto se não existissem esses erros qual seria nossa função

É no espaço de interlocução que os sujeitos e a linguagem se constituem. Por isso, cabe à escola propiciar abertura para a instalação de novos processos de ensino-aprendizagem fundados no dialogismo.

Segundo Machado (1996, p.225):

> Bakhtin concebeu o ato dialógico como um evento que acontece na unidade espaço-tempo da comunicação social interativa, sendo por ela determinado. Com isso, Bakhtin passa a entender tudo o que é dito como determinação rigorosa do lugar onde se diz. E, por determinação, entende todo posicionamento elaborado pela mente que, em vez de tornar a ação absoluta, relativiza-a.

Sendo assim, Bakhtin compreende ato dialógico como processo não demarcado, mas um movimento interativo, onde prevalecem as relações humanas.

Assim, a escola, quando se trata de produção de textos, tanto orais quanto escritos, assume a responsabilidade de "passar a palavra" para o aluno. Se ela quer formar cidadãos conscientes, que tenham condições de produzir textos coerentes, precisa considerar o processo de interlocução, ou seja, refletir que os fatores indispensáveis na escrita se evidenciam pelas respostas às perguntas: para quem, para quê, onde, quando e como.

Exemplificando o exposto acima, Geraldi (1991, p.160) expõe as condições necessárias à produção de um texto:

> a) se tenha o que dizer;
> b) se tenha uma razão para dizer o que se tem a dizer;
> c) se tenha para quem dizer o que se tem a dizer;
> d) o locutor se constitui como tal, enquanto sujeito que diz o que diz para quem diz (o que implica responsabilizar-se, no processo, por suas falas);
> e) se escolhem estratégias para realizar (a), (b), (c) e (d).

Um texto adquire sentido a partir de uma situação sociocultural e interacional. Koch (2002, p.30) afirma que "... o sentido não está no texto, mas se constrói a partir dele, no curso de uma interação.".

A autora ainda diz que:

> Para ilustrar essa afirmação, tem-se recorrido com freqüência à metáfora do **iceberg** como este, todo texto possui uma pequena superfície exposta e uma imensa área imersa subjacente. Para se chegar às profundezas do implícito e dele extrair um sentido, faz-se necessário o recurso aos vários sistemas do conhecimento e a ativação de processos e estratégias cognitivas interacionais. (p.30).

Assim, constrói-se um sentido coerente com o contexto em questão, ou seja, numa situação concreta de interação.

A professora 12 assim se manifesta, quando questionada a respeito de suas concepções de ensino-aprendizagem enquanto prática sócio-interacionista em sala de aula:

temos trabalhos em grupos temos trabalhos, por exemplo, com jornal eles lêem primeiro o jornal depois a gente vê qual a reportagem que chamou mais atenção e algum aluno às vezes comenta ah isso aconteceu lá perto de casa ( ) a gente aproveita aquilo que o aluno tá vivendo vivenciando né aquilo que ele tá falando pra trazê em sala de aula

3.2.2 A MODALIDADE ESCRITA E FALADA – SUPERANDO CONCEITOS DICOTÔMICOS

Até a década de 80, a escrita exercia supremacia cognitiva em relação à oralidade, pois os textos orais eram considerados desordenados, confusos, necessitavam de coesão interna.

Essa diferença entre escrita e fala foi repensada a partir de princípios defendidos por estudiosos de que falar ou escrever bem não é adequar-se às normas da língua, mas utilizar a língua para produzir os sentidos desejados de acordo com a situação.

A esse respeito, Marcuschi (2003, p.17) afirma que "Oralidade e escrita são práticas e usos da língua com características próprias, mas não suficientemente opostas para caracterizar dois sistemas lingüísticos nem uma dicotomia".

Em muitos casos, a língua não pode representar a fala, quanto à gestualidade, ao movimento do corpo, à prosódia. No entanto, isso não quer dizer que a oralidade é superior à escrita.

Porém mais importante que discutir se a escrita tem ou não supremacia sobre a oralidade e vice-versa, é necessário contemplar as práticas sociais que envolvem o uso da língua escrita e falada.

A fala, por exemplo, manifestação da oralidade, é adquirida naturalmente, no dia-a-dia, fora dos espaços escolares, em contextos não-formais e nas relações dialógicas que acontecem desde o momento do nascimento.

Já, a escrita, na grande maioria dos casos, é adquirida no contexto escolar, por isso atingiu um caráter de norma.

Estudando sobre a fala e a escrita, verifica-se que a maior tradição entre os lingüistas é a percepção das diferenças, na perspectiva das dicotomias.

No caso das dicotomias estritas, trata-se de uma análise que se volta para o código, que é uma forma mais rigorosa de ver a língua. Esta visão, assim entendida

pelos gramáticos, deu origem ao prescritivismo de uma única norma lingüística, denominada norma culta. É dela que surgiram as diferenças mais específicas entre fala e escrita: contrapondo-as da seguinte maneira, segundo Marcuschi (2003, p.27):

Quadro 1 – Dicotomias Estritas

Fala	**versus**	**Escrita**
contextualizada		descontextualizada
dependente		autônoma
implícita		explícita
redundante		condensada
não-planejada		planejada
imprecisa		precisa
não-normatizada		normatizada
fragmentária		completa

Fonte: Marcuschi (2003, p.27).

Felizmente, hoje, essa visão dicotômica é rejeitada pelos estudiosos da língua e pelos professores, pois não se considera mais a língua falada como representativa do erro e a escrita como excelência da norma, o uso correto da língua.

Exemplo disso é o posicionamento da professora 3, quando diz que o professor não pode dizer ao aluno se é certo ou errado, mas considerar a variedade lingüística que o aluno traz consigo.

o *aluno vem com uma determinada variedade lingüística isso a gente sabe a gente não pode dizer isso é certo isso é errado em língua portuguesa depende muito da situação do contexto o aluno vem com a variedade a gente sabe que a gente não deve dizer que é errado não é errado porque dentro do contexto social dele tá certo ele consegue se comunicar consegue entender os outros só que a escola tem que ensinar a outra variedade aquela variedade que vai ser aceita quando ele for arrumar um trabalho né mesmo na escola quando ele for*

apresentar um trabalho quando ele for conversar com a diretora ele vai ao médico eu sempre deixo claro isso pra eles tanto do fundamental como do médio existe variedade tanto da fala quanto da escrita você tem que saber se adequar isso que é importante e a escola ajuda nisso o aluno se adequar a gente não vai nós não temos que que não pode jogar no lixo o jeito dele falar se comunicar a variedade dele vai continuar existindo

O professor 16, também deixa claro que, em sua prática pedagógica, valoriza as duas instâncias comunicativas, ou seja, a norma padrão e as variedades lingüísticas.

só a gramática ou as regras de gramática também já não resolvem mais e mesmo porque nós temos duas instâncias comunicativas que a gente tem que não separá né é, mas existem diferenças né que é a comunicação oral que é uma né aí a sociolingüística talvez traga mais resposta pra você trabalhá com o texto oral e pra trabalhá com o texto escrito aí você vai ter segui um pouco de normas mais rígidas né que seria a questão da gramática né

Procedendo à análise sobre as dicotomias estritas, conclui-se, que as características apontadas não são exclusivas da fala ou da escrita e, por terem como parâmetro a escrita, ou seja, a partir de regras gramaticais, chegou-se ao preconceito de que a fala é desorganizada, ou seja, menos complexa em relação à escrita.

É claro, que a fala apresenta características próprias, entre as quais, Koch (2002, p.79-80) destaca:

> 1. É relativamente não-planejável de antemão, o que decorre de sua natureza altamente interacional: isto é, ela necessita ser localmente planejada, ou seja, planejada e replanejada a cada novo "lance" do jogo da linguagem.
> 2. O texto falado apresenta-se "em se fazendo", isto é, em sua própria gênese, tendendo, pois, a "pôr a nu" o próprio processo de construção. Em outras palavras, ao contrário do que acontece com o texto escrito, em cuja elaboração o produtor tem maior tempo de planejamento, podendo fazer rascunhos, proceder a revisões e correções etc., no texto falado

> planejamento e verbalização ocorrem simultaneamente, porque ele emerge no próprio momento da interação: ele é o seu próprio rascunho.
> 3. O fluxo discursivo apresenta descontinuidades freqüentes, determinadas por uma série de fatores de ordem cognitivo-interacional, as quais têm, portanto, justificativas pragmáticas de relevância.
> 4. O texto falado apresenta, pois, uma sintaxe característica, sem, contudo, deixar de ter como pano de fundo a sintaxe geral da língua.
> 5. A escrita é o resultado de um processo, portanto estática, ao passo que a fala é processo, portanto, dinâmica. Halliday (1985:74) capta bem essa diferença, utilizando a metáfora do quadro e do filme. Para o leitor, o texto se apresenta de forma sinóptica: ele existe estampado numa página – por trás dele vê-se um quadro. Já no caso do ouvinte, o texto o atinge de forma dinâmicas, coreográfica: ele acontece, viajando através do ar – por trás dele é como se não existisse um quadro, mas um filme.

Com relação à oralidade, ao texto falado, como é a interação que está em jogo, ocorre quebras na fala, inserções, repetições. São, segundo Koch (2002, p.80) "pressões de ordem pragmática que se sobrepõem, muitas vezes, às exigências da sintaxe".

Isso é o que os professores de Língua Portuguesa precisam trabalhar no ensino fundamental, com seus alunos, de modo que compreendam que muitos fatores estão envolvidos nesse processo de oralidade, entendendo que o texto falado tem uma estrutura que lhe é própria e segue certas "estratégias" conversacionais, permitindo o entendimento entre os pares.

Exemplo disso é quando a pessoa está falando e percebe que já se fez entender, desnecessário é a continuidade da fala. O contrário também pode ocorrer. A pessoa não se fazer entender e aí se procede à mudança de estratégia, com explicações, exemplos, paráfrases.

Se o emissor do texto falado percebe que falou algo "errado", há a possibilidade da correção e se foi muito incisivo em suas colocações pode atenuar sua fala com outras expressões.

A professora 7 confirma isso em seu depoimento:

devemos contar a eles que na oralidade podemos nos utilizar de diversos recursos que não devem ser utilizados na linguagem escrita a norma culta de

linguagem deve ser ensinada sem, entretanto, considerarmos "errada" a linguagem que eles trazem de suas famílias o papel da escola é ensinar a língua padrão e através de texto isso fica mais fácil

3.2.3 EXPLORANDO A ORALIDADE NAS AULAS DE LÍNGUA PORTUGUESA

Abrir espaços e oportunidades para a oralidade no contexto escolar é de fundamental importância para desmistificar a crença de que os usos orais da língua estão tão ligados à nossa vida que nem precisariam ser objeto de estudo.

Antes sim, ao aproveitar a oralidade do aluno para desenvolver as aulas de Língua Portuguesa e fazer atividades mais reais, partindo da sua experiência, do seu contexto, daquilo que o rodeia, o professor estará priorizando a oralidade enquanto interação.

Tanto os textos orais quanto os escritos obedecem a critérios que estabelecem a seqüência e a coerência textual. Não somente os textos escritos, mas os orais utilizam elementos encadeadores para a articulação entre os tópicos da interação. O professor de Língua Portuguesa, em especial, pode explicar aos seus alunos que os elementos conectores (como repetições, substituições por sinônimos e pronomes, conjunções) o auxiliarão para a produção de um texto mais elaborado.

Além da entonação, das pausas que contribuem para o sentido do texto, as expressões fisionômicas, a gestualidade, a movimentação do interlocutor são exploradas no processo de interação verbal. O ouvinte do discurso realiza uma atividade de cooperação, de participação, e o professor pode mediar esse processo, desenvolvendo no aluno a competência comunicativa de saber ouvir o outro e posicionar-se também criticamente frente ao seu discurso.

Vigotsky (1993, p.122) afirma que a fala oral, na maioria dos casos, representa o diálogo e "o diálogo sempre pressupõe que os interlocutores tenham

um conhecimento do assunto [...] e também pressupõe que cada pessoa possa ver seus interlocutores, suas expressões faciais e seus gestos, e ouvir o tom de suas vozes."

Existem diferentes situações comunicativas. Para Antunes (2003, p.103-104):

> o falante e o ouvinte são os atores do drama da comunicação e, nesse drama cada um tem seu papel específico, que delimita suas possibilidades de atuação. Quem fala primeiro, quem pode falar, quem pode interromper e tantas outras restrições estão ligadas intimamente, aos papéis sociais vividos por todo interlocutor em cada situação comunicativa.

Para a autora, a escola precisa dar as orientações e explorar as expressões do comportamento lingüístico adequado, no intuito de desenvolver a competência comunicativa dos alunos.

Essas atividades da oralidade, no ensino fundamental em detrimento das análises morfológicas e sintáticas que se procedem nas escolas podem ser consideradas com mais atenção. Postula Gnerre (1998) que "temos que tentar devolver o gosto e a confiança na oralidade, o prestígio da arte verbal..."

Ao perguntar para os professores sobre a maneira como trabalham a oralidade, se a privilegiam em detrimento de outros aspectos, a maioria se posicionou a favor da oralidade e a necessidade da abertura de espaços para a fala dos alunos, para a expressão de suas idéias, a participação, o envolvimento nas atividades.

Exemplificam essa questão ao responder ao questionamento: O que você considera mais relevante no seu trabalho com Língua Portuguesa?

Professora 1

em primeiro lugar a oralidade a expressão do aluno a leitura a interpretação tudo antes da gramática a gramática a partir disso levantando dados do que foi trabalhado a partir daí trabalhar as dificuldades

Professora 7

a oralidade a oralidade sempre é a questão do vocabulário também eu acho bastante necessário saber o significado de palavras que eles não conhecem pra que eles possam usá-las em outros contextos né

Professor 16

só a gramática ou as regras de gramática também já não resolvem mais e mesmo porque nós temos duas instâncias comunicativas que a gente tem que não separá né é mas existem diferenças né que é a comunicação oral que é uma né aí a sociolingüística talvez traga mais resposta pra você trabalhá com o texto oral e pra trabalhá com o texto escrito aí você vai ter segui um pouco de normas mais rígidas né que seria a questão da gramática né

Enfim, vê-se que a oralidade se apresenta como uma possibilidade de mudança nas aulas de Língua Portuguesa. O professor mediador, na concepção sócio-interacionista, atua como interlocutor do aluno, orientando-o, ouvindo-o e permitindo-lhe espaços para o diálogo, a fim de que possa constituir-se como sujeito social. O que faz da oralidade uma experiência significativa é o fato de que tanto quem fala quanto quem ouve, aprende com a fala do outro, num processo interativo.

3.2.4 TRABALHANDO COM A DIVERSIDADE TEXTUAL – GÊNEROS

Partindo do princípio de que nossas ações lingüísticas se orientam por fatores dentro de um contexto situacional, ou seja, quem produz o texto, qual o seu interlocutor, qual o objetivo do texto e qual gênero é o mais adequado para estabelecer a comunicação, justifica-se a necessidade dos professores de Língua

Portuguesa, do Ensino Fundamental se utilizarem da variedade de textos, objetivando a interação social.

Para Bakhtin (1997a, p.279):

> qualquer enunciado considerado isoladamente é, claro, individual, mas cada esfera de utilização da língua elabora seus *tipos relativamente estáveis* de enunciados, sendo isso que denominamos gêneros do discurso.

Machado (1996, p.234) afirma que "os gêneros discursivos, como formas específicas de uso da língua, ocupam um lugar de destaque na análise geral da enunciação empreendida por Bakhtin". Depreende-se dessa afirmação que se torna indispensável priorizar no estudo da língua os gêneros, na sua diversidade e na dialogia imbuída na textualidade.

O ensino de produção de textos feito nas escolas, hoje, prevê que sejam estudados os tipos textuais tradicionais como a narração, a descrição e a dissertação, mas incorpora cada vez mais, na prática, as variedades de gêneros.

Centrar a produção de textos apenas na narração, descrição e dissertação é uma prática que priva os alunos de conhecer a diversidade textual que circula na sociedade.

A abordagem que contempla os gêneros diversifica e enriquece a capacidade dos alunos de produzir textos escritos e orais, indicando-lhes diversas formas de participação social, fazendo uso da linguagem e preparando-os para práticas lingüísticas cotidianas.

Com respeito à diversidade textual, a escola ao funcionar como mediadora do processo, orientando o aluno, discutindo, compreendendo os textos postos pela mídia e outros veículos de comunicação e produzindo textos que podem contribuir para a melhoria da sociedade terá como resultado dessa prática um maior envolvimento nas atividades escolares e o maior comprometimento no ensino-aprendizagem.

O questionamento que se faz no âmbito escolar, diante da diversidade de gêneros é quais deles a escola deve priorizar como objeto de aprendizagem.

Os PCNs (1998, p.53-57) sugerem que os professores de Língua Portuguesa trabalhem com os gêneros e priorizem "aqueles cujo domínio é fundamental à efetiva participação social", agrupando-os em função de sua articulação social em gêneros literários, de imprensa, publicitários e de divulgação científica. Assim, as sugestões dos PCNs levam em conta os usos sociais mais freqüentes dos textos estudados e produzidos pelo aluno.

Rodrigues (2000, p.207) afirma que "uma das carências apontadas no ensino tradicional de produção escrita foi a desconsideração dos seus aspectos sociodiscursivos." Para ela, isso significa que na prática pedagógica, a escola constrói, nas atividades de produção textual, modelos de gêneros que não encontram referência nas práticas de linguagem escrita fora da sala de aula.

Por isso, é necessário que propostas teórico-metodológicas que considerem os diferentes gêneros do discurso reorientem a produção escrita dos alunos, considerando o texto e o gênero como objeto de ensino, voltando-se para textos que circulam em diferentes esferas sociais.

O gênero jornalístico é um recurso didático que oferece inúmeras sugestões para o desenvolvimento de atividades tanto da linguagem oral quanto da escrita: comentários, entrevistas, debates, depoimentos, notícia, artigo, editorial, reportagem, carta ao leitor, charge e tira. Observa-se pela pesquisa, que essa forma de trabalho se faz cada vez mais presente no meio escolar com projetos bastante diversificados e interessantes, permitindo ao professor de Língua Portuguesa dinamizar suas aulas e contribuir para a formação crítica do cidadão.

Cavalcante (1999, p.31) afirma que "o educador deve ter em mente que, ao levar o jornal para sala de aula, ele não apenas está contextualizando a aprendizagem, mas fazendo com que o aluno tenha contato permanente com a realidade através do jornal".

Por essa razão, quando o aluno produz textos como carta ao leitor, editorial e textos argumentativos toma consciência de que dessa forma pode expressar suas opiniões a respeito de um assunto e manifestar-se, exercendo sua cidadania e até

mesmo interferindo nos acontecimentos à sua volta. Exemplo disso é o que a professora relata abaixo:

Professora 12

quer vê uma coisa interessante que aconteceu um dia um aluno chego né foi numa aula que a gente tava trabalhando com jornal o aluno chegô dizendo para mim ai professora a senhora viu lá pra cima como tem buracos naquele meio fio ali, ali subindo ali no operário que os pedestres não podem passa ali no meio fio aí eu parei pra pensá verdade daí eu falei assim bom já que a gente tá trabalhando com jornal vamos escrever pro jornal contando isso falando do perigo que tem ali o pedestre passa junto com os carros na rua tal né interessante daí o aluno escreveu a gente viu a estrutura do texto dele e enviamos para o jornal foi publicado porque a menina achô interessante do jornal né e foi publicado uma semana depois não sei se foi o dono com certeza preencheu tudo de terra ali tinha crateras e o dono preencheu tudo de terra ali ele veio todo feliz na semana seguinte né professora a senhora viu a senhora viu tamparam todos os buracos lá do meio fio você viu que interessante pra que serve a comunicação pra que que serve a escrita e daí ele tornô a escrevê ainda falando então do que seria a responsabilidade se era da prefeitura se era do dono do lote e o jornal público de novo um mêis depois houve o calçamento ali né pro aluno aquilo foi uma vitória pra mim também né porque ali a gente viu né o trabalho colocado em prática seu trabalho colocado em prática inclusive eu contei pra todos os professores né

Trabalhando assim, o professor extrapola o nível da frase e busca o domínio do texto e do discurso, o contexto em que se dá a produção do enunciado lingüístico, já que o que se fala e como se fala estão relacionados com o como se fala e para quem se fala.

Assim, percebe-se uma mudança de postura do ensino da língua, pois o aluno deixa de aprender a descrever a norma culta da língua e passa a considerá-la em seus aspectos essenciais de produção e interação social.

Continuando a análise das falas dos informantes, nota-se que o jornal é um dos recursos mais utilizados pelos professores, em sala de aula. Uma grande parte das escolas estaduais recebe o jornal *Diário dos Campos* e desenvolve, com apoio do Núcleo Regional de Educação de Ponta Grossa, Secretaria Municipal de Educação e apoiadores sociais, o projeto "Cidadão do Futuro". Lançado em 2001, o programa tem a preocupação de formar leitores críticos e preparados para o exercício da cidadania. No primeiro ano de trabalho, cerca de 1,7 mil alunos de 15 escolas de Ponta Grossa, Carambeí e Castro receberam o jornal todas as quartas-feiras. Em 2002, o programa recomeça com 21 escolas e 2.674 alunos.[1] Em 2003, o projeto continuou atendendo 1761 alunos e em 2004, 1960 alunos foram beneficiados.[2]

O jornal é um suporte a mais para os professores trabalharem seus conteúdos, ao mesmo tempo em que preparam os alunos para uma leitura significativa e contextualizada do mundo.

Pelas respostas dos professores, observa-se que mesmo aqueles que não têm a possibilidade de participar do projeto Cidadão do Futuro utilizam o jornal como importante recurso didático em suas aulas. Quando questionados: Você oportuniza o trabalho com diferentes linguagens em sala de aula (jornal, propaganda, tv, música, teatro, desenho etc)?, assim se posicionaram:

Professora 2

trabalho jornal principalmente nós temos o jornal toda quarta-feira vai pros alunos de 5ª e 6ª agora se não me engano pros de sétima também

---

[1] Informações retiradas do Manual do Professor, Projeto Cidadão do Futuro: mais que um Programa Cultural, uma ação de Cidadania, realizado pelo Diário dos Campos, desde o ano de 2001.
[2] Dados fornecidos pela Coordenação do Projeto Cidadão do Futuro.

Vocês fazem parte do projeto cidadão do futuro?

fazíamos não sei se agora vai continuar

Professora 3

ah sim até textos como eu te falei eu uso não um livro didático apenas vários eu trago texto de jornal da internet às vezes eu imprimo tiro cópia né uma letra de música um poema textos variados

Professora 7

inclusive aqui nós temos assinatura do jornal diário dos campos

Vocês participam do projeto?

nós participamos

Toda semana?

sim pelo menos ano passado era na quarta né (é na quarta ainda) na quarta-feira daí nós trabalhávamos muito com jornal

Professora 5

eu procuro usá vídeo jornal revista aí textos literários textos informativos bem diversificados pro aluno ter contato com essas diferentes linguagens no caso

Professora 6

eles têm o jornal que eles recebem então trabalhamos diretamente com o jornal

Vocês estão no projeto Cidadão do Futuro? Você acha válido?

bastante nossa o jornal é riquíssimo pra trabalhar eles adoram toda aula que eles recebem o jornal na quarta eu tenho aula com eles na quinta-feira então chega quinta-feira ah "vamos trabalhá com o jornal vamos trabalhá com o jornal"

O que você trabalha com a turma?

eu trabalho as notícias a manchete a gente lê faz um apanhado geral primeiro faz um apanhado geral daí eu dô um tempinho pra eles lerem o que interessa pra eles daí eu procuro assim uma notícia que chama a atenção que é importante procuro direciona aquela parte do caderno dois que sai as publicações deles inclusive eu trabalho com também o jornal da escola

Professora 7

trabalho trabalho é com jornais eu procuro fazê como a escola aqui não tem o cidadão do futuro

Ah não tem?

o projeto aqui não o colares tem o regente não então eu procuro trazer notícias pra eles

( ) revistas também revistas semanais como eu tenho assinaturas eu trago revistas pra sala de aula eles dão uma folhada nas revistas é se interam de determinados assuntos que interessam escolhem a notícia pra comentar pra dizê o que que eles pensam a respeito pra que eles também se interem do mundo que o cerca muitas vezes essas notícias até dos jornais da nossa cidade eles tratam o leitor como se o leitor fosse ignorante né então até as crianças percebem isso nas notícias e nas revistas semanais eles têm mais chance de entrar em contato com maior número de notícias que aconteceram na semana toda

Professora 8

jornal propaganda agora eles fizeram um trabalho sobre folclore eles tão trazendo de casa é parlenda lenda chá casero bastante

Professora 11

exatamente é questão de textos também produção de textos nós estamos com música na língua portuguesa trabalhando eduardo e mônica questão do amor né e na literatura é eu não trabalho assim só lendo lendo lendo tenta transformá a leitura deles né então, por exemplo, mesmo sendo quinta série eles estão fazendo agora eles fizeram a leitura de contos e eles vão transformá sob ponto de vista deles aquele conto em teatro em música a expressão artística da literatura né provavelmente daqui a duas semanas este trabalho já esteja pronto sempre nós colocamos em mural né pra que os outros também se socializem

Professora 15

uso uso bastante eu uso mais eu uso bastante jornal e teatro e música são os trêis que eu mais utilizo

Você participa lá do projeto do jornal?

não a escola não tem mais eu tenho ido nas reuniões também né e eu tenho trazido pra sala de aula ( ) eles adoram

olha eu busco sempre trazê a realidade deles até agora tem um jornalzinho daqui do bairro hoje eu trabalhei esse jornal com ele eu tirei os textos do jornal porque daí eles tão mais envolvidos também às vezes vêem até a foto do parente ou foi a mãe que deu entrevista eu busco um pouco da realidade deles

Professor 16

na medida do possível música e filme que é mais fácil e os próprios livros didáticos eles têm eles trazem, por exemplo eles trazem ali um texto que por exemplo é uma receita de bolo que é mais comum mas eles trazem uma reprodução de uma página de jornal eles trazem a reprodução de por exemplo de uma conta de luz uma bula de remédio é por isso que facilita

Além das atividades realizadas com jornal, os professores se sentem satisfeitos com sua prática pedagógica quando relatam os projetos que desenvolvem, envolvendo os gêneros.

Os PCNs, segundo Rodrigues (2002, p.55) seguem orientações para o ensino da Língua Portuguesa, no que diz respeito aos gêneros discursivos a partir das concepções de Bakhtin. Para a autora citada: "Os gêneros são, portanto, determinados historicamente, constituindo formas relativamente estáveis de enunciados, disponíveis na cultura". Afirma que os gêneros são caracterizados por três elementos: o conteúdo temático, a construção composicional e o estilo.

Bakhtin (1997a, p.279) ainda considera que "a riqueza e a variedade dos gêneros do discurso são infinitas, pois a variedade virtual da atividade humana é inesgotável, e cada esfera dessa atividade comporta um repertório de gêneros do discurso".

Os professores relatam sobre os projetos que desenvolvem com seus alunos envolvendo diferentes linguagens como a das histórias em quadrinhos, a do jornal, das poesias:

Professora 2

já já participei do vale saber

Que projeto?

eu fiz de histórias em quadrinhos quando eu tava aqui no divino

E foi bem produtivo?

foi eu trabalhava com 5ª séries na época eles gostaram muito uma que eles gostam de histórias em quadrinhos e a partir do momento que eles produziram as histórias deles nossa eles acharam o máximo então eu achei que foi muito bom

Professora 6

trabalhei é viajando com monteiro lobato só que trabalhei mais ensino médio né

E como foi?

foi bastante interessante porque eles fizeram quer dizer eu adorei porque na realidade eu já juntei como projeto cidadão do futuro né trabalhando o jornal com as sextas séries e daí lendo os livros do Monteiro Lobato e daí o ensino médio estão trabalhando o teatro então foi nossa eles aproveitaram bastante a gente feiz um painel nas escola sobre monteiro lobato com os personagens sabe

Os projetos já conferem esse caráter mais prático né?

ã hã

E eles acabam gostando né?

exatamente porque é uma coisa diferente né e também porque é feito fora da sala de aula né eles adoram pena que saiu né queria que tivesse voltado continuado

Professora 13

Bem significativa do teu trabalho, que você achou que realmente valeu a pena?

com eles é muitas coisas que eu faço assim eu gostei de confeccioná com eles livros eu tenho um projeto que na escola aqui esse ano ainda não desenvolvi mais vô desenvolvê mais para frente com eles é uma produção do livrinho projeto então eles fazem uma busca de informações com toda família com tias com avós com pais com família eles buscam bem a origem deles né daí eles produzem um livro começando com o nome deles a origem do nome qual significado fazendo uma autobiografia quem é ele falando um pouco de sua vida

Mas cada um tem o seu livrinho?

cada um tem o seu

ficou uma gracinha eles fazem eles ilustram com fotos eles pedem uma citação que eles pegam uma foto de quando eles eram criança eles tem que relatá o que aconteceu naquele dia especial então eles escrevem né até um aluno falou nossa professora como é interessante a gente consegui voltá no tempo e lembrá de coisas que no dia a dia a gente não consegui não para pra pensá

esse trabalho é interessante também porque ele está lidando com algo que é dele eles adoram mostrá esse trabalhinho pros outros né

E você faz uma exposição, uma apresentação?

eles em sala de aula eles vão falá um pouquinho né daí eles falam até mesmo da união da família do pai e da mãe sentá pra fazê esse trabalho junto às vezes ligá pro avô visitá um parente que há muito tempo eles não viam pra pegá umas fotos né socializando

outro trabalho que eu fiz com eles também e eles gostaram foi há um ano passado em agosto com o folclore eles deveriam escolhê uma das lendas paranaense e transformá essa lenda numa história essa história ia ser um livrinho né então eles poderiam imaginá que o avô estava contando pro netinho a história de uma lenda colocando outros elementos

Os gêneros, como concebe Todorov (1980, p.49) "existem como instituição, que funcionam como 'horizontes de expectativa' para os leitores, como 'modelos de escritura' para os autores." (grifo do autor). Por isso, os gêneros se relacionam com a sociedade em que estão inseridos. Assim como na história, cada época tem seu sistema de gêneros que está em relação com a ideologia dominante, e mostram os aspectos da sociedade a que pertence.

Trabalhar a diversidade de gêneros textuais no Ensino Fundamental é de salutar importância, pois numa sociedade globalizada como a nossa, a tecnologia e a informação se desenvolvem a passos rápidos e ampliam a possibilidade de comunicação entre as pessoas.

Por isso, nesse processo de intercâmbio verbal, apropriar-se de estratégias que melhor conduzam as informações em contextos específicos e provocar respostas no interlocutor é fundamental.

3.3 ANÁLISE LINGÜÍSTICA

Dê-me um cigarro
Diz a gramática
Do professor e do aluno
E do mulato sabido
Mas o bom negro e o bom branco
Da Nação Brasileira
Dizem todos os dias
Deixa disso camarada
Me dá um cigarro

(Oswald de Andrade)

3.3.1 NORMA CULTA/VARIEDADES LINGÜÍSTICAS

Existem diferenças entre o português falado no Norte-Nordeste do Brasil e o falado no Centro-sul. No Centro-Sul, por exemplo, observa-se o falar do carioca e do paulistano. Essas são as diferenças geográficas. Existem também diferenças na língua falada por um homem ou mulher, por uma criança ou adulto, por uma pessoa de classe média, alta ou baixa, por uma pessoa do interior ou da cidade. São variedades: socioeconômicas, urbanas, rurais, de gênero, de faixa etária, de nível de instrução etc.

A língua varia no tempo (diacrônica) e no espaço(diatópica). A que falamos hoje é diferente da falada em 1500 e provavelmente será diferente daqui a algum tempo.

Um pequeno número de variedades do português, faladas numa determinada época - por razões diversas, foram eleitas para servirem de base para a constituição e elaboração da norma padrão que é modelo "ideal" de língua a ser usada pelas autoridades, pelas pessoas cultas, pelos escritores e jornalistas, aquela que deve ser ensinada e aprendida nas escolas (BAGNO, 2001, p.22).

Os autores de livros didáticos elaboram seus manuais escolares pensando em estratégias pedagógicas eficazes para que as crianças aprendam a norma padrão. Todo esse trabalho de padronização, de criação e cultivo de um modelo de língua dá a impressão de ser mais rica, mais complexa, mais versátil que todas as demais línguas faladas no país, porém segundo Bagno (2001, p.25) "todas as variedades de uma língua têm recursos lingüísticos suficientes para desempenhar sua função de comunicação, expressão e de interação entre seres humanos".

O português não-padrão é a linguagem própria de cada indivíduo, oriunda do grupo social a que ele pertence, a língua da grande maioria das crianças que freqüentam a escola pública. Por ser usada por pessoas de classe desprestigiada,

marginalizada, num país que tem a pior distribuição de renda em todo o mundo - o português não-padrão sofre os mesmos preconceitos.

Por muito tempo a criança que chegava à escola falando o português não-padrão era corrigida, pois só se aceitava a norma padrão. Hoje, já se verifica que, na verdade, ela simplesmente fala uma língua diferente da ensinada na escola.

Ao considerar a criança um deficiente lingüístico, a escola cria no aluno sentimento de rejeição, levando-o a sentir-se incapaz de aprender. Quando a escola não reconhece as variedades lingüísticas e tenta impor a norma padrão, valorizando aqueles que vêm com ela e discriminando os que não a dominam, está agindo injustamente.

Segundo Bagno (2003, p.52):

> existe uma diferença muito grande entre o que as pessoas em geral chamam de *norma culta*, inspiradas na longa tradição gramatical normativo-prescritiva, e o que os pesquisadores profissionais chamam de *norma culta*, um termo técnico para designar formas lingüísticas que existem na realidade social." (grifos do autor)

Entende-se, portanto, por gramática prescritiva, aquela que impõe regras, prescrita nas gramáticas normativas e inspirada nos modelos clássicos, homogênea, e a gramática descritiva a que descreve o uso da língua, aceitando as transformações que os falantes fazem, o processo de evolução da língua, essencialmente heterogênea.

Para Bagno (2001, p.30) "O domínio da norma padrão certamente não é uma fórmula mágica que vai permitir ao falante de português não-padrão 'subir na vida' automaticamente". Com isso, o filólogo afirma que com a distribuição democrática da riqueza lingüística os menos favorecidos podem lutar em pé de igualdade, com as mesmas armas, ao lado dos cidadãos de classe privilegiadas, para ter acesso aos bens econômicos, políticos e culturais.

Analisando as falas dos professores envolvidos na pesquisa, percebe-se que, a maior parte das respostas aos questionamentos sobre a norma culta demonstra

como eles têm clara consciência de sua função, enquanto educadores, em possibilitar ao aluno, que se expresse na sua língua, sem que para isso tenha que sofrer qualquer forma de preconceito lingüístico.

Ao expressarem suas opiniões sobre a questão "Qual o objetivo das aulas de Língua Portuguesa em relação à norma culta?", assim expuseram o que pensam e colocam em prática:

Professora 2

acho que pode aproveitar esse falar do aluno no dia-a-dia pode mostrar pra ele como que você fala como é a forma culta mas sem agredir a forma com a qual ele fala

Professora 4

é complicado né porque a nossa clientela aí é aquela que fala "peguemo" "compremo" "brinquemo" e é vício de linguagem isso a gente sabe que é e não tirá deles não tira porque eles convivem com isso né então por mais que você ensine eles sabem que eles estão falando errado, mas eles continuam falando e escrevendo errado

Professora 6

não somente essa mas valorizar o que eles já sabem né o que eles trazem de casa porque eles convivem com isso, mas mostrar a diferença dentro do falar corretamente com a linguagem que eles usam

Professora 8

olha eu acho que é função da escola ensinar a norma culta, mas é função da escola também aceitar o jeito que eles vêm claro que tem uns absurdos que não dá pra gente aceitar né tem umas coisas assim que a gente tem que ensinar

Professora 10

é dar as noções das formas gramaticais das normas padrão pra que eles saibam se colocar diante da sociedade e ser bem aceito com um bom vocabulário seja claro nas suas colocações seja bem recebido que ele consiga alcançar seus objetivos se comunicando bem

Professora 11

nós tentamos em sala de aula as diferentes linguagens, mas porque eu acredito que a norma culta uma vez que ele tá tendo o conhecimento acadêmico quase que entre aspas uma obrigação dele conhecer a norma culta não que ele não vá considerar as outras linguagens isso é importante pra ele conhecer pra ele adaptar-se as outras realidades também porque nós não vamos transformar uma pessoa um senhor que trabalha na horta aqui então nós temos que conhecer a maneira como ele adequar-se a ela

Professora 12

sim o aluno tem que saber a norma culta ela está nos livros ela está na mídia o aluno precisa saber a norma culta ele não utiliza no dia-a-dia mas ele precisa saber

Professora 14

eu acho que a escola tem mais é obrigação de preparar o aluno pro mundo e o mínimo que ela tem que fazer é fazer com que ele domine a linguagem culta porque é dela que ele vai precisar pra fazer a diferença lá fora

Professora 15

bom e eu acredito que seja a compreensão dessa norma né não uma exigência né eles podem eu falo pra eles inclusive que eles têm duas línguas diferentes a língua falada e a língua escrita na fala eles podem tudo eles tão presentes eles podem modificá se a pessoa não entendê eles podem perguntá mais na escrita daí já tem que ser a culta pra que todos né possam se entender

Você aproveita essas variedades lingüísticas do aluno?

Aproveito aproveito eu aproveito os textos deles mesmo a gente acaba fazendo a interpretação dos textos deles quando eles produzem né normalmente uma vez por semana eu faço produção textual aí eu passo escolho aleatoriamente ou então algum tema que a gente tenha trabalhado mais forte é eu coloco numa folha maior daí a gente faz apresentação daí a gente vê a variação que também é um trabalho bem interessante eles gostam

Professor 16

é a minha visão sobre isso é exatamente isso a escola ela tem que ensinar a norma culta como uma das possibilidades né de comunicação né eu trabalho muito com meus alunos essa questão de que não existe certo ou errado né o que existe é o adequado e o inadequado em determinado momento né e a norma culta a norma padrão digamos assim né porque a norma norma culta ãh dá dá a impressão de ser uma coisa preconceituosa então eu prefiro a norma padrão porque é interessante que os alunos saibam que num país tão grande quanto o

Brasil é preciso que haja uma certa uniformidade em alguns momentos ( ) ele não pode usá a linguagem que aprende em casa ou na sua comunidade o tempo todo porque as outras comunidades são diferentes das dele né

Quando a professora 4, diz que *nossa clientela é aquela que fala "peguemo", "compremo" e "brinquemo"*, na verdade ela está querendo dizer que o aluno aprendeu a falar dessa maneira no ambiente em que vive e continua falando, é a linguagem dele. Mesmo que a escola corrija, muitas vezes continua falando dessa forma, pois o pai, a mãe, enfim, os parentes também falam assim.

Analisando as outras falas, percebe-se que os professores concordam que é função da escola ensinar a norma culta, explicitando ao aluno que não existe certo ou errado, mas como diz o professor 16, adequado e inadequado em determinadas situações.

É importante afirmar que não se fala uma só língua portuguesa, mas um certo número de variedades do português, das quais algumas constituíram a norma padrão, por motivos de ordem histórica, econômica, social e cultural.

Esse português padrão, que é a norma oficial usada na literatura, nas leis, nos decretos do governo, na mídia, ensinado nas escolas, explicitado nas gramáticas é o que os professores consideram importante passar aos alunos, a fim de que eles possam compreender, como diz o professor 16 que num país tão grande quanto o Brasil, é preciso que haja uma certa uniformidade em alguns momentos.

3.3.2 GRAMÁTICA

Enquanto a língua é um rio caudaloso, longo e largo, que nunca se detém em seu curso, a gramática normativa é apenas um igapó, uma grande poça de água parada, um charco, um brejo, um terreno alagadiço, à margem da língua. Enquanto a água do rio/língua, por estar em movimento, se renova incessantemente, a água do igapó/gramática normativa envelhece e se renovará quando vier a próxima cheia.

(Marcos Bagno)

3.3.2.1 A gramática como prática metalingüística

As discussões sobre ensinar ou não a gramática são comuns na escola. Nos últimos 30 anos, desde o reconhecimento da Lingüística como ciência, professores questionam-se sobre o que ensinar nas aulas de língua, como e para quê.

As teorias e as linhas de pesquisa que vão da Lingüística Estrutural à Análise do Discurso evidenciam novos conceitos e terminologias que marcam importantes diferenças quanto ao modo como o objeto é concebido.

Com o desenvolvimento da Lingüística, a gramática passou a ser vista de forma diferente. Segundo Neves (2003, p.34), dois são os grandes marcos, no Ocidente, de alteração da história da consideração da gramática:

> 1. O aparecimento dos estudos varicionistas (sociolingüística), que passaram a vincular **padrões a usos.**
>
> 2. O desenvolvimento dos estudos sobre oralidade (análise da conversação) que passaram a relativizar o **padrão. (grifos da autora)**

Nesse quadro de inovações, apesar de participar de cursos, capacitações, grupos de estudos que fundamentam teoricamente e orientam para novas práticas, muitas vezes, o professor sente-se inseguro e relutante às mudanças na forma de ensinar a língua e permanece com a mesma prática metalingüística. Entretanto, para estudiosos como Possenti (1996, p.54) "conhecer uma língua é uma coisa e conhecer sua gramática é outra. (...) saber uma língua é uma coisa e saber analisá-la é outra." e Geraldi (2000, p.45-46):

> Uma coisa é saber a língua, isto é, dominar as habilidades de uso da língua em situações concretas de interação, entendendo e produzindo enunciados, percebendo as diferenças entre uma forma de expressão e outra. Outra, é saber analisar uma língua dominando conceitos e metalinguagens a partir dos quais se fala sobre a língua, se apresentam suas características estruturais e de uso.

Em sua prática pedagógica, alguns professores ainda continuam com o modelo gramatical da tradição normativa porque não conseguem encontrar consistência, adequação na nova maneira de conceber a língua, isto é, por meio de atividades que propiciem a observação de fatos lingüísticos numa situação concreta de interação verbal e reflexão sobre os recursos semântico-expressivos da língua que desenvolvam a competência comunicativa do aluno.

Alguns professores continuam ensinando nomenclaturas e fazendo análise metalingüística, ensinando a norma-padrão como modelo a ser seguido e deixando de ver a gramática como o próprio sistema de regras da língua em funcionamento.

A gramática, para alguns professores, ainda têm um papel forte na Língua Portuguesa porque dá a noção de progressão dos conteúdos. O professor tem a sensação de que está cumprindo o planejamento previsto para a série e passando matéria para o aluno.

É o que se observa pela resposta dos professores ao questionamento: E a gramática? Você acha a gramática importante para o aluno?

Professora 2

Eu ainda sô assim meio tradicional eu acho que a gramática é importante né não tem como você trabalhar a língua portuguesa se você não repassar a gramática

Professora 4

eu acho importante e acho muito difícil trabalhá assim ela totalmente contextualizada eu sô meio tipo assim eu gosto antes de trabalhá ela o contexto no texto eu gosto primeiro de explicá explico toda a gramática primeiro eu sô meio antiga nesse ponto depois trabalha ela dentro do texto eu não consigo trabalhá ela separada porque eles não aprendem

Você parte da explicação pro texto?

eu parto da explicação pro texto daí dentro do texto a gente trabalha né com os exercícios exemplos

Professora 15

importantíssima sô bem gramatiquera assim passo gramática porque eu sinto que eles aprendem um pouco mais quando a gente passa os as nominações mesmo né eles parecem que se interessam um pouco mais se simplesmente largá lá e não falá pra eles o que que é aquela palavra se é um substantivo ou não eles não se interessam

Professora 17

eu sô ainda daquelas professoras que dá gramática no quadro eu não consegui não sei se isso chega até ser uma falha da minha parte mas eu não consegui me desvencilhar da gramática eu acho que ela é importante eu trabalho com a gramática às vezes é uma dificuldade que surgiu em algum texto na sala de

aula ou às vezes seguindo o próprio planejamento o próprio planejamento é assim é que eu vou trabalhando

A fala dos professores 2, 4, 15 e 17 reflete uma posição normativa em relação à gramática. No entanto, o que se espera é que eles se preocupem em não apenas elencar funções e classificações, mas que considerem os usos efetivos da língua, os usos correntes atuais e suas variantes.

Neves (2003, p.38) afirma:

> Ora, obviamente não se pode entender que o falante estará exercendo plenamente suas "capacidades" de usuário da língua e que estará fechando com sucesso o complicado ciclo da sua interação verbal com a simples atitude de obedientemente engessar suas construções nos moldes que, sem mais, lhe tenham sido entregues, no seu trato com as lições de gramática, como garantidores de bom uso, moldes "legitimados" apenas pelos nomes daqueles doutos que um dia os usaram ou daqueles fornecedores de lições que todo dia entregam por aí pratos feitos de "bom uso" da nossa língua.

Entende-se que, cabe à escola promover reflexão sobre a língua e seus usos e que a gramática não se reduza à proposição de moldes, uma vez que decorar conceitos e aprender nomenclaturas não levam à competência lingüística.

3.3.2.2 A gramática como requisito básico para concursos

Os professores têm ainda essa visão de que se não ensinar gramática, o aluno não aprende o português.

Outro ponto observado na pesquisa é que os professores, de maneira geral, consideram a gramática indispensável, visto que os alunos irão participar de vestibulares, de concursos públicos e outros testes que cobram a gramática.

Professora 3

a gramática é uma coisa bem complicada porque veja tem que falar só do fundamental ou do ensino médio ensino médio por exemplo se você não cobra a gramática o aluno do colégio particular o professor segue direitinho livro ou a apostila que é toda gramática bem tradicional aí o aluno vai fazer um concurso ou vestibular o que que cai cai gramática cai produção de texto então se a gente não trabalha com o aluno da escola pública gramática ele vai ficar em desvantagem com o aluno da escola particular

E no fundamental?

no fundamental eu também trabalho mas eu procuro trabalhar mais com produção de texto com leitura interpretação bastante eu gosto de trabalhar bastante trabalhos é orais apresentação oral

Professora 11

embora hoje a gramática seja pregada para estudar contextualizada o que nós vemos nos concursos nos vestibulares não é isso não condiz com a realidade o professor muitas vezes se ele não busca capacitação conhecimento ele não sabe trabalhá a gramática contextualizada

Mas para Possenti (1996, p.55) essa forma de encarar a gramática nos concursos pode ser mudada, porque:

> a) quem elabora provas de português são em geral, professores de português – basta, portanto, que os especialistas mudem de estratégia de avaliação;
>
> b) em muitos vestibulares e outras provas, há questões de gramática, é verdade. Mas há também questões de literatura e de interpretação de textos. Por que então, damos tanta ênfase à gramática, ao invés de invertermos ou pelo menos equilibrarmos os critérios de importância, dando mais espaço em nossas aulas à literatura e interpretação de textos?
>
> c) em muitos testes vestibulares incluídos, a redação é eliminatória. Portanto não é verdade que crucial para a aprovação é a gramática;

> d) admitindo que a gramática fosse importante; então deveríamos estar formando alunos que teriam notas próximas de dez em provas de gramática. Mas, o que se vê são alunos que, depois de uma década de aulas de gramática, tiram notas mais próximas de um do que de dez.

3.3.2.3 A gramática contextualizada

Continuando a análise das entrevistas, percebe-se pela fala dos investigados, o que também se tornou a partir de meados dos anos 90 uma idéia fixa entre os professores de Língua Portuguesa, a opção pelo ensino de gramática contextualizada, ou seja, a gramática no texto. Essa idéia, explicitada nos PCNs (1998, p.28) de que:

> assim, não se justifica tratar o ensino gramatical desarticulado das práticas de linguagem. É o caso, por exemplo, da gramática que, ensinada de forma descontextualizada tornou-se emblemática de um conteúdo estritamente escolar, do tipo que só serve para ir bem na prova e passar de ano - uma prática pedagógica que vai da metalíngua para a língua por meio de exemplificação, exercícios de reconhecimento e memorização de terminologia.

Os PCNs priorizam as necessidades apresentadas pelos alunos a partir da produção, leitura e escuta de textos, mediados pelo professor, numa prática reflexiva, pois exercícios mecânicos, repetitivos, estruturais são ineficazes e não melhoram em nada as habilidades lingüísticas.

O conceito de gramática contextualizada que está posto na fala dos professores é a compreensão do texto como o contexto em que se observam determinados usos da língua, ou seja, o texto acaba se transformando em mero pretexto para exercícios de reconhecimento gramatical.

Assim, esquece-se a unidade de sentido e o discurso. É o que se observa quando o professor faz um levantamento das categorias gramaticais num texto, sem estabelecer relações de sentido entre elas e o sentido geral do texto.

Essa abordagem gramatical, na verdade, apenas passou da gramática da frase para a do texto, mas o limite ainda é a frase, pois não se estabelecem nexos semânticos entre os termos, frase e texto.

Professora 7

olha infelizmente eu ainda vejo o ensino da gramática é hoje nós deveríamos estar ensinando sempre a gramática contextualizada sempre a gramática dentro do texto mas o que a gente percebe dentro das escolas é que isso é uma utopia na verdade a gramática é utilizada simplesmente aula de gramática hoje nós vamos estudar os substantivos o substantivo é isso o verbo é aquilo vamos tomar uma lista de verbos vamos declinar o verbo então isso é gramática tradicional então hoje infelizmente não é ensinada a funcionalidade da língua e sim aquele conteúdo estanque diferente e o aluno não consegue ver depois o substantivo dentro do próprio texto não consegue encontrar um verbo se ele está conjugado se ele não está

Professora 8

eu trabalho bem contextualizada né texto a gente tira lá do texto da interpretação do texto e tem no livro didático a parte da gramática mesmo tem os exercícios gramaticais do livro didático

Professora 9

a gramática normativa mas a gramática dentro do texto em que ele vai aprendendo a gramática sem a nomenclatura

Então você trabalha a gramática a partir do texto?

a partir do texto ou como hoje né a partir de uma atividade partir do bingo nós trabalhando com substantivos e aí vamo fazê agora eles deduzirem que são esses substantivos

Professora 11

eu essa é uma questão assim que às vezes barra nas novas escolas nas teorias construtivistas é, mas eu procuro trabalhá a gramática só e em contexto as duas porque nosso aluno de escola pública ele não é preparado então como eu tava te falando quando ele vai pro mercado de trabalho ninguém vai perguntá se ele veio de uma escola pública ou particular porque interessa suas competências suas habilidades como você vai tratá daquele assunto embora hoje a gramática seja pregada para estudar contextualizada que nós vemos nos concursos nos vestibulares não é isso não condiz com a realidade o professor muitas vezes se ele não busca capacitação conhecimento ele não vai sabe trabalhá a gramática contextualizada nem o próprio professor porque existe professores que são formados ene anos né então se ele não buscá esses novos conhecimentos ele não vai ensiná nem contextualizada nem só ser gramaticista no caso né então eu acredito que ela tenha ela tem que ser contextualizada, mas ele tem que ter a noção do que é a gramática em si

Professora 12

de forma reflexiva sim

O que seria de forma reflexiva?

em cima dos textos né trabalhada no texto né não isolada solta

Professora 13

solta eu acho que não a partir do texto ela contextualizada

Professora 14

ela por ela mesmo não mais ela é importante na medida em que o aluno precisa pra que ele possa usá a concordância adequada pra que ele possa tá usando o português adequado precisa ter algum conhecimento de gramática se não ele não faz isso

3.3.2.4 A gramática – interação lingüística

Fazer do ensino de língua uma atividade centrada em situações reais de uso, aproveitando os recursos expressivos usados pelos alunos é preocupação de alguns professores:

Professora 12

por que ensinar por exemplo a análise sintática pros alunos já que não serve para nada no dia a dia né porque não ensinar o aluno a escrever tudo aquilo que está pensando né por exemplo ele tem um problema no bairro não se resolve há tempos

ensinar o aluno a buscar solução para ele

Então seria uma língua voltada para a sociedade? Ensino da língua voltada a sociedade?

sociedade aquilo que ele vive os problemas que ele tem né

Para Neves (2003, p.128) ensinar gramática:

> é, acima de tudo, propiciar e conduzir a reflexão sobre o funcionamento da linguagem, e de uma maneira, afinal, óbvia: indo pelo uso lingüístico, para chegar a resultados de sentido. Afinal, as pessoas falam – exercem a faculdade da linguagem, usam a língua – para produzir sentidos, e, desse modo, estudar gramática é, exatamente, pôr sob exame o exercício da linguagem, o uso da língua, afinal, a fala.

Nessa forma de ver, a gramática em questão não é a normativa, mas aquela que privilegia a reflexão sobre a linguagem e sobre o uso lingüístico, contemplando os atos de fala dos interlocutores.

Partindo desse pressuposto, observa-se que o importante nesse processo de interação lingüística é a produção de sentido do falante e do ouvinte através da linguagem, pois assim é que se estabelecem e se mantêm as relações humanas.

Neves (2003, p.129-130) esquematiza um modelo de interação lingüística, mas deixa claro que é apenas um flash e que obviamente falante e ouvinte mudam constantemente de papel:

> a. Do lado do falante:
> a1. quem fala tem a intenção de obter alguma modificação no conhecimento, no pensamento, no comportamento (etc.) de seu interlocutor;
> a2. mas quem fala tem alguma noção (pouca ou muita, quanto mais, melhor) de qual seja o conhecimento, o pensamento, o comportamento (etc.) de seu interlocutor;
> a3. sobre essas duas bases ele faz suas escolhas – dentro daquilo que o sistema permite, por exemplo, em português, sem nunca pôr um artigo depois do substantivo – do modo que ele considera que seja o que vai obter de seu interlocutor tal ou tal interpretação (que seja aquela interpretação que melhor cumprirá aquilo que era a sua intenção).
> b. Do lado do ouvinte:
> b1. há uma expressão lingüística (um produto enunciado) que deve ser interpretado, mas essa interpretação tem a expressão lingüística apenas como pista, como mediação, porque uma interpretação sempre procura recuperar uma intenção: no fundo, cada pessoa que recebe uma expressão lingüística (uma mensagem) sabe que quem a produziu queria alguma coisa com a expressão;
> b2. para a interpretação de uma expressão lingüística, pesa, pois, o que o receptor saiba dos pensamentos, dos conhecimentos, do comportamento (etc.) de quem a produziu, bem como o que o receptor, a partir daí, considere que tenha sido a intenção do falante ao produzir aquele enunciado.

Feitas essas considerações, depreende-se que os interlocutores quando estão no mesmo plano, ou seja, quando têm conhecimento necessário para a troca lingüística em situações de interação obtêm maior sucesso na comunicação. E quando não se têm a informação referente a um dos interlocutores fica impossibilitado de acompanhar o quadro interlocutivo.

O que se conclui afinal? A língua, sendo um sistema variável apresenta a heterogeneidade com uma característica peculiar. Portanto, os professores ao buscarem o exercício de uma atividade reflexiva sobre a linguagem, rejeitando normas, paradigmas e considerando-a de forma heterogênea, estarão numa perspectiva do tratamento escolar da linguagem mais condizente com as teorias sociolingüísticas.

A Sociolingüística postula que não é natural que se imponham padrões ao uso da linguagem, mas que o contrário ocorra, os quais, certamente, do ponto de vista sociocultural serão submetidos à avaliação, pois diferentes usos são adequados a diferentes situações.

Entretanto, o que se nota pela pesquisa, é que uma parte dos professores ainda se utiliza de lições gramaticais que os livros didáticos apresentam, relegando a segundo plano conceitos como o uso da língua. Observa-se também que há um tratamento formal na prática pedagógica de alguns professores de língua, embora reconheçam que a prática da gramática contextualizada seria conveniente.

Assim se posiciona Saveli (1996 p.123) a respeito da gramática: "... é refletindo com os alunos sobre os problemas que estão aparecendo em seus textos que você vai desenvolvendo o seu trabalho com a gramática em sala de aula".

Dessa forma, o trabalho vai se caracterizar como prática de análise lingüística que ultrapassa o conceito de noções gramaticais, a partir de atividades epilingüísticas que utilizam os recursos expressivos dos alunos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As propostas de ensino, hoje, têm se comprometido com o projeto de formação de um ser humano crítico e atuante, sujeito no processo-aprendizagem.

Nunes (2000, p.162) ao analisar a trajetória profissional de Anísio Teixeira considera que "uma escola pública de qualidade para todos" é aquela "onde a pesquisa é assumida como componente do ensino, e em que os espaços e os tempos da educação sejam significativos para cada sujeito dentro dela".

Diante disso, a área de Língua Portuguesa tem um grande desafio que é transformar os estudos de linguagem em conteúdos significativos para o aluno, pois o ensino puramente prescritivo não é relevante, e a possibilidade de exploração da língua viva foi ampliada.

Partindo desse pressuposto, conclui-se, pela pesquisa, que vêm ocorrendo mudanças de postura em relação à língua, abrindo espaço para variedades lingüísticas, criando situações concretas de interação lingüística e social e para o desenvolvimento de projetos, como forma de garantir a participação efetiva do aluno no processo de construção do saber.

Na maioria das falas dos professores de Língua Portuguesa, a abordagem da língua e da linguagem, voltada para o texto e o discurso priorizam a leitura, a produção e os estudos de gramática numa perspectiva da língua como interação lingüística. Britto (1997, p.110) afirma que é função da escola a transformação dos exercícios de redação:

> em práticas efetivas de produção de textos nas quais os sujeitos apareçam como tais e sua palavra tenha uma razão de ser. Isto implica que não se exercita a linguagem para depois, nem se ensinam recursos e estratégias através de exercícios mecânicos de preenchimento ou substituição.

Vê-se que a preocupação do professor está em legitimar a produção de sentido dos textos dos alunos. A prática pedagógica dos professores, com relação à produção de textos dos alunos tem mudado muito nos últimos anos e a "noção de gênero textual/discursivo foi um dos principais fomentadores", como afirma Bonini (2002, p.43).

Nesse sentido, verifica-se, pela pesquisa, que bons projetos pedagógicos de leitura e produção textual vêm sendo desenvolvidos nas escolas, em que o texto vem sendo trabalhado como unidade de sentido e em sua função interlocutiva. O professor tem explorado a diversidade de gêneros textuais, valorizando aquilo que é próprio do mundo do aluno e fazendo do ensino uma prática social.

O trabalho com textos jornalísticos, poéticos, narrativos, científicos, entrevistas, cartuns, propaganda e outros objetivam desenvolver, além de outras, a capacidade de comunicação oral, escrita e argumentativa dos alunos. Associada à prática da leitura, a produção textual confere ao aluno ampla capacidade de expressar-se por meio da palavra escrita. Em sociedade, ele é submetido a várias solicitações de produção escrita e tal habilidade é adquirida na constante prática de textos lidos e na recriação dos mesmos.

Soares (1999, p.72) reitera que no direcionamento da ação pedagógica do professor de língua para a condução das habilidades textuais dos alunos precisa haver a compreensão "de língua como *discurso*, de língua escrita como atividade enunciativa", de texto, de textualidade, de coerência, coesão, informatividade, as relações autor-leitor, autor-texto, leitor-texto, os gêneros.

Portanto, há inúmeras possibilidades de exploração da "língua viva": viajar pela palavra, pelo som, pela imagem, ficar plugado ao mundo por meio de revistas, livros, jornais, músicas, quadrinhos, pintura, tevê, vídeo, internet. Todo o espaço cultural com o qual se convive os saberes, as relações, a capacidade de interagir com as pessoas e o mundo, tudo isso pode ser discutido nas aulas de Língua Portuguesa.

A questão da oralidade foi considerada na pesquisa como essencial para o desenvolvimento de um bom trabalho, para o favorecimento do dialogismo na escola e para a abertura de novos espaços para a expressividade do aluno, a emissão de opiniões, idéias, dúvidas e anseios.

Há que se considerar que problemas existem no ambiente escolar, e que muitas vezes atrapalham o bom andamento do trabalho do professor, entre os quais, pode-se citar: o desconhecimento de teorias que embasam a ação pedagógica, a prática tradicional devido a cobranças impostas pelo sistema de avaliação nos concursos, nos vestibulares, resistência de alguns profissionais a novidades, falta de comprometimento de alguns profissionais com o processo ensino-aprendizagem, alunos despreparados ou semi-alfabetizados, sem hábitos de leitura e escrita, diferentes realidades em sala de aula, a falta de material de apoio e de bibliotecas bem equipadas.[3]

Entretanto, se há problemas a serem equacionados, vê-se que, tanto os professores quanto os alunos estão imersos num mundo de imagens e palavras que possibilitam um trabalho muito bem articulado com o real, em contextos significativos para o aluno e que se a linguagem é o espaço de interação entre sujeitos historicamente constituídos, são as práticas textuais também, capazes de promover a ação interativa.

Conclui-se que debates pesquisas, estudos são sempre necessários, por parte dos professores, a fim de que a melhoria da qualidade do ensino de Língua Portuguesa seja efetivada nas escolas.

Leituras, grupos de estudos, encontros com a equipe de ensino do NRE de Educação são algumas das estratégias para avançar e acompanhar as novas teorias propostas fazendo do ensino de Língua, uma atividade mediada pelo professor, no afã de interagir com o aluno e de proporcionar-lhe a oportunidade de também interagir com os colegas, os professores, os pais, a comunidade com a qual convive, fazendo-se entender e conseguindo entender o mundo à sua volta, as imagens, os

[3] Essas respostas encontram-se no Relatório-síntese do I ENCONTRO Descentralizado – DCEs Ensino Fundamental, realizado pelo NRE de Ponta em 2004.

símbolos, os signos, a palavra. Enfim, tornando-se um ser histórico atuante, participante, engajado na sociedade.

REFERÊNCIAS

ALVES, R. Revista Nova Escola. **Só aprende quem tem fome**. São Paulo, nº 152, maio 2002. p.45-47.

ANTUNES, I. **Aula de português - encontro & interação**. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.

BAGNO, M. **A língua de Eulália: novela sociolingüística.** São Paulo: Contexto, 2001.

_____. **Preconceito lingüístico: o que é, como se** faz. São Paulo: Loyola, 2003.

_____. **A norma oculta: língua & poder na sociedade brasileira.** São Paulo: Parábola Editorial, 2003.

BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal. São Paulo**: Martins Fontes, 1997a.

_____ . **Marxismo e filosofia da linguagem**. Tradução de Michel e Yara. F.Vieira. 8 ed. São Paulo: Hucitec, 1997b.

BAMBERGER, R. **Como incentivar o hábito da leitura**. São Paulo: Ática, 1988.

BENVENISTE, E. **Problemas de Lingüística geral I.** Tradução de Maria da Glória Novak e Maria Luisa Néri; revisão do Prof. Isaac Nicolau Salum. 4 ed. Campinas, SP: Pontes, 1995.

BEZERRA, M. A. Textos: Seleção variada e atual. In: DIONÍSIO, A. P. & BEZERRA, M. A. **O livro didático de Português: múltiplos olhares**. 3 ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005.

BOMBASSARO, L. C. **As fronteiras da Epistemologia: como se produz o conhecimento.** Rio de Janeiro: Vozes, 1992.

BONINI, A. Perspectiva. **Metodologias do ensino de produção textual: a perspectiva de enunciação e o papel da Psicolingüística.** Florianópolis. v.20. n.01, p.23-47, jan/jun 2002.

BOURDIEU, P. **A economia das trocas lingüísticas**. São Paulo: Edusp, 1998.

BRASIL. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Cascavel, Unioeste. Lei nº 9394/96. BRASIL. **Parâmetros curriculares nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino: língua portuguesa.** Brasília: MEC/SEF, 1998.

BRITTO, L. P. L. **A sombra do caos: ensino de língua x tradição gramatical.** Campinas, São Paulo: Mercado de Letras, 1997.

CAVALCANTE, J. **O jornal como proposta pedagógica**. São Paulo: Paulus, 1999.

DAVIS, C. & OLIVEIRA, Z. de. **Psicologia da Educação.** São Paulo: Cortez, 1994.

DEWEY, J. **Como pensamos**. Tradução: Haydée de Camargo Campos. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1959.

FERREIRA, M. B. **A linguagem discursiva: uma possibilidade ou uma realidade na alfabetização?** UEPG/Ponta Grossa, 1996. (Dissertação de Mestrado).

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

_____. **A importância do ato de ler**. São Paulo: Cortez, 1991.

_____. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa.** São Paulo: Paz e Terra, 1999.

GASPARIM, J. L. **Uma didática para a pedagogia histórico-crítica**. Campinas, São Paulo: Autores Associados, 2002.

GERALDI, J. W. **Portos de passagem**. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

_____. **O texto na sala de aula – leitura & produção**. Cascavel: Assoeste, 2000.

GNERRE, M. **Linguagem, escrita e poder**. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

GOODMAN, K. S. O processo de leitura: considerações a respeito das línguas e do desenvolvimento. In. FERREIRO, Emília & PALÁCIO, Margarita Gomes. **Os processos de leitura e escrita: novas perspectivas.** Porto Alegre: Artes Médicas, 1990.

GUERRA, C. T. Conhecimento psicológico e formação de professores. In: AZZI, R. G.: BATISTA, S. H. S. S; SADALLA, A. M. F. A. **Formação de professores: discutindo o ensino de Psicologia.** Campinas, SP: Alínea, 2000.

KOCH, I. V. **O texto e a construção de sentidos**. São Paulo: Contexto, 2002.

LAJOLO, M. O texto não é pretexto. In: ZILBERMAN, R. (ORGS). **Leitura em crise na escola: as alternativas do professor.** Porto Alegre: Mercado Aberto, 1982.

_____ **Do mundo da leitura para a leitura do mundo**. São Paulo: Ática, 2000.

LURIA, A. R. **Pensamento e Linguagem - as últimas conferências de Luria**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1987.

MACHADO, I. Os gêneros e a ciência dialógica do texto. In: FARACO, C. A. et al. (ORGS). **Diálogos com Bakhtin**. Curitiba, UFPR, 1996.

MARCUSCHI, L. A. **Da fala para a escrita: atividades de retextualização**. São Paulo: Cortez, 2003.

MARTINS, M. H. **O que é leitura**. São Paulo: Brasiliense, 1982.

MOREIRA, D. A. **O método fenomenológico na pesquisa**. São Paulo: Pioneira Thomson, 2002.

NEVES, M. H. de M. **Que gramática estudar na escola? Norma e uso na língua portuguesa.** São Paulo: Contexto, 2003.

NÓVOA, A. Revista Nova Escola. **Professor se forma na escola.** São Paulo, nº 142, maio de 2001. p.13-15.

NUNES, C. Revista Bras. Est. Pedag. **Trajetória intelectual e identidade do educador: Anísio Teixeira(1900 – 1971)**. Brasília, v.81, n.197, jan/abr. 2000. p.154-156.

ORLANDI, E. P. **Discurso e leitura**. São Paulo: Cortez, 1988.

_____. **O que é lingüística**. São Paulo: Brasiliense, 1999.

OZELLA, S. Pesquisar ou construir conhecimento. In: BOCK. A.M.B. (ORG). A **Perspectiva sócio-histórica na formação em psicologia**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.

POSSENTI, S. **Por que (não) ensinar Gramática na Escola**. Campinas. São Paulo: Mercado das Letras, 1996.

PRETI, D. **Sociolingüística: os níveis da fala.** São Paulo: Edusp, 2003.

RODRIGUES, B. B. **A diversidade de gêneros textuais no ensino: um novo modismo?** Florianópolis, SC: Perspectiva, v. 20, nº 1, jan./jun. 2002.

RODRIGUES, R. H. O artigo jornalístico e o ensino da produção escrita. In: ROJO, R. (ORG.). **A prática de linguagem em sala de aula: praticando os PCNs**. São Paulo: Mercado de Letras, 2000.

SANCHEZ, S. G.; KAHHALE, E. M. P. História da psicologia: a exigência de uma leitura crítica. In: BOCK, A. M. B. (ORG). **A perspectiva sócio-histórica na formação em psicologia**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.

SAVELI, E. de L. **O trabalho com a língua portuguesa em 3ª, 4ª e 5ª séries: um processo de mediação e (trans)formação**. UNICAMP/São Paulo, 1996 (Dissertação de Mestrado).

_____ **Leitura na escola: as representações e práticas de professores**. Curitiba: Fortun & Granchelli, 2003.

SILVA, E. T. da. **Elementos de Pedagogia da Leitura**. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

SMOLKA, A. L. B.; GÓES, M. C. (orgs.). A criança e a linguagem escrita: considerações sobre a produção de textos. In: ALENCAR, E. S. de (ORG). **Novas contribuições da psicologia aos processos de ensino e aprendizagem.** São Paulo: Cortez, 1992.

_____. **A linguagem e o outro no espaço Escolar: Vigotsky e a construção do conhecimento.** Campinas: Papirus, 1995.

SOARES, M. B. Aprender a escrever. In: ZACCUR, E. (Org.). **A magia da linguagem**. Rio de Janeiro: DP&A, 1999.

SUASSUNA, L. **Ensino de língua portuguesa: uma abordagem pragmática**. Campinas: Papirus, 1995.

TODOROV, T. **Os gêneros do discurso**. São Paulo: Martins Fontes, 1980.

TRAVAGLIA, L. C. **Gramática e interação: uma proposta para o ensino de 1° e 2° graus**. São Paulo: Cortez, 2002.

VIGOTSKY, L. S. **Pensamento e Linguagem.** São Paulo: Martins Fontes, 1993.

_____. **Psicologia pedagógica**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

VIGOTSKY, L. S.; LURIA, A. R.; LEONTIEV A. N. **Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem.** São Paulo: Ícone. Editora da Universidade de São Paulo, 1988.

APÊNDICES

APÊNDICE 1 - QUESTIONÁRIO PARA PROFESSORES SOBRE A LEITURA

FICHA SOCIOLINGÜÍSTICA

Professor(a)_____
Data de nascimento_____
Endereço residencial: Rua_____ Nº_____
Bairro_____
Fone_____
Formação acadêmica
Graduação:_____Ano de Conclusão____
Especialização: _____Ano de Conclusão____

Escola(s) em que atua	Disciplina	Série
_____	Língua Portuguesa	( )5ª ( )6ª ( )7ª ( )8ª ( )EM
_____	Literat.Inf.-juvenil	( )5ª ( )6ª ( )7ª ( )8ª ( )EM
_____	_____	( )5ª ( )6ª ( )7ª ( )8ª ( )EM

Regime de trabalho
( ) QPM ( ) CLT ( )PSS

1. Há quanto tempo você atua como professora?

_____

2. Cite os últimos cursos de atualização dos quais você participou.

_____
_____
_____

3. Você participa de grupos de estudos? Quais?

_____
_____

4. Quais as suas preferências de leitura?(romance, conto, crônica, jornal, revista, artigo etc.).

_____
_____

5. Cite os últimos livros que você leu.

6. Como você escolhe suas leituras?(por indicação de colegas, pela temática de interesse, por que o livro está sendo bem lido no momento, ou por que outro motivo?)

7. O que você pensa sobre a leitura na escola hoje?

8. Como seus alunos lêem? Você indica os livros, autores, temáticas? Eles escolhem sozinhos? Relate uma experiência da sua prática pedagógica em relação à leitura.

APÊNDICE 2 - ROTEIRO PARA ENTREVISTAS SOBRE A ATUAÇÃO DOS PROFESSORES NOS EIXOS: LEITURA, PRODUÇÃO DE TEXTOS E ANÁLISE LINGÜÍSTICA

1. Quais as maiores dificuldades no ensino da língua?
2. Você participa de projetos em sua escola? Individualmente, ou seja, na sua disciplina, ou em grupos de professores?
3. O que você pensa desta forma de trabalho?
4. Você tem trabalhos publicados? Em que revista?
5. Qual livro didático você utiliza?
6. Como vocês escolheram o livro didático?
7. Qual a importância dele na sua prática diária?
8. Você considera a gramática importante para o aluno?
9. Qual o objetivo do Ensino de Língua Portuguesa em relação à norma culta?
10. Que concepção de linguagem você adota em sala de aula?
11. Você leva em consideração os diferentes tipos de linguagem que seu aluno apresenta?
12. A língua é o veículo lingüístico de comunicação, usado em situações naturais de interação social. Como você encara este conceito no seu dia a dia de professor(a)?
13. Relate uma experiência sociolingüística interessante que já ocorreu em uma de suas aulas(variedades lingüísticas, a partir de vivências culturais diferenciadas...)
14. Você oportuniza o trabalho com diferentes linguagens em sala de aula (jornal, propaganda, TV, vídeo, música, teatro, dança, desenho etc)?
15. Você usa conhecimentos de Lingüística, Sociolingüística, Psicolingüística como Ciências que ajudam no ensino da Língua?
16. Como você vê a Lingüística no Curso de Letras?
17. O professor de Língua Portuguesa conhece a Lingüística?
18. Como você enfoca a questão do texto na sala de aula? O texto é pretexto?
19. Como você trabalha a oralidade?
20. O que você acha mais relevante no seu trabalho com a língua?

21. Você acha que o ensino de Língua deveria mudar nas escolas?

22. Muitos teóricos afirmam que os professores de Língua Portuguesa têm uma concepção de aprendizagem clássica, onde o conhecimento vem acabado, numa forma sistematizada. Saber o nome das categorias, formas de classificação servem para falar da língua, é metalinguagem. É preciso que haja o conhecimento epilingüístico (conhecimento em atos, não para falar das coisas, mas para construir discurso metalingüístico). O que você pensa a respeito disso?

23. Linguagem – língua –sociedade não se dissociam. Como você vê a questão do trabalho em grupo na sala de aula e o trabalho com a diversidade?

24. Os PCNs propõem, diante das problemáticas sociais contemporâneas, alguns temas a serem trabalhados transversalmente aos conteúdos tradicionais(ética, saúde, meio ambiente, pluralidade cultural orientação sexual, trabalho, consumo). Como você trabalha essa questão?

25. Como você procede com relação à avaliação da aprendizagem de seus alunos?

26. A SEED está oportunizando as classes de apoio em Língua Portuguesa, no contraturno (5° série). Quais são suas sugestões para o desenvolvimento desse trabalho?

27. Seus alunos têm acesso a computadores na escola, ou em casa?

28. Sua escola tem laboratório de informática ?

29. E você, utiliza o computador, a Internet como fonte de informações, pesquisa, como ferramenta de trabalho?

30. Em seu livro "A língua falada e o ensino de Português", Editora Contexto, 1998, o professor Ataliba T. de Castilho, da USP, escreve que [...] os recortes lingüísticos devem ilustrar as variedades socioculturais da Língua Portuguesa, sem discriminações contra a fala vernácula do aluno, isto é, de sua fala familiar. A escola é o primeiro contato do cidadão com o Estado, e seria bom que ela não se assemelhasse a "um bicho estranho", a um lugar onde se cuida de coisas fora da realidade cotidiana. Como você encara a crítica que fazem da Escola a esse respeito?

31. Muito se fala da distância entre teoria e prática. Professor e aluno, na concepção histórico-crítica da Pedagogia são co-autores do processo ensino-aprendizagem e juntos devem descobrir a que servem os conteúdos científico-culturais propostos pela Escola? Você concorda com esta afirmação?

32. Relate uma experiência significativa para você.

APÊNDICE 3 - QUESTIONÁRIOS SOBRE PRODUÇÃO TEXTUAL

Dando continuidade ao trabalho de pesquisa, peço que respondam este questionário que diz respeito a seu trabalho com produção de textos. Desde já, agradeço sua colaboração e coloco-me à disposição para trocarmos idéias. Obrigada. Luzia

PROFESSOR(A): _____
ESCOLA: _____

1- Explique como você trabalha com produção de textos.

_____
_____
_____
_____
_____
_____

2- Qual a importância de trabalhar com produção de textos com os alunos?

_____
_____
_____
_____
_____

3- Quais as maiores dificuldades para o aluno na produção de textos? E para o professor?

_____
_____
_____
_____
_____
_____

4- Você trabalha diversos tipos de texto? Você considera essa prática importante?

_____
_____
_____
_____
_____

5- Faça um comentário sobre oralidade X escrita.

_____
_____
_____
_____
_____
_____

6- Na sua opinião existe erro? Como você trabalha essa questão?

_____
_____
_____
_____
_____

APÊNDICE 4 - RESPOSTAS DAS ENTREVISTAS AGRUPADAS POR TEMÁTICAS

1-Quais as maiores dificuldades no ensino da língua?

Professora 1

primeiro é a questão do falante o falar errado acho que isso vem em primeiro lugar do meio em que a criança vive o que a criança traz já de casa da convivência do meio a cultura dela o ambiente em que ela vive ela traz esse vício de linguagem e a partir daí pra gente conseguir que ela mude essa forma de linguagem em primeiro lugar tem que ir vivenciando falando com a criança a partir da conversa da fala pra ela conseguir assimilar e achar que é uma coisa normal do dia a dia falar mais corretamente no momento que ela fala porque eu penso que se pôr no papel isso e querer que ela escreva tudo certinho você vai corrigir lá e apontar erro aqui e ali isso vai brecar mais ainda do que ela já tem essa dificuldade eu acho que na fala primeiro lugar na oralidade a minha prioridade na língua portuguesa é a oralidade primeiro eu tento trabalhar esse lado de desinibir a criança que ela se exponha exponha o pensamento de várias formas conversando abertamente sobre vários assuntos da atualidade trazendo artigos texto e jornal que a gente lê e fala a respeito através da música a criança fala bastante a partir de desenhos e filmes fita de vídeo agora fiz um trabalho com o filme procurando nemo nossa eles adoraram todo dia eles querem falar a respeito nossa interpretação foi um bate-papo com eles vários meios que eu posso mostrar pra eles a norma culta acho que eles se expondo diante dos outros eles vão procurar corrigir as falhas eles não vão querer se expor de maneira errada pra que o colega tire sarro dele

Professora 2

eles já vêem a língua portuguesa como uma língua difícil né fala eu sou professora de língua portuguesa ih então é você sente isso não sei se vem desde que eles estavam de primeira a quarta série ou se houve alguma coisa, mas algum tipo de

barreira algum tipo de até mesmo algum professor que impôs pra eles e passou pra eles a língua portuguesa de maneira né não digo errada, mas de uma maneira assim que a nosso ver não seria legal

Professora 3

a escrita a escrita e a parte gramatical também porque os alunos é aquilo que eu te falei eles não têm noção o que que é um substantivo o que é um verbo não sabem diferenciar um verbo estou falando isso porque eles tão trabalhando o verbo na 6ª série não sabe diferenciar o que que é o presente o passado e o futuro então não tem como trabalhar de uma forma assim mais mais moderna é tudo muito bonito na teoria tudo muito bonito, mas na prática é diferente

Professora 4

no ensino médio tá sendo a falta de interesse

E no ensino fundamental?

no fundamental eu trabalhei com 5ª série a 5ª série chegando no colégio eles têm bastante dificuldade que eu diria e de ensinar a língua eu não encontro assim dificuldade em ensinar a língua no ensino fundamental não encontro mais interesse sabe dentro do ensino médio é a falta de interesse daí no ensino fundamental as dificuldades que eles trazem normalmente a questão da escrita e a questão ortográfica na oralidade a questão da gíria né que

Professora 5

é então eu considero assim eles têm problema de leitura é percebo também mais a falta de interesse que olho assim o objetivo geral né alguns se interessam muito mais alguns deixam a desejar eles lêem muito rápido e lêem errado eles não têm paciência de ler a palavra até o fim e na escrita a mesma coisa os alunos escrevem pela metade

Professora 6

bom eu acredito que como a gente sempre comenta quando os alunos chegam na escola eles já deveriam estar alfabetizados eles já deveriam compreender a língua portuguesa conseguir ler um texto e dizê pra gente o que significa o que entendeu do texto só que ele não consegue eu acho que a maior dificuldade é essa que a gente não consegue dar um encaminhamento maior pras aulas de língua portuguesa mesmo literatura infanto-juvenil pela dificuldade que o próprio aluno traz dentro da língua portuguesa

Professora 7

olha infelizmente eu ainda vejo o ensino da gramática é hoje nós deveríamos estar ensinando sempre a gramática contextualizada sempre a gramática dentro do texto, mas o que a gente percebe dentro das escolas é que isso é uma utopia na verdade a gramática é utilizada simplesmente aula de gramática hoje nós vamos estudar os substantivos o substantivo é isso o verbo é aquilo vamos tomar uma lista de verbos vamos declinar o verbo então isso é gramática tradicional então hoje infelizmente não é ensinada a funcionalidade da língua e sim aquele conteúdo estanque diferente e o aluno não consegue ver depois o substantivo dentro do próprio texto não consegue encontrar um verbo se ele está conjugado se ele não está

Professora 8

gramática

Por quê?

porque eles não têm nada de noção eles não têm nenhuma noção anterior e pra eles é muito difícil

E você acha importante eles saberem a gramática?

eu acho e eles têm uma dificuldade bastante grande e é, por exemplo, assim encontrá um verbo no texto um substantivo eles têm dificuldade é numerá mesmo substantivo abstrato adjetivo é bem complicado

Professora 9

principal mesmo é a falta de boa vontade dos alunos é eles quererem realmente aprendê alguma coisa eles não tem estímulo aprende pra que então até que você consiga resgatá esse esse amor próprio porque que ele tem que aprende ou aonde ele vai chegá se se ele é benéfico demais daí você consegue trabalhá com ele a maior dificuldade acho que é essa

Professora 10

Ortográficos a caligrafia é muito feia a concordância de colocar no plural essas coisas assim uma dificuldade imensa, mas na verdade a maior dificuldade está no desinteresse e na indisciplina

Professora 11

eu acredito que é a falta de leitura o que eu percebo trabalhando de quinta a oitava série agora né é que eles vem não sei talvez o ciclo básico, não esteja ajudando como deveria mais decaiu muito a qualidade do ensino de aprendizagem das crianças né

Então você observa pela escrita?

pela escrita pela leitura né ela a criança de um modo geral assim nós temos muitas folhas ainda a ser supridas e que o professor de quinta a oitava com cinqüenta minutos não tem o tempo de fazê com que essa criança né é dissimule essa dificuldade então desde família silábicas é a parte fonética né na entonação na questão da leitura então as dificuldades são imensas

Professora 12

acho que a maior dificuldade do ensino da língua é incentivá a leitura né estar trazê o hábito de lê pro aluno porque a maioria dos alunos não querem ler né então incentivá porque não foram desde pequeno estimulando a ler e depois é a escrita né fazer textos né produzir textos

Professora 13

esse ano eu estou trabalhando assim com quinta séries nas três escolas que eu trabalho e uma coisa que eu tenho sentido bastante dificuldade são nossos alunos que estão vindo do município a questão da escrita e da leitura eles estão vindo com bastante deficiência nessas duas áreas eles não estão escrevendo eles não estão lendu nós temos alunos de quinta série quase que não sei se posso usar o termo analfabeto, mas estão assim com muita dificuldade

Acha que isso se deve a que, a maneira como o sistema?

eu não sei eu não conheço muito muito assim os ciclos como é trabalhado os ciclos no município também sei que não é questão dos professores né é aquela questão de como que está a educação o ensino hoje no nosso país

Professora 14

a maior dificuldade é que o aluno ele lê e não entende o que ele lê pela falta de leitura fora do contexto da escola por ele não exercitá a leitura no dia a dia então quando ele vai ler alguma coisa diferente ao conteúdo ele tem dificuldade de interpretação ele lê mas não consegue entendê tudo o que ele lê

Professora 15

é um pouco da do problema da falta de leitura que eles têm o gosto pela leitura é difícil de você conseguir despertar neles e segundo passo seria a escrita mesmo que eles não prestam dá impressão que não prestam atenção no que tão escrevendo né eles então comem muita letra acentuação pra eles não é importante então seria nesse sentido leitura e escrita

Professor 16

ah no ensino da língua portuguesa pra que série

Nós vamos falar do fundamental.

ah tá de quinta a oitava

veja bem eu tô trabalhando com quinta a oitava pela primeira vez na minha vida né eu sempre trabalhei com segundo grau a não ser aquela experiência de três meses lá na tua escola com oitavas séries né o resto do tempo todo ele segundo grau né, mas o que a gente percebe que quando eles chegam na quinta série eles já vêm com uma defasagem da da da do do ensino de primeira à quarta do primário eles já têm uma, por exemplo, você tem alunos na quinta série que ainda não sabe nem soletrá né não consegue não consegue juntá letrinhas né não consegue é é sílabas também ele não consegue lê né ele não consegue nem identificá

Então você acha que a maior dificuldade é a escrita?

eh a maior dificuldade é é leitura e escrita porque uma coisa pressupõe a outra né

Professora 17

acho que a falta de vontade realmente do aluno é muitas escolas falta até de material e pra mim na minha concepção é a falta de vontade do aluno a maior dificuldade

Professora 18

a influência da mídia a influência dos pais em casa eles falam errado porque os pais falam errado os amigos os colegas as gírias isso é o que ajuda colabora pra que eles falem errado

2- Qual o objetivo das aulas de língua portuguesa em relação à norma culta?

Professora 2

acho que pode aproveitar esse falar do aluno no dia-a-dia pode mostrar pra ele como que você fala como é a forma culta, mas sem agredir a forma com a qual ele fala

Professora 3

eu cito exemplo pra eles falo de mim mesma eu digo assim ah em casa às vezes você escorrega né você fala uma gíria a gente abrevia as palavras fala de uma forma mais simplificada

Professora 4

é complicado né porque a nossa clientela aí é aquela que fala "peguemo" "compremo" "brinquemo" e é vício de linguagem isso a gente sabe que é e não tirá deles não tira porque eles convivem com isso né então por mais que você ensine eles sabem que eles estão falando errado, mas eles continuam falando e escrevendo errado

Professora 6

não somente essa, mas valorizar o que eles já sabem né o que eles trazem de casa porque eles convivem com Isso, mas mostra a diferença dentro do falar corretamente com a linguagem que eles usam

Professora 8

olha eu acho que é função da escola ensiná a norma culta, mas é função da escola também aceitá o jeito que eles vêm claro que tem uns absurdos que não dá pra gente aceita né tem umas coisas assim que a gente tem que ensina, mas você não vai ãh exigi que eles falem todos os "s" "r" "n" das palavras que vai ficá eles vão ficar pedantes inclusive você se você começá a fala muito cheio de "s" e "r" você fica uma pessoa ( )

Mas você aproveita essa linguagem do aluno?

ah com certeza esses dias ainda nós estávamos conversando né sobre isso que falando eles podem fala, por exemplo, falá né, mas pra escreve eles têm que escrever falar

Professora 9

em relação a norma culta que o aluno se aproxime quanto mais perto dela seria melhor né mais a função seria aproximá-lo mais não é não fazê com que ele se cale só porque eles não fale a norma culta

Professora 10

é dar as noções das formas gramaticais das normas padrão pra que eles saibam se colocar diante da sociedade e ser bem aceito com um bom vocabulário seja claro nas suas colocações seja bem recebido que ele consiga alcançar seus objetivos se comunicando bem

Professora 11

nós trabalhamos no caso não faz muito tempo não sei se ainda estou assim não faiz muito tempo que estou com a língua portuguesa eu trabalhava língua estrangera então é nós tentamos em sala de aula as diferentes linguagens, mas porque eu acredito que a norma culta uma vez que ele tá tendo o conhecimento acadêmico né quase que entre aspas uma obrigação dele conhecê a norma culta não que ele não vá considerá as outras linguagens né isso é importante pra ele conhecê pra ele adaptar-se as outras realidades também porque nós não vamos transformá uma pessoa um senhor que trabalha na horta aqui né então não temos que conhecê a manera como ele adequar-se a ela

Professora 12

sim o aluno tem que sabê a norma culta né ela está nos livros ela está na mídia o aluno precisa sabê a norma culta ele não utiliza no dia dia, mas ele precisa sabê

Professora 13

A função da escola é mostrar para eles a norma culta?

isso com certeza gente mostrar os caminhos pros alunos né porque eles trazem assim de casa uma certa variedade lingüística do ambiente que eles vivem

Professora 14

eu acho que a escola tem mais é obrigação de prepará o aluno pro mundo né i o mínimo que ela tem que fazê é fazê com que ele domine a linguagem culta porque é dela que ele vai precisá pra fazê a diferença lá fora

Professora 15

Bom é eu acredito que seja a compreensão dessa norma né não uma exigência né eles podem eu falo pra eles inclusive que eles têm duas línguas diferentes a língua falada e a língua escrita na fala eles podem tudo eles tão presentes eles podem modificá se a pessoa não entendê eles podem perguntá mais na escrita daí já tem que ser a culta pra que todos né possam se entender

Você aproveita essas variedades lingüísticas do aluno?

aproveito aproveito eu aproveito os textos deles mesmo a gente acaba fazendo a interpretação dos textos deles quando eles produzem né normalmente uma vez por semana eu faço produção textual aí eu passo escolho aleatoriamente ou então algum tema que a gente tenha trabalhado mais forte é. eu coloco numa folha maior daí a gente faz apresentação daí a gente vê a variação que também é um trabalho bem interessante eles gostam

Professor 16

é a minha visão sobre isso é exatamente isso a escola ela tem que ensinar a norma culta como uma das possibilidades né de comunicação né eu trabalho muito com meus alunos essa questão de que não existe certo ou errado né o que existe é o adequado e o inadequado em determinado momento né e a norma culta a norma padrão digamos assim né porque a norma norma culta ãh dá dá a impressão de ser uma coisa preconceituosa então eu prefiro a norma padrão porque é interessante que os alunos saibam que num país tão grande quanto o Brasil é preciso que haja uma certa uniformidade em alguns momentos (...) ele não pode usá a linguagem que aprende em casa ou na sua comunidade o tempo todo porque as outras comunidades são diferentes das dele né

Professora 17

o falar e o escrever corretamente né se expressar corretamente

3- E a gramática? Você acha importante a gramática para o aluno?

Professora 1

É importante acho importante, mas depende de como você trabalha trabalho primeiro a questão da oralidade dentro da expressão oral e da produção de texto que o aluno vai expressar aquilo que ele sabe partindo das falhas que ele apresenta no texto eu vejo isso como uma forma de nortear meu trabalho a partir daquilo ali eu retiro elaboro questões atividades envolvendo essas dificuldades gramaticais deles em cima disso

Professora 2

Eu ainda sô assim meio tradicional eu acho que a gramática é importante né não tem como você trabalhar a língua portuguesa se você não repassar a gramática

Professora 3

a gramática é uma coisa bem complicada porque veja tem que falar só do fundamental ou do ensino médio ensino médio, por exemplo, se você não cobra a gramática aluno do colégio particular o professor segue direitinho livro ou a apostila que é toda gramática bem tradicional aí o aluno vai fazer um concurso ou vestibular o que que cai cai gramática cai produção de texto então se a gente não trabalha com o aluno da escola pública gramática ele vai ficar em desvantagem com o aluno da escola particular

E no fundamental?

no fundamental eu também trabalho, mas eu procuro trabalhar mais com produção de texto

com leitura interpretação bastante eu gosto de trabalhar bastante trabalhos é orais apresentação oral

Professora 4

eu acho importante e acho muito difícil trabalha assim ela totalmente contextualizada eu sô meio tipo assim eu gosto antes de trabalhá ela o contexto no texto eu gosto primeiro de explicá explico toda a gramática primeiro eu sô meio antiga nesse ponto depois trabalha ela dentro do texto eu não consigo trabalhá ela separada porque eles não aprendem

Você parte da explicação pro texto?

eu parto aa explicação pro texto daí dentro do texto a gente trabalha né com os exercícios exemplos

Professora 5

bem a gente tem um currículo né a gente tem que tentá ensiná o que está ali, mas eu não fico presa a essa questão no primeiro ano que eu dei português eu fiz uma avaliação um diagnóstico no começo do ano e vi que eles têm bastante dificuldade pra escrevê a questão da ortografia, mas principalmente pra organizá o pensamento pra passá no papel né tô partindo dessas necessidades dessas dificuldades que eles estão tendo pra iniciá né

Professora 6

patindo do texto primeiro trabalhamos o texto a interpretação texto literário ã hã e aí vamos pra parte da gramática nós usamos frases do texto tudo direcionado e depois si eu ver que a turma precisa que não houve um entendimento bem daí eu faço separado

Professora 7

olha infelizmente eu ainda vejo o ensino da gramática é nós deveríamos estar ensinando sempre a gramática contextualizada sempre a gramática dentro do

texto, mas o que a gente percebe dentro das escolas é que isso é uma utopia na verdade a gramática é utilizada simplesmente aula de gramática hoje nós vamos estudar os substantivos o substantivo é isso o verbo é aquilo vamos tomar uma lista de verbos vamos declinar o verbo então isso é gramática tradicional então hoje infelizmente não é ensinada a funcionalidade da língua e sim aquele conteúdo estanque diferente e o aluno não consegue ver depois o substantivo dentro do próprio texto não consegue encontrar um verbo se ele está conjugado se ele não está

Professora 8

gramática

Por quê?

porque eles não têm é nada de noção eles não têm nenhuma noção anterior e pra eles é muito difícil

E você acha importante eles saberem a gramática?

eu acho e eles têm uma dificuldade bastante grande é é, por exemplo, assim encontrá um verbo no texto um substantivo eles têm dificuldade é numera mesmo substantivo abstrato adjetivo é bem complicado

E como você trabalha a gramática?

eu trabalho no bem contextualizada né texto a gente tira lá do texto da interpretação do texto e tem no livro didático a parte da gramática mesmo né tem os exercícios gramaticais do livro didático

Professora 9

a gramática normativa, mas a gramática dentro do texto em que ele vai aprendendo a gramática sem a nomenclatura sim a usada não é

Então você trabalha a gramática a partir do texto?

a partir do texto ou como hoje né a partir de uma atividade partir do bingo nós tamos trabalhando com substantivos e aí vamo fazê agora eles deduzirem que são esses substantivos

Professora 10

é dar as noções das formas gramaticais das normas padrão pra que eles saibam se colocar diante da sociedade e ser bem aceito com um bom vocabulário seja claro nas suas colocações seja bem recebido que ele consiga alcançar seus objetivos se comunicando bem

Professora 11

eu essa é uma questão assim que às vezes barra nas novas escolas nas teorias construtivistas é, mas eu procuro trabalhá a gramática só e em contexto as duas porque nosso aluno de escola pública ele é preparado

então como eu tava te falando quando ele vai pro mercado de trabalho ninguém vai perguntá se ele veio de uma escola pública ou particular porque interessa suas competências suas habilidades como você vai tratá daquele assunto embora hoje a gramática seja pregada para estudar contextualizada que nós vemos nus concursos nos vestibulares não é isso não condiz com a realidade o professor muitas vezes se ele não busca capacitação conhecimento ele não vai sabe trabalhá a gramática contextualizada nem o próprio professor porque existe professores que são formados ene anos né então se ele não buscá esses novos conhecimentos ele não vai ensiná nem contextualizada nem só ser gramaticista no caso né então eu acredito que ela tenha ela tem que ser contextualizada, mas ele tem que ter a noção do que é a gramática em si

Professora 12

de forma reflexiva sim

O que seria de forma reflexiva?

em cima dos textos né trabalhado no texto né não isolada solta

Professora 13

solta eu acho que não a partir do texto ela contextualizada

E qual que você acha o objetivo de língua portuguesa com relação a norma culta?

a gente mostrar os caminhos pros alunos né
porque eles trazem assim de casa uma certa variedade lingüística do ambiente que eles vivem

Professora 14

ela por ela mesmo não mais ela é importante na medida em que o aluno precisa pra que ele possa usá a concordância adequada pra que ele possa tá usando o português adequado precisa ter algum conhecimento de gramática se não eles não faz isso

Professora 15

importantíssima sô bem gramatiquera assim passo gramática porque eu sinto que eles aprendem um pouco mais quando a gente passa os as nominações mesmo né eles parecem que se interessam um pouco mais se simplesmente largá lá e não falá pra eles o que que é aquela palavra se é um substantivo ou não eles não se interessam

Professor 16

deixa eu ver a gramática sempre vai ser importante né ela talvez não seja a mais importante, mas ela é importante porque você tem que conhecê um pouco como se constrói a língua né porque mais tarde quando você for trabalhá no segundo grau com os alunos a questão de interpretação de textos tem muita interpretação de texto que passa pelo conhecimento da gramática pelo que o aluno entende do texto principalmente não só a gramática, mas a construção sintática a construção semântica né a essa questão do aluno tem que conhecê pra pode interpretá

Professora 17

eu sô ainda daquelas professoras que dá gramática no quadro eu não consegui não sei se isso chega até ser uma falha da minha parte, mas eu não consegui me desvencilhar da gramática eu acho que ela é importante eu trabalho com a

gramática às vezes é uma dificuldade que surgiu em algum texto na sala de aula ou às vezes a seguindo o próprio planejamento o próprio planejamento é assim é que eu vou trabalhando

Professora 18

eu acho que é importante porque tem coisas que se você não souber pelo ensino da gramática você não vai falá direito né tem coisas que são fundamentais sim o uso de pronomes os verbos então tem sua importância sim

4- Muitos teóricos afirmam que os professores de língua portuguesa têm uma concepção de aprendizagem clássica, onde o conhecimento vem acabado, numa forma sistematizada. Saber o nome das categorias, formas de classificação servem para falar da língua, é metalinguagem... É preciso que haja o conhecimento epilingüístico (conhecimento em atos, não para falar das coisas, mas para construir discurso metalingüístico). O que você pensa a respeito disso?

Professora 1

partindo da gramática para se produzir outra coisa eu acho que deve ser o processo inverso não partindo da gramática porque normalmente os livros didáticos a maior parte deles é assim traz a gramática listas nomenclatura e a partir disso vai para uma produção e um debate eu já gosto de fazer o processo inverso começar pelo debate sobre o assunto tirar as idéias do aluno sem que ele se preocupe se está falando, escrevendo corretamente a partir disso fazer uma produção de texto trabalho por assuntos de interesse até tive um problema por conta disso trabalhei um ano assim foi como uma experiência com 5ª série os dois primeiros bimestres partindo valorizando mais essa parte da oralidade trabalhei com teatro várias formas de expressão com música com debate e parti para a produção e daí deixei pra trabalhar no segundo semestre em cima da gramática a

partir de tudo isso que eu vinha trabalhando no início que eu coletei registrei como as falhas dos alunos que eu trabalharia no segundo semestre eu achei que estava indo por um caminho maravilhoso agora falando em notas questão de notas as notas foram muito boas porque os alunos se expressaram muito bem todo mundo participou não tive problema com aluno que dissesse "não, eu não quero fazer" eu realmente consegui o objetivo que tinha me predisposto a conseguir só que aconteceu que a professora que estava em licença voltou e retomou os problemas do segundo semestre e o trabalho ficou quebrado e eu recebi uma crítica enorme em cima disso até hoje escuto indireta daqui e dali por conta do meu sistema de trabalho eu queria começar valorizando a parte da oralidade da produção da leitura pra depois pegar a gramática eu não consegui dar continuidade ao trabalho os alunos ficaram com notas ótimas no primeiro semestre caíram terrivelmente no segundo porque a professora do segundo só trabalhou gramática sem levar em conta o que eu trabalhei porque o meu trabalho de gramática seria em cima dos dados que eu havia coletado no primeiro semestre era um laboratório que eu estava fazendo aquele ano eu queria ver se daria certo isso e eu não pude terminar o trabalho

Professora 2

não dificil não acho que até daria pra tentar, mas e isso dá resultado

De acordo com algumas teorias é pra partir da prática. Você acha que os professores em geral fazem isso?

não é mais a gramática pela gramática e eu vejo lá no colégio que a maioria dos professores faz isso também

E isso dificulta para o aluno?

não ele tem já aquela barreira contra a língua portuguesa né dificultá não dificulta às vezes até facilita mais

Professora 3

certamente

mas é teoria e prática em que sentido no geral

ah sim porque é aquilo que a gente sempre ouve falar e a gente concorda, mas é difícil uma duas três pessoas mudarem tem que ser o todo o sistema teria que mudar porque veja é por isso que muito aluno não vem pra escola gazeia aula porque há coisas mais atraentes fora da escola em casa no shopping jogando videogame sei lá a escola aqui é próxima que mais o futebol até a televisão

Então pelo que estou percebendo a escola tinha que ser mais atraente pro aluno?

certamente mas isso não depende de mim de duas três professoras depende do sistema

Professora 4

isso não não importa os nomes né você parte da fala do aluno que nem eu falei dos textos né você pega a fala do aluno a escrita do aluno ali

Professora 6

como que eu posso dizer eu acho que não eu até sugeriria trabalhar um pouquinho de cada entende trabalhá a primeira parte e daí fazer exemplos práticos com eles não deixar de lado então

Professora 7

concordo concordo porque veja a partir dos atos da fala é como eu brincava com os alunos da 5ª série o menino chegou e disse assim "professora meu pai pescou uma taraíra" daí eu falei "uma taraíra" "é professora taraíra é um peixe" daí ele foi explicando o que que era o peixe aí eu disse ", mas você sabe que existe um outro nome pra esse peixe" "sei professora eu sei que é errado falá taraíra, mas a gente sempre fala porque o nome é traíra"então é justamente um dado epilingüístico que vem geralmente da própria fala e que você pode aproveitá em sala de aula pra até comentá o correto ou que nós achamos que é incorreto eu

também não acredito em erro sabe eu acho que os erros que eles cometem são tentativas de acerto se não existissem esses erros qual seria nossa função

Professora 9

Já já comentei, mas é claro que pra uma pessoa prepará alguma coisa em cima de tudo que o aluno fala no que tem que ser melhorado a gente precisaria mais que consegui chegá pra isso né um acadêmico não vai consegui fazê isso agora mais com o tempo consegue mais não vai conseguir trabalhá tudo você tem que associá os dois

Professora 11

óbvio porque você não pode, por exemplo, trabalhá com uma criança que ela ela é mais central né fica eu tentá ensiná pros meus aqui que são rurais tem uma realidade totalmente é tentá colocá o mesmo ensino que eu coloco com uma criança que é de um colégio central né

Professora 12

por que ensinar, por exemplo, a análise sintática pros alunos já que não serve para nada no dia a dia né porque não ensinar o aluno a escrever tudo aquilo que está pensando né, por exemplo, ele tem um problema no bairro não se resolve a tempos ensinar o aluno a buscar solução para ele

Então seria uma língua voltada para a sociedade? Ensino da língua voltada a sociedade?

sociedade aquilo que ele vive os problemas que ele tem né

Professora 13

o ideal seria

Você acha impossível?

não impossível a genti não pode toda aula trabalhá assim né mais em algumas situações eu acho que são possíveis né

Professora 14

eu concordo

Porque você acha?

voltando aquela situação eu acho que a gente tá ensinando português pro aluno né pelo menos no ensino fundamental você tá ensinando ele pra vida pra que ele possa se virá você não está preparando ele especificamente pra um concurso prum vestibular e muitos deles precisam se comunicá basicamente então eu acho que eles tem que parti daquilo que eles já sabem i sabe discerni ou aprendê assimilá mais coisas pra que ele melhore o nível de comunicação dele

Professora 15

eh eu acredito que não por causa do até do que ele vai encontrá lá fora né concursos e tudo mais infelizmente ainda vai ser cobrado dele a nomenclatura né

Professor 16

porque basicamente hoje você ensina a escrita na escola é importante ensinar a escrita, mas tem que ver que muitos alunos não fazer da escrita sua atividade essencial né da sobrevivência, mas o texto oral sim né

Professora 17

sinceramente eu não sei não tenho experiência a respeito disso quem sabe poderia até ser

Professora 18

é complicado porque cada aluno vem de uma família diferente cada qual fala de uma maneira mesmo né então é complicado você sabê ter esse conhecimento é realmente da fala de cada um principalmente quinta a oitava onde a gente nós temos muitos alunos né você não consegue conhecê a fala assim a oralidade ter esse ter esse acesso assim realmente como ele fala você vê algumas coisas ali,

mas você não sabe às vezes que grau de dificuldade ele tem qual em que qual a dificuldade de linguagem realmente que ele tem mais profundo mais difícil eu acho

5- Como você enfoca a questão do texto na sala de aula? O que você acha do texto pretexto?

Professora 1

se você fica só num tipo de texto fica cansativo o livro didático, por exemplo, o aluno diz "ai texto de novo" fica cansativo se você pega textos de variadas fontes artigos de revista dar a chance de eles procurarem eles trazerem o texto de casa que seja do interesse deles ou de repente um texto que ao invés de eles lerem vão ouvir falando contando uma fita vão ouvir uma reportagem em vídeo há outras formas de trabalhar o texto outras variedades jornalísticos

Professora 3

Você considera o texto pretexto pra trabalhar gramática?

também mas também da fala deles até de frases soltas porque veja é você pode pegar e retirar uma frase lá do texto uma frase da fala deles, mas também uso bastante o texto além de do ensino da gramática também pra esta questão de interpretação análise do texto pra uma futura produção

Professora 6

Você acha que o texto é pretexto pra ensinar gramática?

não não digamos assim é eu trabalho com o texto e daí já aproveito porque no livro didático já traiz a seqüência né

Você explora primeiro o texto?

o texto e daí parto pra gramática sabe, mas às vezes assim até que ele substantivo eu faço definição é isso isso isso pro aluno entendê e saber o que é e daí a partir disso a gente vai buscar no texto

Professora 7

olha o texto não é um pretexto pra ensiná gramática a leitura na verdade de um texto ela é necessária pra gente é é perceber como o aluno concebe a própria leitura a própria língua e a escrita porque nós não podemos também dissociá a leitura da escrita isso é muito difícil tanto pro professor quanto pro aluno porque ele acha que lendo ele vai ter que escrevê alguma coisa e ele cobra muito da gente o texto não é tido como pretexto pra ensiná gramática muitas vezes a gente até usa o texto pro ensino da gramática como um exemplo como (...) a gramática dentro do texto, mas primeiro a gente tem que analisá se o aluno se o aluno tem interesse pela leitura como foi explorar a leitura

explorá realmente a leitura e eu ainda acredito pode ser até uma incoerência, mas que a leitura oral deve ser explorada em sala de aula a leitura oral é uma base pra gente sabê em que nível de leitura o nosso aluno está se ele simplesmente faz uma leitura horizontal ou se ele consegue verticalizá um texto se ele consegue percebê nas entrelinhas o que o texto quer dizer né se não é simplesmente a leitura pela leitura sem ele consegui fazê essas associações

Professora 11

que eu aprendi e funciona muito tanto em português quanto na literatura são as duas disciplinas que tô trabalhando né é eu leio e eles me ouvem né então aí eu começo a questioná a fazê perguntas dá oportunidade pra que eles respondam não só através da opção mesmo, e tanto numa quanto na outra né leio muito poesia na literatura e até eu tenho discutido com eles porque você não tem assim você não pode dizê que não gosta de tal coisa se você não conhece né então o texto você tem que lê você tem que relê e eu acredito que a questão do texto tem que ter os três níveis de leitura, tem que ter a leitura interpretação a compreensão e a extrapolação do texto senão ele não flui e não consegue lê essas entrelinhas que o autor te passa a criança não vai ser um leitor crítico né se fala muito nisso é isso que eu penso nós esbarramos muito nisso falamos mais é muito bonito falá agora trabalhar é o que eu te disse que o livro didático é um apoio eu então me incomodo

com a quantidade, mas a qualidade de que eles vão já peguei turmas que andaram com outros professores todos sentindo dificuldade pra colocá do meu jeitinho de trabalho mais sabe quando você vê que uma semente deu certo puxa é por ali mesmo então você vai buscando transformá esse modo essa manera essa didática de sala de aula né, não colocá as crianças, nós fazemos bastante debate né mudamos as carteiras em círculos fazemos assim então as vezes eles dizem assim professora hoje não é aula de educação artística a senhora não é de educação artística porque nós vamos expressá o nosso texto de outra manera com mímica com desenho no quadro

Professora 12

eu acho qui nós devemos partir do texto pras outras atividades né mais de gramática no caso

e a gramática tem que tá inserida lá no texto não adianta eu ensiná a gramática solta né o aluno aprende ali na hora né e depois ele não sabe pra que que ele vai usá então é importante ele sabê aonde ela está né como ela está colocada né porque utilizei o verbo terminado em am e não em ã, por exemplo, no texto né pro aluno é mais concreto

Professora 13

eu acho importante né só que a gente percebe a grande dificuldade deles nessa parte na escrita na argumentação das idéias

o texto literário que a produção se você quiser falar dos dois

ele acaba sendo muitas vezes um pretexto né que a função dele na verdade não né ele deveria ser um texto como uma das formas da gente trabalhá com o aluno a partir né

Professora 14

olha às vezes ele é pretexto eu acho que na língua portuguesa dependendo do texto que você leva ele além de servi pra você trabalhá a língua ele acaba passando

também alguma mensagem pro aluno alguma é em termos de cultura geral termos de formação eu acho que depende muito do que você escolhe pra levá pra sala de aula

da oralidade você já falou que você permite que eles falem bastante

sim eu interajo bastante com eles

Professora 15

bom eu uso com eles várias vários tipos de produção né e também tá colocado ali texto é pretexto eu uso como pretexto pra discussão como pretexto pra discussão da linguagem é da oralidade deles quando eles usam no texto também que daí eu já volto né falá que oralidade é uma coisa escrita é outra então eu trabalho dessa forma

Professor 16

não não o texto é essencial né porque tudo você parte de tudo o que você faiz pra chegá no texto e ao mesmo tempo você parte do texto pra chegá em todas as outras então sempre que eu tô falando de gramática sempre que eu tô tentando falá de semântica essas coisas eu sempre tento fazê isso com o texto né pra que eles não percam nunca de vista que a finalidade de tudo isto é o texto né seja qual for esse texto né oral ou escrito

Professora 17

de repente sim. pode de repente trabalhá algum elemento da narrativa, por exemplo, ou mesmo algum fato lingüístico ou de repente eu quero mostrar a que gênero pertence esse texto é do gênero narrativo fábula com moral este é poema esse é peça teatral mostrá essas diferenças

Professora 18

olhe não não uso como pretexto acho que todo texto ele ensina alguma coisa lógico tem aquele que vai nós temos até no livro didático ele traz isso né traz

vários tipos de texto pra gente compará a idéia né o tema o assunto que cada texto traz, mas eu não uso como pretexto pra fazê outros textos como redação produção de texto não é às vezes às vezes acontece de você daquele texto você vai

Extrair uma temática?

exatamente extrai uma temática pra fazê uma produção então ele serve como uma inspiração um incentivo, mas não

6- Como você trabalha a oralidade? Você privilegia esse aspecto em detrimento de outros?

Professora 1

O que você acha mais relevante no seu trabalho?

em primeiro lugar a oralidade, a expressão do aluno a leitura a interpretação tudo antes da gramática a gramática a partir disso levantando dados do que foi trabalhado a partir daí trabalhar as dificuldades

Professora 2

é quando eu passo algum texto quando eu peço algum texto pra eles agora esse ano eu tô corrigindo assim eu chamo ele senta ali do meu lado e nós vamos corrigindo porque se você for corrigir no quadro às vezes até muito se perde e acaba não pegando direitinho eu tô tentando dessa forma eu vi eu senti alguma diferença sabe você sente quando você corrige no quadro com todos e quando você faz essa correção individual porque ele tá trabalhando com o texto que ele fez

Professora 3

Você trabalha com a oralidade?

oralidade escrita e a leitura

Você acha mais relevante a oralidade do que a própria gramática?

as duas coisas porque o aluno vem com uma determinada variedade lingüística isso a gente sabe a gente não pode dizer isso é certo isso é errado em língua portuguesa depende muito da situação do contexto o aluno vem com a variedade a gente sabe que a gente não deve dizer que é errado não é errado porque dentro do contexto social dele tá certo ele consegue se comunicar consegue entender os outros só que a escola tem que ensinar a outra variedade aquela variedade que vai ser aceita quando ele for arrumar um trabalho né mesmo na escola quando ele for apresentar um trabalho quando ele for conversar com a diretora ele vai ao médico eu sempre deixo claro isso pra eles tanto do fundamental como do médio existe variedade tanto da fala quanto da escrita você tem que saber se adequar isso que é importante e a escola ajuda nisso o aluno se adequar a gente não vai nós não temos que que não pode jogar no lixo o jeito dele falar se comunicar a variedade dele vai continuar existindo

Professora 4

bastante eu parto da fala do que eles vivem do dia a dia eu peço "o que você viveu hoje um momento assim que gravô tua manhã (eu trabalho a tarde) eu percebo assim até tô questionando esse ano essa questão no ensino fundamental eu tenho mais resposta ontem eu trabalhei com 5 ª até com 6ª também agora no ensino médio eles estão não sei se é porque é adolescente nessa fase há um desinteresse bem grande e até conversando com alunos eles disseram assim "professora" "nós estamos aqui só porque nossos pais querem"

Professora 7

a oralidade a oralidade sempre é a questão do vocabulário também eu acho bastante necessário saber o significado de palavras que eles não conhecem pra que eles possam usá-las em outros contextos né

Professora 8

eles apresentam um trabalho hoje ainda eles apresentaram é geralmente em forma de apresentação de trabalho

De leitura?

às vezes eles lêem às vezes eu peço pra que eles se apresentem sem ler hoje, por exemplo, eles apresentaram lenda parlenda trova é fábula e algumas coisa, por exemplo, lenda que é maior uma fábula que é maior eles leram a o versinho a parlenda a cantiga de roda o trava-língua daí eles falam assim que eu

Professora 9

quando o aluno consegue organizar os pensamentos e transpassá pros outros aquilo que ele quis dizê

Professora 10

é mais estimulante o conteúdo da história do que eles contam mais também às vezes um resumo por escrito

Professora 11

que eu aprendi e funciona muito tanto em português quanto na literatura são as duas disciplinas que tô trabalhando né é eu leio e eles me ouvem né então aí eu começo a questioná a fazê perguntas dá oportunidade pra que eles respondam não só através da opção mesmo e tanto numa quanto na outra né leio muito poesia na literatura e até eu tenho discutido com eles porque você não tem assim você não pode dizê que não gosta de tal coisa se você não conhece né então o texto você tem que lê você tem que relê e eu acredito que a questão do texto tem que ter os três níveis de leitura, tem que ter a leitura interpretação a compreensão e a extrapolação do texto senão ele não flui e não consegue lê essas entrelinhas que o autor te passa a criança não vai ser um leitor crítico né se fala muito nisso, é isso que eu penso, nós esbarramos muito nisso falamos mais é muito bonito falá agora trabalhar é o que eu te disse que o livro didático é um apoio eu então me incomodo

com a quantidade, mas a qualidade de que eles vão já peguei turmas que andaram com outros professores todos sentindo dificuldade pra colocá do meu jeitinho de trabalho mais sabe quando você vê que uma semente deu certo puxa é por ali mesmo então você vai buscando transformá esse modo essa manera essa didática de sala de aula né não colocá as crianças nós fazemos bastante debate né mudamos as carteiras em círculos fazemos assim então as vezes eles dizem assim professora hoje não é aula de educação artística a senhora não é de educação artística porque nós vamos expressá o nosso texto de outra manera com mímica com desenho no quadro

Professora 12

eu trabalho o tempo todo né inclusive o porque que eu tô roca

E com os alunos, a oralidade deles?

assim se eles falam alguma coisa se ele tá falando errado a gente corrige né

Você permite, você abre espaço para que eles falam, em trabalhos orais?

é inclusive na minha aula, os alunos não ficam tudo quietinho bonitinho daí às vezes me preocupo né que às vezes entra um diretor né acha que é bagunça n. só que minha aula é mais tumultuadinha

Então você abre bastante espaço para eles falarem?

sim porque trabalhá com jornal sem eles terem espaço para falarem

Professora 13

a leitura oral o mesmo não só leitura do texto oral mais a oralidade deles diante do texto

Eles falam bastante?

eles até têm essa liberdade eles adoram tanto assim na leitura mesmo aqueles alunos que têm dificuldade na leitura, alguns eles ficam meio assim receosos em ler né e outros não eles tem essa espontaneidade né

Professor 16

só a gramática ou as regras de gramática também já não resolvem mais e mesmo porque nós temos duas instâncias comunicativas que a gente tem que não separá né é, mas existem diferenças né que é a comunicação oral que é uma né aí a sociolingüístca talvez traga mais resposta pra você trabalhá com o texto oral e pra trabalhá com o texto escrito aí você vai ter segui um pouco de normas mais rígidas né

que seria a questão da gramática né

Professora 17

eu já tenho trabalhado de várias formas tenho feito diversas experiências eu já tenho feito eles contarem histórias eu gosto muito dessas histórias que eles trazem assim de conhecimento popular, por exemplo, lobisomem mula-sem-cabeça faço eles contá essas histórias em sala de aula gosto de fazê eles declamarem poema também gosto de fazê o jornal falado em sala de aula é enfim a gosto de fazê eles contarem outras histórias outras histórias experiências deles é momentos da vida deles fazê eles falarem

Você abre bastante espaço pra eles pra subjetividade deles pra eles falarem nas aulas?

quando eu consigo quando eu consigo a disciplina que eu vejo que a turma dá condições

7- Você oportuniza o trabalho com diferentes linguagens em sala de aula? (jornal, propaganda, tv, música, teatro, desenho, etc)

Professora 2

trabalho jornal principalmente nós temos o jornal toda quarta-feira vai pros alunos de 5ª e 6ª agora se não me engano pros de sétima também

Vocês fazem parte do projeto cidadão do futuro?

fazíamos não sei se agora vai continuar e sempre que sobra tá indo o jornal por enquanto né então quando sobra algum a gente leva pra sala pra trabalhar junto com eles vídeo eles gostam muito trabalho filmes também

Professora 3

ah sim até textos como eu te falei eu uso não um livro didático apenas vários eu trago texto de jornal da internet às vezes eu imprimo tiro cópia né uma letra de música um poema textos variados

Professora 4

Nossa um monte inclusive aqui nós temos assinatura do jornal diário dos campos

Vocês participam do projeto?

nós participamos

Toda semana?

sim pelo menos ano passado era na quarta né é na quarta ainda na quarta-feira daí nós trabalhávamos muito com jornal

Então pelo que eu vi você leva em consideração os diferentes tipos de linguagem?

Sim levava revistas jornais gibi sabe bastante coisas diferentes e textos bem diferentes assim sabe

Professora 5

eu procuro usá vídeo jornal revista aí textos literários textos informativos bem diversificados pro aluno ter contato com essas diferentes linguagens no caso

Professora 6

eles têm o jornal que eles recebem então trabalhamos diretamente com o jornal

Vocês estão no projeto Cidadão do Futuro? Você acha válido?

ã hã bastante nossa o jornal é riquíssimo pra trabalhar eles adoram toda aula que eles recebem o jornal na quarta eu tenho aula com eles na quinta-feira então chega quinta-feira ah vamos trabalhá com o jornal vamos trabalhá com o jornal

O que você trabalha com a turma?

eu trabalho as notícias a manchete a gente lê faz um apanhado geral primeiro faz um apanhado geral daí eu dô um tempinho pra eles lerem o que interessa pra eles daí eu procuro assim uma notícia que chama a atenção que é importAnte procuro direciona aquela parte do caderno dois que sai as publicações deles ah eu vi no mural *e tem mais dois que ta faltando inclusive eu trabalho com também o jornal da escola*

Professora 7

trabalho trabalho é com jornais eu procuro fazê como a escola aqui não tem o cidadão do futuro

Ah não tem?

o projeto aqui não não então eu procuro trazer notícias pra eles ( ) revistas também revistas semanais como eu tenho assinaturas eu trago revistas pra sala de aula eles dão uma folhada nas revistas é se interam de determinados assuntos que interessam escolhem a notícia pra comentar pra dizê o que que eles pensam a respeito pra que eles também se interem do mundo que o cerca muitas vezes essas notícias até dos jornais da nossa cidade eles tratam o leitor como se o leitor fosse ignorante né então até as crianças percebem isso nas notícias e nas revistas semanais eles têm mais chance de entrar em contato com maior número de notícias que aconteceram na semana toda

Professora 8

ã hã jornal propaganda agora eles fizeram um trabalho sobre folclore eles tão trazendo de casa é parlenda lenda chá casero bastante

Professora 11

exatamente é questão de textos também produção de textos nós estamos com música na língua portuguesa trabalhando eduardo e mônica questão do amor né e no literatura é eu não trabalho assim, só lendo lendo lendo tenta transformá a leitura

deles né então, por exemplo, mesmo sendo quinta série eles estão fazendo agora eles fizeram a leitura de contos e eles vão transformá sob ponto de vista deles aquele conto em teatro em música a expressão artística da literatura né provavelmente daqui a duas semanas este trabalho já esteja pronto sempre nós colocamos em mural né pra que os outros também se socializem

Professora 12

qué vê uma coisa interessane que aconteceu um dia um aluno chego né foi numa aula que a gente tava trabalhando com jornal o aluno chegô dizendo para mim, ai professora a senhora viu lá pra cima como tem buracos naquele meio fio ali ali subindo ali no operário que os pedestres não podem passá ali no meio fio aí eu parei pra pensá verdade daí eu falei assim bom já que a gente tá trabalhando com jornal vamos escrever pro jornal contando isso falando do perigo que tem ali o pedestre passa junto com os carros na rua tal né interessante daí o aluno escreveu a gente viu a estrutura do texto dele e enviamos para o jornal foi publicado porque a menina achô interessante do jornal né e foi publicado uma semana depois não sei se foi o dono com certeza preencheu tudo de terra ali tinha crateras e o dono preencheu tudo de terra ali ele veio todo feliz na semana seguinte né professora a senhora viu a senhora viu tamparam todos os buracos lá do meio fio você viu que interessante pra que serve a comunicação pra que que serve a escrita e daí ele tornô a escrevê ainda falando então do que seria a responsabilidade se era da prefeitura se era do dono do lote e o jornal público de novo um mêis depois houve o calçamento ali né pro aluno aquilo foi uma vitória pra mim também né porque ali a gente viu né o trabalho colocado em prática seu trabalho colocado em prática inclusive eu contei pra todos os professores né

Professora 15

uso uso bastante eu uso mais eu uso bastante jornal e teatro e música são os trêis que eu mais utilizo

Você participa lá do projeto do jornal?

não a escola não tem mais eu tenho ido nas reuniões também né e eu tenho trazido pra sala de aula ( ) eles adoram
olha eu busco sempre trazê a realidade deles até agora tem um jornalzinho daqui do bairro hoje eu trabalhei esse jornal com eles eu tirei os textos do jornal porque daí eles tão mais envolvidos também às vezes vêem até a foto do parente ou foi a mãe que deu entrevista eu busco um pouco da realidade deles

Professor 16
na medida do possível música e filme que é mais fácil e os próprios livros didáticos eles têm eles trazem, por exemplo, eles trazem ali um texto que, por exemplo, é uma receita de bolo que é mais comum, mas eles trazem uma reprodução de uma página de jornal eles trazem a reprodução de, por exemplo, de uma conta de luz uma bula de remédio é por isso que facilita

Professora 18
olha dança e teatro não trabalho porque a professora de educação artística já trabalha mas não é só por isso é meio complicado eu acho meio complicado bem eu acho que talvez eu não tenha muito dom pra trabalhá com essa área sabe dança teatro assim mas tipo assim jornal a gente leva revista né
Vocês participam de algum projeto do jornal?
não sei que a Vera pela manhã até me falô mas a gente não ficô sabendo desse projeto do jornal depois que ela já tinha começado

8- Você participa de projetos em sua escola?

Professora 1
eu acho importante trabalhar com projetos porque é uma forma de inteirar vários assuntos no mesmo trabalho você cerca de todas as formas com vários métodos o assunto que você queira trabalhar e quando eu trabalho com projetos procuro

envolver outra disciplina e eu normalmente sempre trabalho com duas disciplinas ou é português e inglês português e artes linguagem e história envolver outras disciplinas o aluno sente que tem uma importância maior não é uma atividade solta ele sai da escola no outro dia retoma aquilo que ele já tinha visto e numa outra situação com uma outra disciplina outro exercício diferente mas é aquele mesmo assunto então ele vê de vários focos em várias situações o mesmo assunto acho que fica muito mais fácil assimilar

Professora 2

não nenhum

Mas você já participou?

já já participei do vale saber

Que projeto?

eu fiz de histórias em quadrinhos quando eu tava aqui no divino

E foi bem produtivo?

foi eu trabalhava com 5ª séries na época eles gostaram muito uma que eles gostam de histórias em quadrinhos e a partir do momento que eles produziram as histórias deles nossa eles acharam o máximo então eu achei que foi muito bom

E quando você trabalhou por projetos você fez um trabalho integrado com outras áreas?

não eu trabalhei sozinha

Você acha que o trabalho em conjunto é bom? Você já viu professores trabalhando em conjunto?

já e eu acho bem produtivo também porque eles têm uma visão mais ampla

Professora 3

não nunca fiz inscrição de um projeto vale saber era um trabalho interdisciplinar com a professora de geografia mas não foi aprovado

O que você pensa dessa forma de trabalho?

eu penso que deveria a escola toda trabalhar dessa forma né pro trabalho ser mais rico é a mesma coisa trabalhar de forma interdisciplinar a minha monografia foi sobre interdisciplinaridade no curso de especialização agora não adianta dois três professores trabalharem de forma interdisciplinar e os outros não e outra coisa os alunos não têm essa mentalidade o que é trabalhar de forma interdisciplinar teria que começar isso com 5ª série porque de repente você começa lá língua portuguesa tem muito espaço pra isso de repente você trabalha um texto de história um texto de ciências de geografia e até os alunos comentam nossa mas agora não é aula de geografia agora não é aula de ciências eles têm que ter essa consciência eles não têm então isso tinha que ser trabalhado desde as primeiras séries ou pelo menos desde a 5ª

Professora 4

não aqui nós não fazemos projetos

Você já participou de projetos?

participei do projeto vale saber na área de português e na área de inglês

Qual foi teu projeto?

o projeto que nós fizemos deixe eu me lembrá o último foi de teatro daí a gente trabalhô foi lá no divino inclusive que nós trabalhamos fui eu que montei inclusive o projeto não não esse foi o penúltimo foi o teatro que a gente trabalhô com a língua inglesa e a parte de artes esse foi o primeiro esse foi o de inglês o último projeto que a gente desenvolveu lá no divino foi poesia então eu da área de língua inglesa daí eu coloquei também a área de língua portuguesa e a parte de dramatização com eu não lembro se foi educação física ou educação artística que trabalhô a dramatização foi educação artística porque foi com a sabe foi com a daí foi muito legal eles trabalharam a poesia eles criavam a poesia primeiro foi levado várias poesias pra eles depois eles criavam a poesia em português saíram poesias maravilhosas comigo com a minha ajuda passávamos pra o inglês e daí eles apresentavam fizemos um dia de apresentações na escola eles dramatizando as poesias todas em inglês mas primeiro e expusemos as poesias em português sabe

foi muito legal eu acho importante eu muito pobre ( ) textos sabe e assim muita enrolação pra chega ( )

Qual livro era este?

é esse que você falou português em outras palavras

Professora 5

já é bem dinâmico né no ano passado o primeiro bimestre nós trabalhamos com ( ) a parte da cultura das tradições do bairro daí a gente fez passeio eu percebi assim que foi uma resposta positiva trabalhamos eu e a professora de geografia a gente no salto para o futuro né e precisava de um trabalho que nós desenvolvêssemos um projeto daí a gente fez esse trabalho

Você achou interessante essa forma de trabalho?

os alunos participaram assim 95% por cento

Professora 6

não começamos ainda mas a escola desenvolve o projeto novos saberes e sabores cada professor escolhe um tema e desenvolve seu projetinho com a turma

Durante o ano?

durante o ano e depois no final é feita uma apresentação e os alunos mesmo eles já estão se organizando eles querem eles já se acostumaram com isso né e é um trabalho bastante interessante eles gostam muito é que eles fazem eles buscam eles pesquisam né

Professora 7

olha eu já eu tentei fazer vários projetos interdisciplinares tanto no colares que eu trabalho e no regente ainda estou me adaptando mas eu acredito que os projetos interdisciplinares sejam extremamente necessários pro conhecimento do aluno e também pro conhecimento do professor enquanto profissional esse esse projeto interdisciplinar pode deve vir é ao encontro da leitura porque como projeto interdisciplinar de leitura o professor de português não é o único

responsável pela língua então os outros professores que trabalham com história geografia matemática eles também podem inserir a leitura em suas aulas e cobrar do aluno não só a questão da leitura oral a leitura interpretativa mesmo a a leitura a leitura éh não aquela leitura superficial só pra tirá dúvidas mas que ele realmente compreenda né

Professora 8

não

Você fez algum projeto?

já já fiz projeto do vale saber eu fiz um projeto chamado "lendo e criando" que eu fiz so-zinha que era aquele projeto do vale saber individual e depois eu fiz um projeto de jornal que foi em grupo

E como foi a experiência?

foi bem legal os alunos gostaram participaram bastante reportagem foi bastante bastante produtivo bastante interessante

Professora 9

já participei do vale saber né participei de dois vale saber individualmente sem sem tá com projeto montado mas a gente é trabalha com com a sala de leitura que já é uma projeto que já ganha 8 anos já funcionando no colégio nós trabalha com o projeto de folclore na na época do folclore mas sempre tem projeto escrito por exemplo sobre o folclore não tem né

Você acha importante trabalhar com projetos?

eu acho que quando você consegue deliniá montá uma linha no que no que você tá fazendo eu digo assim mais por temas né em cima daquele tema você produz mais você trabalha melhor o aluno nesse sentido mais

Professora 10

já fiz alguns projetos de teatro de leitura de leitura em família onde elas levavam os livros pra casa e com a família e respondiam questões sobre o livro como se fosse uma ficha de leitura mas em forma de questões pessoais toda a família lia e no final tinha um relatório inclusive com a opinião familiar com indicação de outros livros e temos sugeridos pela família pra serem trabalhados na escola por mim isso é importante porque algumas das sugestões foram sobre respeito drogas sexo é violência na família agressividade então demonstra que eles são na escola também são em casa

Professora 11

nós desenvolvemos projeto conjunto aqui na nossa escola

Qual é o projeto?

é o projeto recontando o conto

Como é ele?

começamos no ano passado né começamos com a quinta série e nós vamos para os clássicos todos os livros que nós dispomos na biblioteca de clássicos procuramos na internet outros que nós não temos aqui títulos que a gente não tem e e começamos desde quando surgiu os primeiros contos então a história deles aí depois de feita a leitura nós fazemos interpretação é junto com os professores de história geografia matemática, porque de ser contato justamente naquela época aquele conto né porque daquela história em determinado momento

É um trabalho conjunto?

é um trabalho conjunto e a criança ela consegue vê que no início a leitura é uma forma de educar né não de ensinar só educar como aconteceu já quando surgiu né

Você acha que essa forma de trabalho é bem significativa para o aluno?

Sim pois depois quando eles começam quando eles conhecem essa história como ela for desenvolvida porque que o escritor lançou daquela manera qual era a intenção do momento eles conseguem percebê isso nas artes isso no teatro no cinema a leitura abre um leque muito grande abrange muito as coisas significativas

mesmo né e a questão propriamente de trabalhá a ética a cidadania com eles porque paralelo com isso tem o projeto cidadão do futuro né nós recebemos o jornal nós tentamos associar né fazê associação das idéias das histórias que eles leram com o que acontece no mundo hoje né se aquele personage aquele herói daquela história infantil tivesse vivenciando essa situação política essa situação puxamos pra realidade né

Professora 12

eu participo do cidadão do futuro do diário dos campos participo todo ano do projeto agrinho este ano vô participá também do projeto do itaú escrevendo o futuro

Você já teve experiências bem significativas com o projeto?

sim

Pode contar um?

tem o projeto agrinho né que no ano retrasado tive treis alunos nós fizemos um projeto de lei meio ambiente que passo pela câmara municipal foi aprovado por todos os vereadores e depois o executivo não aprovô né voltô pra câmara e treis vereadores que acataram nosso projeto não foi aprovado mais o projeto era tão bom que eu ganhei o prêmio lá do agrinho

Então o que você pensa dessa forma de trabalho?

projetos?

É?

eu acho bom porque por exemplo o projeto cidadão do futuro ele incentiva a leitura ele incentiva a produção de texto o debate né a oralidade né o projeto agrinho ele incentiva leitura porque ele tem um material muito bom incentiva a escrita por causa dos prêmios né ele qué escrevê ele qué ser premiado e o agrinho ainda faz o aluno pensá sobre a realidade que ele tá vivendo

Professora 13

aqui não aqui na escola sim

O que você pensa dessa forma de trabalho?

eu acho que é uma maneira mais de trabalhá com o aluno né a gente trabalha lá outra escola trabalhamos o ano passado com projeto de de poesia e também numa outra escola que estou trabalhando também nós temos o jornal né então nós estamos ainda encaminhando este projeto do jornal

Este projeto do jornal é do cidadão do futuro?

isso

Então você acha que trabalhar com projetos é uma forma assim bastante significativa para *o* aluno? Uma forma diferenciada de trabalho?

porque a nossa a disciplina o português ele nos abre muitas oportunidades né a gente pode trabalhá muito podemos trabalhar tudo né

Professora 14

olha e como eu tô reiniciando esse ano então

mas o que que você pensa então dessa forma de trabalho, de trabalhar por projetos?

olha eu acho válido né e até como a escola tem o diário da manhã aqui as professoras já trabalham eu tô meio ingressando com elas pra trabalhá com jornal na escola até por essa razão que eu fiz o curso aquele dia né

E além do jornal você trabalha com outras formas de linguagem, com música, com teatro?

é que como eu tô reiniciando agora eu não me programei na frente normalmente eu trabalhava diversificava nesse sentido as aulas ainda não tive tempo de fazê isso

Mas você trabalha?

trabalho trabalho

Professora 15

não aqui na escola nós não ( )

Mas você já participou?

já já participei

O que você achou dessa forma?

eu não não gostei

Não gostou?

não gostei

Por quê?

eu acho que perde bastante

Mas perde como?

eles se dispersam muito não sei se fui eu que não soube trabalhá pode até ser mas eu não gostei nesse sentido eles se dispersam aí os que ( ) no outro colégio a gente trabalhô com o projeto uma vez há uns dois anos era o outro colégio né só que eles se dispersam muito os que se saem melhor acabam fazendo tudo daí os outros né só aproveitam mesmo então seria nesse sentido não gostei nesse sentido

Professor 16

não

O que você pensa dessa forma de trabalho?

não não eu não trabalho com projetos pra crianças né a gente sempre eu gosto de projetos mas já pros mais porque eles têm capacidade de por exemplo trabalhá sozinhos né você dá diretrizes e eles né e as crianças não têm como as crianças de quinta a oitava trabalham muito junto muito inclusive seria interessante que tivesse menos alunos pra poder trabalhá mais individualmente com as crianças que hoje você trabalha com turmas de quarenta e cinco cinqüenta alunos turmas de quinta

Se torna difícil?

ah é muito difícil porque você não consegue dá atenção pros alunos que têm mais necessidade né

Professora 17

não

Só individualmente mas você já participou de projetos

fiz vale saber mas fiz sozinha não fiz com outros professores

O que que você pensa dessa forma de trabalho?

se for bem organizado bem apresentado

Acha válido?

eu acho que sim que pode pode funcioná

Professora 18

já participei e agora esse ano não não

Que projeto você participou?

vale saber acho que foi só

Qual que era a temática?

são vários nem lembro mais ( )

E o que você pensa dessa forma de trabalho?

penso mais em termos de leitura né acho que é bom que incentiva um pouco né a gente acaba fazendo meio que forçá mais faiz um trabalho diferente né porque você acaba que nem esse ano comecei a gente começou a trabalhá com produção de texto até uma a orientadora da manhã falô pra gente fazê um trabalho assim de é imprimi um livro de com os trabalhinhos deles só que aí entra a questão custo a gente precisa de um dinheiro se você o vale saber se a gente tivesse esse dinheiro que entrava pra você investi valeria a pena agora sem sem dinheiro ((risos)) você já pensa ( ) ah mais tem patrocínio tem não sei o quê eu falei mais não é bem assim você sabe que a coisa é mais complicada é desse jeito

9- Conte uma experiência interessante.

Professora 4

Ah eu tive tanta coisa trabalhos que a gente fez pra apresentá teatro que a gente fez em sala de aula que foi bem gratificante

Você acha que isso cativa os alunos?

cativa eles adoram trabalhá com isso principalmente quando você traz textos que mexem com eles da realidade deles do dia a dia deles

( ) no outra escola de inglês e aqui de português e era um texto em inglês sobre a coca-cola não sei se você tava lá na escola essa época não e eu sei que eu trabalhei em inglês com os alunos lá e trouxe o mesmo texto aqui em português pra eles pra nós trabalharmos sobre a origem da coca-cola tal muito interessante que quem criou a coca-cola vendeu muito barato a criação pra uma outra pessoa que nunca ia imaginá que a coca-cola ia ser uma potência né agora nós não temos mais a fábrica da coca-cola aqui não tem né acho que não você acredita que eles se envolveram tanto tanto lá no divino como aqui eles se envolveram tanto no trabalho a gente levô várias aulas trabalhando sobre isso pesquisando daqui pesquisando de lá que eles sem me consultarem foram até a coca cola falando que eram da escola ((eu fico até arrepiada)) diz que fizeram um banzé foram de ônibus montaram equipes porque eles tinham que me apresentá um trabalho pra conhecê a fábrica e pra ter dados da fábrica dados sobre tudo

só que eles nem marcaram nada daí me ligaram de lá e disseram "olha nós estamos com alunos de vocês aqui e eles querem querem dados né" sobre a coca cola e tudo mais só que eles não podem entrá aqui hoje mas nós vamos abri um precedente pra eles eles tão tão uniformizados eles estão aqui foi tão legal sabe? eles foram até lá e trouxeram um monte de coisa sabe panfletos e coisarada e contaram depois que levaram eles visitá ( ) que tinha lá dentro porque pra você levá os alunos na coca cola aquela época você tinha que marcá né eles ficaram lá de prontidão até serem atendidos então achei muito legal

É um trabalho que eles demonstraram interesse?

o que eu achei bacana é que eu trabalhei lá no divino e aqui e no fim teve o intercâmbio faz tempo mas foi muito bacana inclusive a orientadora disse do céu eles ligaram da coca cola aqui mas o que que eu fiz eu não mandei ninguém ei pra coca cola e eles foram

Professora 5

eu tive até foi o ano passado de uma experiência bem positiva mas não foi a única não a que me marcou mais é numa 5ª série que eu trabalhei o ano inteiro com poesia eu adoro poesia além de gostá eu gostá de escrevê então eu percebi assim que tudo que a gente gosta a gente passa pro aluno quando a gente gosta é mui bom porque na verdade a gente não consegue cem por cento mas noventa e cinco por cento eu consegui

Eram leituras, produção?

ah eram muitas leitura eles liam bastante e adoravam lê

Fizeram produções?

fizeram produções bastante também as nossas aulas assim a gente escrevia muito

O que você fez depois?

depois ainda tá em disquete a gente eu não finalizei o trabalho porque não deu tempo eles mesmo foram digitando levavam o disquete pra casa ( ) e daí eles adoravam melhorô a ortografia naturalmente um processo natural você sabe que é assim eles adoravam língua portuguesa então eu fiz eles gostarem da língua dessa forma e agora a minha dificuldade eu estou pensando em fazê isso com meu primeiro ano do ensino médio ou isso ou alguma que eles gostam tenta descobri o que eles gostam a maioria gosta e daí parti daí pra ensina o português

Professora 6

Sabe eu acho assim os alunos estão hiperativos a gente tem que trabalhá assim o tempo todo com atividades diferentes eles já não aceitam mais aquela aula monótona parada de ficar sentado o tempo todo eu percebo assim quando dô uma atividade prática, por exemplo, agora trabalhei essa semana o dia do livro eu

contei uma história do Rubem Alves o barba azul eu comecei contá a história e daí eles vieram na seqüência cada um contando uma página mas sem trabalhá uma pré-leitura antes nada eles ( ) sabe e achei interessante porque muitos queriam participar todos ( ) em alguns lugares eles não participam né e daí trabalhei após a leitura do livro a gente começô abri um né um debate e daí trabalhei um desenho do livro que eles iriam desenhar o que eles mais tinham gostado só que esse desenho teria que ser todo em azul tanto que ali tem alguns ó sabe então eu procuro trabalhá assim daí eles prestam atenção daí eles fazem sabe agora eu percebo assim quando tem uma aula assim com bastante exercício do livro eles já se agitam um pouco mais

Você já desenvolveu algum outro projeto?

trabalhei é viajando com monteiro lobato só que trabalhei mais ensino médio né

E como foi?

foi bastante interessante porque eles fizeram quer dizer eu adorei porque na realidade eu já juntei como projeto cidadão do futuro né trabalhando o jornal com as sextas séries e daí lendo os livros do Monteiro Lobato e daí o ensino médio estão trabalhando o teatro então foi nossa eles aproveitaram bastante a gente feiz um um painel nas escola sobre monteiro lobato com os personagens sabe

Os projetos já conferem esse caráter mais prático né?

ã hã

E eles acabem gostando né?

exatamente porque é uma coisa diferente né e também porque é feito fora da sala de aula né eles adoram pena que saiu né queria que tivesse voltado

continuado

Professora 13

com eles é muitas coisas que eu faço assim eu gostei de confeccioná com eles livros eu tenho um projeto que na escola aqui esse ano ainda não desenvolvi mais vô desenvolvê mais para frente com eles é uma produção do livrinho projeto então eles fazem uma busca de informações com toda família com tias com avós com pais

com família eles buscam bem a origem deles né daí eles produzem um livro começando com o nome deles a origem do nome qual significado fazendo uma autobiografia quem é ele falando um pouco de sua vida

Mas cada um tem o seu livrinho?

cada um tem o seu

Interessante.

ficou uma gracinha eles fazem eles ilustram com fotos eles pedem uma citação que eles pegam uma foto de quando eles eram criança eles tem que relatá o que aconteceu naquele dia especial então eles escrevem né até um aluno falou nossa professora como é interessante a gente consegui voltá no tempo e lembrá de coisas que no dia a dia a gente não consegui não para pra pensá

esse trabalho é interessante também porque ele está lidando com algo que é dele dele eles adoram mostrá esse trabalhinho pros outros né

E você faz uma exposição, uma apresentação?

eles em sala de aula eles vão falá um pouquinho né daí eles falam até mesmo da união da família do pai e da mãe sentá pra fazê esse trabalho junto às vezes ligá pro avô visitá um parente que há muito tempo eles não viam pra pegá umas fotos né

socializando

outro trabalho que eu fiz com eles também foi interessante e eles gostaram foi há um ano passado em agosto com o folclore eles deveriam escolhê uma das lendas paranaense e transformá essa lenda numa história e essa história ia ser um livrinho né então eles poderiam imaginá que o avô estava contando pro netinho a história de uma lenda colocando outros elementos

Livros Grátis

(http://www.livrosgratis.com.br)

Milhares de Livros para Download:

Baixar livros de Administração
Baixar livros de Agronomia
Baixar livros de Arquitetura
Baixar livros de Artes
Baixar livros de Astronomia
Baixar livros de Biologia Geral
Baixar livros de Ciência da Computação
Baixar livros de Ciência da Informação
Baixar livros de Ciência Política
Baixar livros de Ciências da Saúde
Baixar livros de Comunicação
Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE
Baixar livros de Defesa civil
Baixar livros de Direito
Baixar livros de Direitos humanos
Baixar livros de Economia
Baixar livros de Economia Doméstica
Baixar livros de Educação
Baixar livros de Educação - Trânsito
Baixar livros de Educação Física
Baixar livros de Engenharia Aeroespacial
Baixar livros de Farmácia
Baixar livros de Filosofia
Baixar livros de Física
Baixar livros de Geociências
Baixar livros de Geografia
Baixar livros de História
Baixar livros de Línguas

Baixar livros de Literatura
Baixar livros de Literatura de Cordel
Baixar livros de Literatura Infantil
Baixar livros de Matemática
Baixar livros de Medicina
Baixar livros de Medicina Veterinária
Baixar livros de Meio Ambiente
Baixar livros de Meteorologia
Baixar Monografias e TCC
Baixar livros Multidisciplinar
Baixar livros de Música
Baixar livros de Psicologia
Baixar livros de Química
Baixar livros de Saúde Coletiva
Baixar livros de Serviço Social
Baixar livros de Sociologia
Baixar livros de Teologia
Baixar livros de Trabalho
Baixar livros de Turismo